UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP-DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

O estabelecimento da atenção conjunta entre bebês e bebês e outras crianças, em ambientes de cuidado coletivo

Katia Paschoali Miguel

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para obtenção do título de Doutor em Ciências, Área: Psicologia da Saúde e Desenvolvimento.

RIBEIRÃO PRETO-SP
2019

KATIA PASCHOALI MIGUEL

O estabelecimento da atenção conjunta entre bebês e bebês e outras crianças, em ambientes de cuidado coletivo

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento

Orientadora: Profa. Dra. Katia de Souza Amorim

Ribeirão Preto
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Miguel, Katia Paschoali

O estabelecimento da atenção conjunta entre bebês e bebês e outras crianças, em ambientes de cuidado coletivo.

119 p. il. ; 30 cm

Tese de Doutorado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia.

Orientadora: profa. Dra. Katia de Souza Amorim.

1. Atenção Conjunta. 2. Bebês. 3. Díades. 4. Contextos de educação coletivos.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Nome: Miguel, Katia Paschoali

Título: O estabelecimento da atenção conjunta entre bebês e bebês e outras crianças, em ambientes de cuidado coletivo.

Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof(a) Dr(a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof(a) Dr(a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof(a) Dr(a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof(a) Dr(a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof(a) Dr(a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

“E minha vida, mais que ser um templo, é uma caverna interminável, em cujo recesso esconde-se um tesouro que me foi legado por meu pai, mas cujo esconderijo eu nunca encontrei, e cuja descoberta ora te peço. ”

Vinícius de Moraes

Uma dedicatória, uma reza, uma mensagem, um
beijo: este trabalho é para Sofia e Maria
Fernanda.

AGRADECIMENTOS

Muitos são os agradecimentos desejados e necessários. Esta tese contou com inúmeras mãos de apoio à pesquisadora, inúmeros desejos de sucesso; inúmeras ofertas de carinho e cuidados. Aqui relaciono aqueles que foram constantes ao longo dos anos de envolvimento no trabalho, e antecipadamente me desculpo pela traição da memória quanto aos demais.

Não podendo ser diferente, agradeço à minha orientadora, Katia de Souza Amorim. Sem ela, sem seu acolhimento e exigência, essa tese não existiria. Muito de quem me tornei, durante e após o percurso das pesquisas de mestrado e doutorado, distanciando-me de um fazer pesquisa mecanizado e duro, e também de um relacionamento acadêmico impessoal e rígido, devo a ela. Ser orientanda da Katia é processo alquímico transformador.

Às Cindedianas deixo um muito obrigada afetuosos. À Marisa Von Dentz, Carolina Alexandre Costa e Gabriella Garcia Moura, cujo contato foi mais próximo durante o percurso desta pesquisa, reservo um agradecimento especial. À Natália Meirelles Costa dos Santos e Ludmilla Dell'Isola Pelegrini Ferreira Almada, um agradecimento carinhoso também. Ressalto que Marisa e Gabriella têm lugar cativo nas minhas melhores lembranças, desde a época do mestrado. São mulheres que perceptivelmente trazem, em seus atos, a marca do CINDEDI, de simpatia e empatia, bom humor, generosidade, ética e seriedade quanto às pessoas e às pesquisas.

À Banca de Qualificação, Profas. Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves e Nádia Maria Ribeiro Salomão, pelas valiosas correções e apontamentos, que busquei atender plenamente.

Às minhas companheiras mais constantes na Universidade de Ribeirão Preto: Mariana Araújo Noce, Teresinha Pavanello Godoy Costa, Luceli Kelly de Oliveira Cardoso, Lílian de Almeida Guimarães, Fernanda Saviani Zeoti, Juliana Vendruscolo. Parceiras de ofício, de sonhos e de almoços. Em especial, agradeço à Mariana, coordenadora atenta e ética, amiga forte e discreta, além de consultora para questões digitais. Uma amizade assim vale incontáveis xícaras de café quente.

Alguns agradecimentos precisam ser registrados, pelo acolhimento sem questionamentos, fundamental durante as intermináveis horas dedicadas à esta pesquisa: Iara Degani, Sueli Cristina de Pauli Teixeira, Orcina Alves Ferreira da Silva, Karina Paschoali Miguel.

A meus alunos, pela admiração pelo trabalho docente, pelos elogios, pelos abraços e risadas, pelas falhas apontadas, que nos fazem melhorar naquilo que podemos, amenizando o que não conseguimos.

À Maria Clotilde Rossetti-Ferreira, eterna mestra; e à Maria Isabel Pedrosa, pelos artigos e textos.

Às professoras e professores das disciplinas cursadas para a obtenção dos créditos, momentos plurais de ensinamentos idem.

Ao Ronie, pelo apoio quanto aos meios tecnológicos.

Ao Ângelo e ao Joy, pela companhia constante e paciente.

À FFCLRP-USP, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela possibilidade de realização da pesquisa.

Ao tempo, que tudo amadurece, apura e distingue.

RESUMO

Miguel, K.P. (2019). *O estabelecimento da atenção conjunta entre bebês e bebês e outras crianças, em ambientes de cuidado coletivo*. (Tese de Doutorado). Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, São Paulo.

A atenção conjunta é estudada há décadas, atribuindo-se a ela fundamental importância para o desenvolvimento afetivo, social e cognitivo do bebê; tem sido referida como comportamentos de olhar na direção das mãos e do olhar do outro, observar face, intenção e interesses do outro, mostrar e compartilhar interativamente objetos com outros. De forma dominante, tem sido estudada em situação de interação entre adultos e bebês, em que o adulto é quem inicia e orienta o processo de construção da atenção. Entretanto, não se encontra na literatura da área menção a processos de construção, estabelecimento e manutenção da atenção conjunta que ocorram entre bebês ou entre bebês e crianças. Diante dessa perspectiva, delineiam-se questões: poderia a atenção conjunta constituir-se em um processo que tem lugar entre bebês ou entre bebês e crianças, sem a presença de um parceiro adulto a orientá-lo diretamente? Dentro de suas características e potencialidades, seriam estes bebês possuidores de recursos interativos propiciadores da coconstrução da atenção conjunta? Neste sentido, a pesquisa investigou se ocorre a construção, o estabelecimento e a manutenção da atenção conjunta entre bebês e bebês e crianças, estes com idades entre 6 a 12 meses, em interação, em dois ambientes institucionais coletivos (Instituição de Acolhimento e Instituição de Educação Infantil). Para tanto, utilizou-se de Bancos de Imagens do Centro de Investigação sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI), da FFCLRP-USP, na composição do *corpus*. Foram conduzidos quatro estudos de caso, em que dois bebês (os sujeitos focais) foram videogravados em suas relações, em cada um dos dois contextos de cuidado/educação. A Rede de Significações ofereceu o suporte teórico-metodológico. A partir da análise qualitativa, através da perspectiva microgenética, investigou-se se ocorre e, em caso afirmativo, como ocorre o processo de atenção conjunta entre bebês e entre bebês e crianças. Verificou-se a construção da atenção conjunta entre o sujeito focal e os parceiros de interação, nos dois contextos. Comportamentos como olhar para a face, os olhos e as mãos do outro, apontar e oferecer objetos, não foram essenciais para a configuração da atenção conjunta entre os sujeitos focais e os parceiros. Recursos corporais, gestos, olhar para o corpo do outro e olhar para o objeto foram privilegiados. A idade também não se mostrou como marco definidor, além de que os bebês foram capazes de estabelecer atenção conjunta em relações poliádicas. O objeto não se mostrou dotado da relevância que a literatura parece revesti-lo, funcionando mais como algo que proporciona a visibilização da interação entre os parceiros. Os limites da pesquisa apontam para o pequeno número de sujeitos focais e de contextos de educação e cuidados coletivos, sugerindo-se novos estudos com bebês com idades abaixo de nove meses, com diferentes características socioculturais e em variados contextos. Concluindo, entende-se que deva haver uma ampliação do conceito de atenção conjunta, de forma que se leve em conta aspectos intersubjetivos e socioculturais como constitutivos de tal habilidade. Sugerem-se novas pesquisas para exploração e confirmação dos achados.

Palavras-Chave: Atenção Conjunta. Bebês. Díades. Contextos de educação coletivos.

ABSTRACT

Miguel, K.P. (2019). *The establishment of joint attention between babies and between babies and other children, in collective care environments*. (Tese de Doutorado). Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, São Paulo.

Joint attention has been studied for decades, being attributed to it the importance of affective, social and cognitive development of a baby; it has been referred to as behaviors of looking in the direction of another's hands and gaze, observing the face, intention and other's interests, showing and sharing interactively objects with others. Predominantly, it has been studied in situation of interaction between adults and babies, in which the adult is the one who initiates and orientates the process of constructing attention. However, it is not found within this field's literature any mention to the process of construction, establishment and maintenance of joint attention that occurs between babies, or between babies and children. Faced with this perspective, questions could be outlined: could joint attention constitute itself in a process that happens between babies or between babies and children, without the presence of an adult party to orientate it directly? Within their characteristics and capacities, would these babies have interactive resources that would provide co-construction of joint attention? In this matter, the research investigated if the construction, the establishment and the maintenance of joint attention occurs between babies and between babies and children, between the ages of 6 to 12 months, in interaction, in two institutional collective environments (Institucional Care Service and Early Childhood Education Institution). For that, image database from the Centro de Investigação sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI), from the FFCLRP-USP, have been used, in the composition of the *corpus*. Four case studies have been conducted, in which two babies (the focal subjects) who were focused on were recorded in their relations, in each of the two contexts of care/education. The *Network of meanings* was the theoretical-methodological support. From the qualitative analysis, through micro genetic perspective, it has been investigated if and, in affirmative cases, how the process of joint attention occurs between babies and between babies and children. The construction of joint attention between the focal subjects and the partners of interaction has been verified in the two contexts. Behaviors such as looking at the face, the eyes and the hands of another person, pointing at objects and offering them were not essential to the configuration of joint attention between focal subjects and the partners. Bodily resources, gestures, looking at the body of the other person and looking at the object were favored. The age didn't show itself as a definitive milestone, furthermore the babies were capable of establishing joint attention in polyadic relations. The object didn't show the intense relevance that literature seems to attribute to it, functioning more as something that provides visibility of the interaction between the partners. The limits of the research point to the small numbers of focal subjects and to the contexts of education and collective care, suggesting new studies with babies aged under nine months, with different social and cultural characteristics and in a variety of contexts. In conclusion, it is understandable that there should be an expansion of the concept of joint attention, taking into consideration inter-subjective, social and cultural aspects as constitutive of such ability. New researches to explore and confirm the findings are suggested.

Key words: Joint attention. Babies. Dyads. Collective contexts of education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Bebê focal da Instituição de Acolhimento: Luis-Guilherme	50
Figura 2 - Bebê focal do Centro de Convivência Infantil: Bruno	51
Episódio 1 - Oi bota aqui o seu pezinho	
Figura 3 - Instantâneo 1.1	55
Figura 4 - Instantâneo 1.2	56
Figura 5 - Instantâneo 1.3	57
Figura 6 - Instantâneo 1.4	57
Figura 7 - Instantâneo 1.5	58
Episódio 2 - A vida é uma caixa	
Figura 8 - Instantâneo 2.1	65
Figura 9 - Instantâneo 2.2	66
Figura 10 - Instantâneo 2.3	67
Figura 11 - Instantâneo 2.4	68
Figura 12 - Instantâneo 2.5	68
Episódio 3 - Palma, palma, palma	
Figura 13 - Instantâneo 3.1	73
Figura 14 - Instantâneo 3.2	73
Figura 15 - Instantâneo 3.3	74
Figura 16 - Instantâneo 3.4	75
Figura 17 - Instantâneo 3.5	75
Figura 18 - Instantâneo 3.6	76
Episódio 4 - Ai meu nariz	
Figura 19 - Instantâneo 4.1	81
Figura 20 - Instantâneo 4.2	81
Figura 21 - Instantâneo 4.3	81
Figura 22 - Instantâneo 4.4	82

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 A ATENÇÃO CONJUNTA	13
1.1 UMA VERTENTE INTERSUBJETIVA PARA A COMPREENSÃO DA ATENÇÃO CONJUNTA	15
1.2 A BUSCA POR ESTUDOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA ATENÇÃO CONJUNTA ENTRE BEBÊS OU ENTRE BEBÊS E OUTRAS CRIANÇAS	16
2 BEBÊS INTERAGEM ENTRE SI ? E COM CRIANÇAS MAIS VELHAS ?	37
2.1 INTERAÇÃO ENTRE BEBÊS, CONSTRUÇÃO DA ATENÇÃO CONJUNTA E A HIPÓTESE DESTE TRABALHO	37
2.1.1 A interação entre bebês: o papel da corporeidade e da subjetividade	38
3 OBJETIVOS	41
4 PERCURSO METODOLÓGICO	42
4.1 A REDE DE SIGNIFICAÇÕES E O ESTUDO DE CASO: INVESTIGANDO PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO	42
4.1.1 Questões Éticas	44
4.1.2 O Estudo de Caso	44
4.2 OS BANCOS DE DADOS, SEUS CONTEXTOS E PARTICIPANTES	45
4.2.1 Os bebês participantes	50
4.3 CONSTRUÇÃO DO CORPUS E ANÁLISE DE DADOS	51
4.3.1 A construção do corpus	51
4.3.2 A análise microgenética	52
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	54
5.1 EPISÓDIO 1-AI BOTA AQUI O TEU PÉZINHO	54
5.1.1 Transcrição do Episódio 1	55
5.1.2 Análise do Episódio 1	58
5.2 EPISÓDIO 2 – A VIDA É UMA CAIXA	64
5.2.1 Transcrição do Episódio 2	65
5.2.2 Análise do Episódio 2	69
5.3 EPISÓDIO 3 – PALMA, PALMA, PALMA	72
5.3.1 Transcrição do Episódio 3.....	72
5.3.2 Análise do Episódio 3.....	76
5.4 EPISÓDIO 4 – AI MEU NARIZ	80

5.4.1 Transcrição do Episódio 4	80
5.4.2 Análise do Episódio 4	82
6. CONCLUSÕES	86
6.1 UMA SUMARIZAÇÃO DA ANÁLISE DOS EPISÓDIOS	86
6.2 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A ATENÇÃO CONJUNTA A PARTIR DOS EPISÓDIOS RECORTADOS	89
6.3 EM SÍNTESE: UMA OUTRA PROPOSTA PARA A COMPREENSÃO DA ATENÇÃO CONJUNTA	93
REFERÊNCIAS	94
ANEXOS	104
ANEXO A -Termo de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética	104
ANEXO B - Autorização para videogravação na Instituição de Acolhimento	105
ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do bebê focal (Bruno) da Instituição de Educação Infantil	109
ANEXO D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do bebê focal (Bruno) da Instituição de Educação Infantil – Armazenamento de Imagens	111
ANEXO E -Termo de Consentimento do bebê parceiro (Rafael) da Instituição de Educação Infantil	113
ANEXO F - Termo de Consentimento do bebê parceiro (Rafael) da Instituição de Educação Infantil - Armazenamento de Imagens	115
ANEXO G -Termo de Consentimento do bebê parceiro (Laíz) da Instituição de Educação Infantil	117
ANEXO H - Termo de Consentimento do bebê parceiro (Laíz) da Instituição de Educação Infantil - Armazenamento de Imagens	119

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa de doutorado tem origem na dissertação de mestrado da pesquisadora (Colus, 2012), sendo um desdobramento daquela, cujo objetivo foi investigar a construção, o estabelecimento e a manutenção da atenção conjunta (doravante, AC), acompanhando o processo tanto em um bebê com deficiência visual severa, como em um bebê vidente, ambos em interação com seus parceiros videntes.

A AC se refere a comportamentos que implicam uma relação triádica – bebê-outro-objeto - comportamentos aqueles que podem ser identificados através de olhar na direção do olhar do outro, da observação da face, da intenção e dos interesses do outro, de mostrar e compartilhar interativamente objetos com outros. Como indicam as descrições, a habilidade da AC vem sendo descrita por alguns (Corkum & Moore, 1998; Deak, Flom & Pick, 2000) como atenção *visual* conjunta.

Apesar de a AC ser discutida como tendo uma dimensão fundamental para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social do bebê, verificou-se a existência de poucos dados de pesquisas referentes a crianças cegas ou com deficiências visuais. No mestrado, buscou-se, portanto, investigar se ocorre e como ocorre a construção, o estabelecimento e a manutenção da AC em dois bebês: um vidente e um com deficiência visual severa, ambos com os parceiros videntes em seu entorno. Para isso, extrapolou-se o aspecto visual e partiu-se para a verificação de outras pistas perceptuais que os bebês (com ou sem deficiência visual) e seus parceiros circundantes se utilizam nas interações (se pistas táteis, vestibulares, auditivas, cinestésicas, olfativas ou gustativas) no sentido de coconstruir o processo de AC (Colus & Amorim, 2019).

A partir da análise destes dois bebês, os resultados mostraram que, para o bebê vidente, os dados encontrados confirmam o que a literatura específica indica como sendo o percurso típico para a referida construção. Para o bebê com deficiência visual severa, notou-se o estabelecimento e a manutenção da AC, a partir de outras pistas que não as visuais. Em ambos os bebês, a emoção se constituiu como fator fortemente promotor do estabelecimento da atenção conjunta; também, houve indícios de construção da AC em idade anterior à preconizada pela literatura.

Naquele estudo, em função dos contextos e participantes estudados, destacou-se ainda lacuna neste campo. Especificamente, na revisão de literatura, a básica referência aos parceiros com quem o bebê estabelece a AC são os adultos, estes sendo vistos como quem inicia e orienta o processo. Raramente autores discutem ações do bebê como de quem inicia e promove o

estabelecimento da AC; ainda, não discutem a construção, o estabelecimento e a manutenção da AC na relação do bebê com outras crianças, incluindo outros bebês, revelando que no conjunto do campo há uma perspectiva adultocêntrica (Carvalho & Beraldo, 1989), a qual não propicia uma maior compreensão dos limites e das habilidades dos bebês.

Diante dessa perspectiva, delineou-se uma série de questões: poderia a AC constituir-se em um processo que tem lugar entre bebês, sem a presença de um parceiro adulto a direta e ativamente orientar este processo? Seriam estes bebês possuidores de recursos interativos propiciadores da coconstrução e do estabelecimento da AC? Caso os bebês pudessem constelar a AC, de que maneira e com que tipo de recursos o fariam?

Colocadas essas questões, traçou-se o objetivo de estudar se tais processos ocorreriam na relação de bebês com seus pares. E, assim posto, para que se investigasse a AC entre bebês, entendeu-se como necessário buscar ambientes em que os bebês convivessem juntos e pudessem estar agrupados em situação de mais livre interação. Para tanto, optou-se por utilizar os Bancos de Dados em Videogravação do Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI), do Departamento de Educação, Informação e Comunicação (DEdIC), da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo. O CINDEDI conta com extenso acervo de videogravações oriundas de trabalhos de pesquisadores que dele fazem e fizeram parte. Para esta presente pesquisa, utilizou-se de videogravações de duas pesquisadoras - Moura (2012) e Von Dentz (2016), que videogravaram bebês em contextos de creche e de instituição de acolhimento, respectivamente.

Portanto, inserida em um contexto maior de estudos e pesquisas que buscam compreender o desenvolvimento dos bebês em vários contextos e situações, junto ao CINDEDI, estas questões sobre a AC se impuseram como aprofundamentos teórico-conceituais ao estudo do desenvolvimento das crianças, gerando e nortando a proposição desta pesquisa.

1 A ATENÇÃO CONJUNTA

A AC é uma habilidade considerada como condição *sine que non* para a construção da cognição social infantil, revestindo-se de importância crucial para o desenvolvimento dessa e da linguagem (Aquino & Salomão, 2009). Essas autoras definem a AC a partir da ocorrência de comportamentos como olhar na direção do olhar do outro, observar a face/mão do outro, mostrar e compartilhar objetos com os outros. É através da habilidade de AC que o bebê coordena o foco de atenção com um parceiro social de interação e um objeto de interesse mútuo, em uma estrutura de relação triádica. Além do compartilhamento de informações, a AC proporciona ao bebê, através do contato visual, a possibilidade de perceber o estado emocional do parceiro de interação (se este está interessado, se está desatento, se está mantendo o fluxo interativo ou se o rompeu) e também de apreender a intencionalidade daquele. Esta percepção da intencionalidade do/no outro, proporcionada pela AC, ao poder modular o contato, coloca o bebê em um estado interativo que lhe possibilita maior domínio da situação interativa ao identificar, no rosto e na posição dos olhos e das mãos do outro, intenções e emoções, adequando-se - ou não - a elas. Assim, a AC é vista como um marco na infância e tem caráter basilar no desenvolvimento do bebê.

A habilidade de AC vem sendo estudada há mais ou menos quatro décadas. Bruner (1983), desde a década de 1980, já abordava explicitamente esta habilidade. Contemporaneamente, Michael Tomasello (2003) é um dos autores de referência nesta área. Em sua proposta, Tomasello utiliza o termo “revolução dos nove meses” para afirmar que é nesta idade que os bebês humanos começam a realizar os comportamentos de AC, que indicam uma compreensão emergente de outras pessoas como agentes intencionais iguais a si próprios. Para este autor, até seus nove meses de vida, os bebês participam basicamente de envolvimento diádicos. Tipicamente a partir desta idade, até os doze meses, os bebês passariam a se envolver em comportamentos triádicos, ou seja, passariam a coordenar suas interações simultaneamente com objetos e pessoas, habilidade que antes não evidenciavam. Este autor afirma que esses comportamentos são comunicativos, em que a criança busca apreender a ação do adulto e, ainda, atrair a atenção do adulto para um evento externo a ambos. A AC, portanto, só é possível em uma estrutura triádica de interação, que se desenrola em uma cena de ação conjunta.

Na maioria dos trabalhos, o enfoque da AC é dado através da interação do bebê com um parceiro adulto, geralmente a mãe; ainda, propondo-se que o bebê acompanha a oferta de compartilhamento de atenção iniciada pelo adulto. Como exemplo, Aquino e Salomão (2009) abordam a AC na interação e comunicação mãe-bebê. Mateus et al (2013) discutem a AC e a

interação da/na tríade bebê-mãe-pai. Pessoa e Seidl-de-Moura (2011) abordam, em estudo longitudinal, a AC e a interação mãe-bebê, através da fala materna. Lampreia (2009), discutindo interações e crianças de alto risco, enfoca a AC e aborda, neste sentido, a relação mãe-bebê. Leavens et al (2014) também se referem à díade adulto-bebê, assim como Kobayashi (2010) e Reissland e Burt (2010) o fazem, enfocando a AC nestas interações. A relação adulto-bebê, ou mais particularmente, mãe-bebê tem sido privilegiada nos estudos da AC.

Uma outra ampla área de pesquisas envolvendo a AC se refere à sua relação com o espectro autístico, notadamente quanto ao par mãe-bebê. Bosa (2002), Bower (2009), Farah, Perissinoto e Chiari (2009), Freitas (2009), Sousa-Morato, Fernandes e Miranda (2009), Fernandes et al (2011), Brito e Misquiat (2011) e Vilaça (2013) caminham nesta vertente. Os autores concluem, afirmando que a dificuldade na construção da AC está intimamente relacionada às condutas do espectro autístico e que a dificuldade em seu estabelecimento pode representar forte preditor do prognóstico de desenvolvimento dessas crianças.

Também se encontram, embora em menor número, pesquisas envolvendo a construção da AC em crianças diferentemente constituídas sensorialmente (geralmente surdas, cegas ou com deficiência visual), quando em interação com um parceiro adulto. Nessa perspectiva de estudo, Silva (2012) discute como se dá a construção da AC na criança surda cuja mãe é surda também. Colus e Amorim (2019), Medeiros e Salomão (2012, 2014), Sella, Chiodella e Mendes (2013) também tratam desse vértice, enfocando as implicações da construção da AC em crianças com deficiência visual e cegueira na interação com parceiros adultos, notadamente a mãe.

Ainda, a abordagem predominante sobre o modo como se constitui o processo de construção da AC na ontogenia da criança ancora-se fortemente em aspectos maturacionais, os quais seriam determinados em grande medida pela idade da criança (Tomasello, 2003) e naquilo que se espera para tal momento do desenvolvimento, de forma relativamente independente do contexto em que o bebê se insere. Com isso, uma ampla maioria das pesquisas são realizadas sem acompanhar o processo de construção da AC através das interações que acontecem em ambiente natural, os estudos sendo feitos mais frequentemente em laboratório, como que para apreender uma competência interna do bebê, conforme Bosa (2002) aponta e critica.

Todavia, nem todos os autores compreendem a AC neste viés prioritariamente maturacional. Há outras maneiras de se conceber a emergência desse processo, enfatizando-se o papel do aspecto relacional. Uma pequena aproximação desta vertente é apresentada abaixo.

1.1 UMA VERTENTE INTERSUBJETIVA PARA A COMPREENSÃO DA AC

Sinha e Rodriguez (2008) discutem que o paradigma dominante em relação a temática da AC tem considerado a mente como um domínio autônomo frente ao mundo externo e aos estados mentais compartilhados. De acordo com eles, isso tem levado muitos pesquisadores a desconsiderar aspectos coparticipativos culturais e sociais da construção da intersubjetividade do bebê, naturalizando uma habilidade que, na verdade, seria coconstruída intersubjetivamente entre os parceiros. Para os autores, portanto, não se está lidando com fatos psicológicos, neurológicos ou mesmo maturacionais. Para eles, a AC é concebida como um fato social, sendo constituída intersubjetivamente, desde o nascimento, em uma estrutura de ação conjunta.

Nesta concepção, reveste-se de importância o aspecto relacional, visto que o primado da construção da AC passa a recair sobre a interação que se estabelece entre os parceiros que participam *da* e *na* interação com o bebê, cada qual com sua maneira singular, peculiar e idiossincrática. Recursos comunicativos, preferências e interesses vêm colaborar na construção de um processo que se desenha interativamente. Não apenas o seu aspecto biológico, mas a pessoa em sua inteireza, com sua corporeidade (Amorim & Rossetti-Ferreira, 2008) e em seu entrelaçamento com os outros e o meio cultural, é que efetivamente realizaria o processo de AC, em uma *situação de ação conjunta*.

Nesse panorama, não se despreza a maturação biológica, já que se consideram como indissociáveis os aspectos biológicos e culturais. Nesse entrelaçado, para o desenvolvimento da criança, destacam-se as interações, as quais trazem em seu bojo especificidades pessoais, relacionais, contextuais e socioculturais, levando à coconstrução da AC. Assim, Leavens et al. (2014), que estudaram em laboratório tríades de pai-mãe-bebês de 6 a 18 meses, relatam que os pais espontânea e simultaneamente agregaram emoção positiva aos episódios de atenção conjunta, mesmo não sendo solicitados a fazê-lo. Em seu trabalho, os autores afirmam ainda que Tomasello possui lacunas em sua fundamentação epistemológica, pois sua perspectiva nativista assume que ‘processos psicológicos invisíveis’ podem causar comportamentos comunicativos. Como consequência, características externas dos contextos ontogenéticos em que as crianças desenvolvem suas habilidades sociais são assumidas como típicas da espécie, o que, de certa forma, vem desconsiderar o próprio processo de desenvolvimento da criança.

Salomo e Liskowski (2013), em pesquisa com bebês das culturas mexicana, holandesa e chinesa, relatam que bebês gesticulam mais e em idade mais precoce a depender do montante de atenção conjunta e de gesticulações a que foram expostos, o que sugere que mesmo a

emergência de gestos pré-linguísticos básicos é socialmente mediada e que a ação do outro contribui para estruturar a ontogênese da comunicação humana, desde o início.

Provavelmente em função das condições de cuidado e educação contemporâneos, além dos valores atribuídos ao adulto e particularmente à mãe no processo, os estudos investigam o desenvolvimento nos primeiros anos de vida particularmente nas relações com os adultos. Porém, novos modos de organização social têm se dado na sociedade ocidental contemporânea, muitos bebês tendo seus cuidados compartilhados entre a casa e as instituições de educação coletiva, onde o par de idade – o outro bebê – é o parceiro mais frequente (Amorim, Anjos & Rossetti-Ferreira, 2012). Se o adulto é considerado como central ao processo, como fica o desenvolvimento das crianças pequenas participantes desses contextos? Podem os bebês construir entre si este processo de AC, em uma relação triádica? Seriam os bebês capazes de interagir, intersubjetivamente, em uma estrutura de ação conjunta? A busca por respostas na literatura da área constitui o próximo item dessa discussão.

1.2 A BUSCA POR ESTUDOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA AC ENTRE BEBÊS OU ENTRE BEBÊS E OUTRAS CRIANÇAS

Para que se vislumbrasse como a AC é tratada nos estudos e pesquisas na área da psicologia do desenvolvimento, de forma a compreender como (metodológica e conceitualmente) esta habilidade tem sido descrita e investigada, realizou-se uma revisão de literatura quanto à temática. A meta aqui foi averiguar os estudos e pesquisas realizados sobre o tema, como estes têm sido conduzidos, para o que apontam e também o que se pode perceber em termos de necessidades ou possibilidades para a realização de novas pesquisas.

Conforme anteriormente descrito, quando se trata dessa habilidade relacionada a bebês, a AC tem sido pesquisada e descrita, preferencialmente, sobre o bebê com um parceiro adulto, geralmente a mãe. Em função de se ter essa compreensão e, assim, reconhecer o limite de uma busca que fosse focada centralmente na AC na relação entre pares de bebês, ou entre bebês e crianças, definiu-se por, a princípio, buscar uma mais vasta gama de estudos, de forma a se aprofundar sobre o que tem sido mais genericamente produzido no tema da AC, mais contemporaneamente. Dessa forma, utilizou-se de variações nas palavras-chaves utilizadas, realizando buscas e pesquisas em diversos portais e bases de dados, nacionais e internacionais. As bases e os portais nacionais utilizados foram: Periódicos Capes de Acesso Livre; Catálogo Dédalus, SciELO, Lilacs, além da BVS-Psi (INDEXPSI e PePsic). Já as internacionais foram: PsycNET, CROSSREF, BMC Psychology e BioMed; utilizou-se também do diretório DOAJ

(Directory of Open Access Journals). O percurso de busca e os resultados obtidos serão descritos a seguir.

Para guiar a busca, foram utilizadas as palavras chaves *atenção conjunta*, *atenção compartilhada*, *joint attention* e *shared attention*¹. Buscou-se artigos publicados em periódicos revisados por pares, levando-se em conta o que foi produzido na psicologia e com foco em bebês no primeiro ano de vida. As buscas foram refinadas de acordo com as categorias propostas em cada base, por se perceber que, com a expressão sem refinamento, uma vasta gama de trabalhos sem aderência ao tema deste doutorado era encontrada. Artigos que abordavam questões complexas como o autismo e as diferenças sensoriais e intelectuais, por exemplo, apesar de serem alvo de muitas pesquisas no campo da AC, não foram aqui contabilizados, por se considerar que contêm especificidades que se distanciam do que se deseja compreender, em termos de AC, neste momento. Não houve delimitação de tempo na busca, na tentativa de se abarcar a maior amplitude de trabalhos possível, dentro da proposta de pesquisa deste doutorado.

A partir deste momento, será apresentada uma organização sintética dos dados compilados, de forma a se compor um panorama que mostre o que se tem produzido, nos âmbitos nacional e internacional, quanto à AC. Serão levados em conta, no intuito de favorecer esta compreensão, a quantidade de estudos, o tipo (empíricos ou teóricos), metodologia de pesquisa, sujeitos participantes, o contexto em que a pesquisa se realiza; aspectos diretamente ligados à AC, como idade de emergência da habilidade, também. A ideia é, após apresentar e discutir o significado destes achados, delinear e compreender o panorama contemporâneo das pesquisas na área da AC.

A busca por artigos que contemplassem a construção da AC entre bebês e entre bebês e crianças levou a um panorama multifacetado de pesquisas e estudos teóricos, com uma gama de abordagens e perspectivas, de resultados, discussões, apontamentos e sugestões para novos trabalhos. Olhando-se para os números finais de artigos analisados, considerando-se os critérios de inclusão e exclusão, chegou-se nesta revisão a um total de 74 artigos. Destes, 59 são trabalhos empíricos e 15 são teóricos.

Um olhar inicial para estes 74 trabalhos já desvela um cenário de pesquisas que se mostra, embora ainda mais apegado às pesquisas no **ambiente de laboratório**, apesar de buscar também compreender a construção da AC em ambientes naturalísticos e em diferentes culturas. A respeito dos trabalhos empíricos encontrados, tem-se 39 pesquisas realizadas em laboratório,

¹ Ambos os termos *compartilhada* e *shared* precisam ser considerados, pois a AC também é designada como *atenção compartilhada*.

17 na residência e 3 no ambiente da creche. Inicialmente, ao se considerar o local de realização da pesquisa, percebe-se que a maioria dos trabalhos empíricos (aproximadamente 66%) aconteceu no contexto de laboratório, em detrimento dos ambientes naturais e menos estruturados.

De início, pode-se lembrar que pesquisas em laboratório e a metodologia experimental foram, por muito tempo e em variados campos do saber, consideradas como aquelas que traduziam a verdadeira ciência. O positivismo, oriundo das ciências naturais, foi o paradigma que organizou a maneira de se fazer ciência, a partir da premissa de que os estudos só teriam validade se seguissem as exigências metodológicas de objetividade, definições sistemáticas, controle e manipulação de variáveis, análise estatística e busca de leis gerais. Na busca de se firmar como ciência e ser respeitada pela comunidade científica,

...a Psicologia buscou se equiparar às ciências físicas e naturais, adotando o conjunto de métodos e técnicas já consagrados por elas. A isto vem se aliar a enorme influência recebida pelo movimento positivista. Houve então momentos em que só seriam reconhecidos aqueles estudos que obedecessem a exigências metodológicas tais como: objetividade, definições sistemáticas, controle e manipulação de variáveis, resultados através de análises estatísticas, busca de leis gerais, explicações tipo “causa-efeito” (Biasoli-Alves, 1998, p. 136).

Compreende-se assim que se encontram, na psicologia, mais estudos realizados no ambiente de laboratório do que em outros, os naturalísticos. Neste sentido, seria legítimo esperar que os achados em laboratório tenham muitos pontos em comum, dada a pouca variabilidade das condições de pesquisa.

O laboratório pressupõe uma forte estruturação de seu ambiente e de seus métodos, seu espaço e suas condições de funcionamento, o que pode limitar a produção da pesquisa e a consequente obtenção dos seus resultados. Newman e Holzman (2014, p. 35) escrevem que “o laboratório, o mais popular local para a investigação psicológica, não é simplesmente um lugar ou um ambiente, mas uma metodologia.” Entretanto, se os trabalhos realizados em laboratório encontrados nesta revisão mantêm tais condições metodológicas, eles apontam para uma variedade e criatividade de estudos quanto à AC, as quais vêm ampliar o olhar sobre o tema. Como exemplo, pesquisas enfocam a distração (Courage, 2010), o reconhecimento de faces invertidas (Rose, Jankowski & Feldman, 2008) e a questão do humor (Mireault 2012, 2014), temas pouco explorados e diferentes entre si, evidenciando novos interesses nesse campo de pesquisa.

Faz sentido aqui lembrar que, conforme escrevem Newman e Holzman (2014, p.35),

...a maior parte da pesquisa naturalista ou observacional conduzida em ambientes de vida diária, fora das paredes da universidade é tão guiada pelas suposições metodológicas do laboratório quanto a pesquisa conduzida no próprio laboratório!

Inversamente, muito do que acontece em pesquisa de laboratório é o mesmo que acontece na atividade social que ocorre em qualquer outro lugar, mas no laboratório isso é sistematicamente desconsiderado porque as suposições metodológicas do laboratório o desautorizam!

Dessa forma, não se trata de estabelecer uma dicotomia entre laboratório e outros ambientes, mas de buscar outras possibilidades de exploração do tema da AC, em variados contextos e até mesmo em termos dos sujeitos que participam das pesquisas. Como discutem Seidl de Moura et al. (2008) e Aquino e Salomão (2011b), há necessidades de maiores investigações sobre a AC que levem em conta, por exemplo, aspectos socioculturais como o nível socioeconômico dos participantes, visto que as amostras utilizadas nas pesquisas têm sido predominantemente compostas por mães-bebês de classe média e cunho superior. Estudos como o de Bahrack et al. (2016) também apontam limites a superar, como o fato de que a maioria dos estudos realizados sobre atenção, com bebês, tem sido com eventos silenciosos e estáticos, apesar de que os eventos naturais são multimodais, dinâmicos e audiovisuais. Aqui faz sentido a afirmação de Bruner (1983), de que o laboratório se situa “longe do caos da casa”, em que o caos que pode ser entendido como um conjunto vivo de pistas atencionais simultâneas, dinâmicas e sonoras.

Quanto aos sujeitos participantes da pesquisa, em qualquer ambiente, nota-se a predominância da dupla adulto-bebê, sendo que 76% dos trabalhos referem-se à dupla mãe-bebê, 12,5% à dupla pai-bebê e, quando se consideram os familiares adultos, incluindo a mãe, o número sobe para 92%. No caso da AC, portanto, o bebê é o protagonista principal, mas praticamente sempre acompanhado pelo adulto, notadamente a mãe, como companheiro de interações. Pesquisas com a díade bebê-bebê são os estudos de Amorim (2012), Amorim, Anjos e Rossetti-Ferreira (2012), Costa e Amorim (2015). Os três foram realizados pelo mesmo grupo de pesquisadoras, em contextos de creches e fogem do padrão global dos estudos encontrados.

A esse respeito entende-se que a família foi comumente considerada como a instância privilegiada para o cuidado e a educação do bebê e da criança, posição que a psicologia, por longo tempo, corroborou e ainda corrobora. Acredita-se que a criança que não é cuidada integralmente por sua família, em seus anos iniciais, poderia apresentar comprometimentos sociais e afetivos futuros em seu desenvolvimento, como reflexivamente criticam Rossetti-Ferreira, Serrano e Costa (2011). Desta forma, a criança, pelo menos nos primeiros anos de vida, deveria ser cuidada em casa, pelo principal responsável pelo seu adequado desenvolvimento: a mãe, como postula a teoria do Apego, de John Bowlby.

Isto tem impacto direto nas pesquisas relativas aos anos iniciais de vida, pois quando se estuda crianças em seu ambiente naturalístico, é o lar que é procurado preferencialmente e no

lar, geralmente, o que se encontra como sujeitos de pesquisa é uma díade mãe-bebê (geralmente o pai está fora, trabalhando, e as famílias são cada vez menos numerosas. Ainda segundo Ferreira, Serrano e Costa (2011, p. 74),

Conforme aponta Lamb (2005), vários estudos têm extensamente documentado que seres humanos se desenvolvem em grupos mais complexos e diversificados que a díade mãe-criança. Nas complexas sociedades contemporâneas tem se multiplicado diversas formas de estruturação e reestruturação familiar, com crianças frequentemente convivendo com pais separados, com seus novos companheiros e com irmãos de outras uniões. Ademais, a crescente participação da mulher no mercado de trabalho, aumentou significativamente o número de mães com crianças pequenas que trabalham por longos períodos diários fora de casa, fazendo que haja um cuidado compartilhado das crianças, mesmo as bem pequenas.

Torna-se importante para a Psicologia, portanto, romper com o foco de pesquisas centrado exclusivamente na díade mãe-criança; é preciso que se compreenda o papel das múltiplas interações e variados contextos de desenvolvimento.

Quanto à metodologia para a coleta e construção dos dados, no laboratório, em função do foco da investigação, encontra-se uma gama de equipamentos e artefatos, como câmeras, anteparos e projetores, computadores e aparelhos de eletroencefalograma, por exemplo. Tais equipamentos se adequam às temáticas que foram estudadas: memória (Kopp e Linderberger, 2011), organização neural relativa às alterações do gesto de apontar à medida que os bebês crescem (Melinder et al., 2015).

Já as pesquisas realizadas nas residências dos participantes fizeram uso de videograções, como no estudo de Childers, Vaughn e Burquest (2007). No estudo de Fausey, Jayaraman e Smith (2016), utilizou-se de videogração, mas com a câmera acoplada à cabeça dos bebês, de modo a acompanhar seu foco de atenção e diretividade do olhar. Também nos estudos realizados em creche (Amorim, 2012; Amorim, Anjos & Rossetti-Ferreira, 2012; Costa & Amorim, 2015) utilizaram-se de videograções para a coleta de dados. O trabalho de Nunes e Aquino (2014), só com a mãe, utilizou-se de entrevista semiestruturada. Apesar de este estudo ter sido realizado apenas com as mães, ele foi aqui elencado, em função de os bebês a que suas mães se referem terem 4 e 9 meses de vida, intervalo de idade também abarcado por este doutorado, e pelo desenvolvimento teórico dado ao tema.

Com relação à **idade de emergência da AC**, surgem controvérsias. Corkum e Moore (1998) afirmam que o seguimento do olhar (comportamento fortemente associado à emergência e manutenção da AC) não surge de forma confiável antes de o bebê ter dez meses. Tomasello (2003, p. 85-86), inclusive, trata este momento da vida dos bebês como “a revolução os 9 meses”.

Bebês de seis meses interagem diadicamente com objetos, agarrando e manipulando-os, e interagem diadicamente com outras pessoas, expressando emoções e

respondendo a elas numa sequência alternada. Quando há pessoas à sua volta enquanto manipulam objetos, costumam ignorá-las. Se há objetos à sua volta enquanto interagem com pessoas, costumam ignorá-los. Mas entre nove e doze meses de idade começa a aparecer um novo conjunto de comportamentos que não são diádicos, como aqueles primeiros comportamentos, mas triádicos no sentido em que envolvem uma coordenação de suas interações com objetos e pessoas, resultando num triângulo referencial composto de criança, adulto e objeto ou evento ao qual dão atenção. O termo atenção conjunta costuma ser usado para caracterizar todo esse complexo de habilidades e interações sociais.

Percebe-se assim que, na literatura da área, muitos trabalhos se pautam pela idade prevista pela literatura para a emergência de relações triádicas e consequentemente da AC, que é aos 9 meses de vida, partindo deste marco cronológico, em suas pesquisas. Dessa maneira, o delineamento de um dos aspectos das amostras de pesquisa (a idade dos bebês, a partir de 9 meses) acaba por circunscrever mais fortemente a menor possibilidade de verificação da emergência da AC em idade anterior, conforme apontam Aquino e Salomão (2009).

Todavia, há autores que postulam que com bebês bem mais jovens já se percebem indícios de AC. Berthenthal, Boyer e Harding (2014) afirmam que, entre 4 e 6 meses, os bebês já conseguem seguir pistas visuais e o gesto de apontar por parte do adulto. Rochat (2007) diz que a subjetividade primária pode ser observada desde muito cedo, aos 2 meses, e nesta idade o bebê já percebe o outro como parceiro de trocas. Camaioni (1997) fala do estabelecimento de relações triádicas aos 5 ou 6 meses de vida. Belini e Fernandes (2007) apontam indícios de AC antes dos 4 meses de idade, assim como o estudo de Amorim, Anjos e Rossetti-Ferreira (2012) que apontam à existência de relações triádicas em bebês mais novos do que 9 meses.

Merece destaque o trabalho de Rochat (2007) que, em seu artigo, diz que o mecanismo que leva o bebê da percepção do outro como um parceiro íntimo de trocas face a face (por volta de 2 meses) à percepção deste outro como um agente intencional (por volta de 9 meses), permanece pouco esclarecido, mas que são essas trocas face a face que proporcionam ao bebê oportunidades únicas de desenvolvimento, oferecidas por um adulto sensível que intencionalmente cuida dele, o mima, o carrega e o atende. Neste contexto altamente recíproco, os bebês vão se treinando para aprender e distinguir a ação que é intencional, dirigida ao *self*, daquela que não é. É neste rico contexto interativo que a ação intencional e a compreensão dela no outro surgem, e isso é mais do que o surgimento de algo previamente adaptado ou esperado conforme Tomasello (2003). Neste sentido, a origem das ações intencionais na ontogenia humana devem-se à estas trocas recíprocas precoces, e não à uma interação individual com objetos do meio físico.

O **foco do olhar** dos bebês, comportamento diretamente associado à construção de AC, foi alvo de estudos de Corkum e Moore (1998) e de Libertus et al. (2016), além de Belini e

Fernandes (2007) e Fausey, Jayaraman e Smith (2016), que investigaram o foco da visão dos bebês nas faces e nas mãos do parceiro. A percepção e preferência do bebê pela face do outro foi investigada nos estudos de Rose, Jankowski e Feldman (2008), Kwon et al. (2016), Frank, Vul e Johnson (2009) e Melhuish (1982). Os achados aqui indicam que à medida que crescem, os bebês manifestam preferência mais robusta pela face humana, seja em interações com outro parceiro ou assistindo a um desenho animado, embora isso não fique tão claro quando ele está assistindo a cenas complexas. Talvez aqui se pudesse imaginar que, à medida que o bebê cresce, adquirindo maior domínio motor, ele passa a observar mais a face do outro e de maneira mais clara, facilitando a percepção do observador. Nesta direção, Brandone (2015) afirma que as mudanças motoras (como engatinhar e andar), associadas ao comportamento de olhar ao entorno, contribuem para o aumento das interações sociais e incrementam o desenvolvimento sociocognitivo do bebê, aspectos que estão íntima e diretamente ligados à AC.

Comportamentos de **apontar** foram estudados por Liszkowski, Carpenter e Tomasello (2008). Estudos de Messinger e Fogel (1998), Sodian e Kristen-Antonow (2015) e Slaughter, Peterson e Carpenter (2009) averiguaram também gestos comunicativos dos bebês. Os estudos indicam que à medida que os bebês crescem, aumentam os gestos de apontar e pedir, bem como vocalizar e sorrir. Os pais também fazem uso dos gestos de maneira diferente se seus bebês são mais novos ou mais velhos: com os mais novos, utilizavam gestos demonstrativos e ostensivos para mostrar o uso destes e para capturar a atenção dos bebês, mas à medida que estes cresciam, os pais completavam ou corrigiam os usos simbólicos que os bebês faziam dos objetos, durante episódios de AC (Palacios, Rodríguez & Mendez-Sanches, 2018). A hipótese aqui é de que, à medida que os bebês crescem e manifestam maior habilidade e destreza, os pais percebem mais claramente suas capacidades cognitivas e relacionais, e tendem a se relacionar com eles de maneira menos ‘operacional’ e mais simbólica.

Nunes e Aquino (2014) narram que as percepções maternas quanto às habilidades de comunicação intencional de seus bebês são diferentes quando estes têm 4 meses e quando têm 9 meses. As mães relatam que seus bebês de 9 meses utilizam recursos comunicativos intencionais como vocalizações, alternância do olhar e gesto de apontar, mas não os relatam da mesma forma e com a mesma intensidade com os bebês aos 4 meses. As autoras apontam, todavia, que “o modo como as mães veem essa habilidade (a comunicação intencional) infantil reflete nas interações iniciais, guia as práticas das mães com o bebê e influencia o desenvolvimento sociocomunicativo e cognitivo infantil”. A questão que se coloca aqui não seria tanto a capacidade ou condição de o bebê de se comunicar intencionalmente aos 4 meses,

mas a capacidade ou condição do adulto de perceber este tipo de comportamentos em crianças tão novas.

Carvalho e Beraldo (1989) afirmam, nesse sentido, que o bebê é presa de dois mitos que se interconectam: o mito da incompetência e o mito do futurismo. A incompetência motora do bebê é extrapolada para os demais domínios (cognitivo, afetivo, social) e o bebê é considerado incompetente em sua totalidade. Neste sentido, deve-se salientar que o crivo do observador pode, em algumas situações, ser mais restritivo e não perceber habilidades e competências que, apesar de pouco evidentes, já existem, embora de maneira mais discreta.

Comportamentos de **olhar e apontar** foram pesquisados por Liszkowski et al. (2006), Melinder (2015), Messinger et al. (2017), Krehm, Onishi e Vouloumanos (2014), Brune e Woodward (2007). Carpenter, Nigell e Tomasello (1998) argumentam que os comportamentos de olhar e apontar, embora sejam muitas vezes estudados em separado, emergem em bloco. Nessa perspectiva Brooks e Meltzoff (2008) e Berthenthal, Boyer e Harding (2014) pesquisaram o olhar e o gesto de apontar de forma associada, enquanto Deak, Flom e Pick (2000) abordaram os comportamentos de olhar, apontar e verbalizar associados. Já Soares de Abreu, Cardoso-Martins e Barbosa (2014) correlacionaram positivamente o seguimento do olhar e gesto de apontar dos bebês, ao sucesso em tarefas posteriores de crença-falsa. Percebe-se que a investigação do olhar e do apontar tem sido perpassada por diferentes perspectivas. Todavia, é relevante lembrar que o ser humano tem o aparato visual como modo predominante de apreensão do mundo (Colus, 2012) e que gestos de olhar e de apontar só fazem sentido quando referentes à possibilidade apreensão visual do ambiente (em crianças videntes).

A **prematuridade** foi investigada por Cassiano e Linhares (2015) quanto ao comportamento das mães na dupla mãe-bebê. Estudou-se o comportamento de dez bebês a termo e pré-termo, combinado com seu comportamento na interação com as mães. As autoras verificaram que há diferenças na expressão de seu comportamento, em função da prematuridade, mas os intercâmbios iniciados pela mãe foram os mais frequentes nas interações de ambos os grupos. Já a relação entre olhar e prematuridade foi investigada por Peña, Arias e Deahene-Lambertz (2014) que concluíram que, quanto ao seguimento do olhar, bebês prematuros performaram como os bebês nascidos a termo (ou seja, em mesma idade cronológica). Isto sugere que a exposição à experiência visual tem impacto maior sobre o desenvolvimento do seguimento do olhar do que a idade gestacional.

O **impacto da relação mãe-bebê** quanto à AC foi investigada por Mendive, Bornstein e Sebastián (2012), Evans e Porter (2009), Colas (1999), Saxon et al. (2000), Osório et al. (2011), Machado e Bello (2015). Os achados das pesquisas apontam a diferentes direções. O

predomínio de interações harmoniosas entre os parceiros, com também predomínio da díade mãe-bebê, sendo que o adulto cuidador é que orienta a relação é apontado por Harrist e Waugh (2002). Mendive, Bornstein e Sebastián (2012) pesquisaram o papel da diretividade dada pela mãe ao bebê, em termos de estratégias que facilitassem o engajamento conjunto entre eles. Assim quando ambos estão observando, estratégias são realizadas para o engajamento e de forma a manter este engajamento com um brinquedo, por exemplo. Perceberam que quando a mãe mantém um foco de atenção, o bebê adentra em um engajamento conjunto com ela; se, a mãe muda este foco, o bebê a acompanha. Ou seja, para os autores, o foco atencional suportado pela mãe precede o engajamento.

Evans e Porter (2009) investigaram a emergência de padrões de co-regulação na dupla mãe-bebê e verificaram que entre 9 e 12 meses emergem padrões relativamente similares de atividade co-regulada entre mãe e bebê, o que pode indicar a crescente possibilidade de o bebê estabelecer e coordenar suas próprias metas de engajamento, quando as suas metas divergem das de sua mãe. Colas (1999) constatou que as mães se utilizam de marcações específicas para iniciar e manter a comunicação com seus bebês, adaptando seus gestos ao nível de processamento de informação dos bebês, referenciando objetos e eventos, de forma a incrementar a habilidade de comunicação linguística.

Já Saxon et al. (2000) organizaram sessões de interação entre mãe e bebê, observando como se dava a brincadeira e a construção da AC entre a dupla. Depois, em estudo longitudinal, pesquisaram se havia alguma relação entre o comportamento materno em eliciar e manter a AC e o vocabulário e a adaptação à pré-escola, encontrando correlação positiva: quanto mais diretivo e persistente era o comportamento materno quanto a iniciar e manter a AC, melhor as crianças se saíam na pré-escola nos quesitos citados.

Machado e Bello (2015), em estudo longitudinal, perceberam que os contatos visuais, a configuração de gestos, de expressões faciais e também de movimentos entre bebês e suas mães, tornaram-se mais coordenadas à medida que os bebês crescem, havendo também mudanças qualitativas nos formatos comunicativos durante as interações. As autoras explicam que a habilidade de atenção compartilhada não é só a capacidade de coordenar o foco de atenção com o parceiro, mas engloba também o aspecto maturacional da função ‘atenção’, os estilos comunicativos maternos e a responsividade das mães durante as interações. Nessa linha, Osório et al. (2011), em estudo longitudinal, investigaram a qualidade das dicas maternas a respeito do estabelecimento de atenção paralela e da eliciação de respostas de AC por parte dos bebês. As autoras entenderam que a qualidade destas dicas fornecidas pelas mães podem ser preditoras de maior estabilidade emocional futuramente. Ressalte-se que o trabalho de Evans e Porter (2009)

indica maior autonomia, da parte do bebê, no estabelecimento de suas próprias metas, independentemente das metas atencionais propostas por sua mãe, na interação. Os demais reiteram a importância do adulto na interação, atribuindo a ele predominância na relação.

O trabalho de Aquino e Salomão (2011a) aponta a variações nas percepções maternas sobre as habilidades comunicativas dos bebês, em função das idades destes. As autoras verificaram também que uma parte das mães parecia desconhecer estas habilidades, o que pode interferir nas relações que estabelecem com seus filhos.

O **papel das pistas sensoriais, multimodais e sociais**, fornecidas ao bebê para a construção da AC foram investigadas por Vaillant-Molina e Bahrick (2012), Bahrick et al. (2016), Suarez-Rivera, Smith e Yu (2019), Guellai e Streri (2011), indo além das pistas unicamente visuais. Os autores apontaram à possibilidade de utilização de outras pistas pelos bebês para a construção AC, considerando que a estruturação das pistas visuais combinadas com outras pistas também seria importantes de se levar em conta. Para Vaillant-Molina e Bahrick (2012), a referência social surgiu em um contexto de pistas multimodais (auditivas, visuais e afetivas), sendo este conjunto multimodal uma condição importante para propiciar o desenvolvimento da referência social.

Nessa perspectiva, Suarez-Rivera, Smith e Yu (2019) dizem que a atenção visual conjunta entre pais e filhos pode fomentar o desenvolvimento da habilidade de atenção, ajudando os bebês a aumentarem a duração o tempo de atenção aos objetos. Os autores explicam que a AC se vincula a um maior tempo de atenção visual da parte dos bebês, e os comportamentos dos pais considerados relevantes para essa vinculação e manutenção são a fala e o toque no objeto, associados, apontando, assim, que mais importante do que o seguimento e a coordenação do foco do olhar, são estas outras pistas multimodais (fala e toque) associadas. Também Guellai e Streri (2011) dizem que pistas utilizadas pelos bebês para orientar sua atenção são, desde o nascimento, o olhar e a fala (audição), sendo pistas importantes para orientar o processamento facial e a cognição social precoce e, quando dirigidos conjuntamente ao bebê, são poderosas para o desenvolvimento de habilidades sociais precoces. Desta forma, para Bahrick et al (2016), manter a atenção às faces e vozes de pessoas que estão falando é crítico para o desenvolvimento perceptivo, cognitivo, social e linguístico. Apesar disso, a maioria dos estudos realizados sobre atenção tem sido com eventos silenciosos e estáticos, ainda que o estudo em questão apresente aos bebês eventos dinâmicos e audiovisuais, o que o aproxima de eventos naturais, que são multimodais. Eventos dinâmicos capturaram mais a atenção dos bebês.

Esta atenção relativa a eventos do mundo social emerge gradualmente durante a infância, a partir de estimulação sensorial natural e multimodal. Este tipo de estimulação é extremamente

relevante quando se trata da construção da AC em crianças com diferenças sensoriais (notadamente a cegueira), conforme Colus (2012) apontou. A criança com dificuldades visuais, mesmo severas, constrói a AC por outras vias sensoriais que não a visão, sendo uma das mais importantes o sistema háptico, ou tato ativo, podendo inclusive, construir e manter a AC em idade anterior àquela que a literatura preconiza.

Já o estudo de Courage (2010) investigou a competição entre pistas de diferentes naturezas e a **distração** exercida por algumas delas, na interação pais-bebê durante episódios de AC. Foi investigado o comportamento de atenção de pais e de bebês quando há uma televisão ligada ou desligada perto deles, percebendo que se os brinquedos forem novos, eles recebem mais atenção do que a televisão, e os pais recebem pouca atenção. Os pais, por sua vez, apesar de dirigirem sua atenção mais para as crianças e brinquedos do que para o vídeo, o fazem em menor intensidade quando a televisão está ligada. O estudo lança luz sobre a captura e a manutenção da atenção e sobre comportamentos de distratibilidade. Nesse sentido, é possível imaginar que um ambiente com uma variedade de pistas que competem entre si, pode ser um dificultador para o estabelecimento da AC, tanto para os adultos quanto as crianças.

Gerson e Woodward (2011) e Gergely et al. (1995) consideram que, durante os episódios de AC, os bebês estão engajados na **resolução de problemas** e, observando o adulto, buscam estratégias para tanto. Gerson e Woodward (2011) perceberam que comparar suas ações com a de seus pais, imitando-os, levava os bebês a terem maiores possibilidades de insight sobre o estado atencional do outro, compreendendo melhor a intencionalidade deste. (1995), argumentam que, em episódios de AC, bebês de 12 meses são capazes de identificar a meta do agente intencional e depois avaliar suas ações, em direção a esta meta, em uma perspectiva que os autores chamam de racional, e que estaria na base da crença sobre o que o outro deseja fazer. O bebê perceberia o que o parceiro quer fazer, e seria capaz de analisar suas ações em função deste desejo do parceiro.

Há três estudos que tratam da **importância da AC para a filogênese e também para a ontogênese**: Bothof e Wiese (2009), Van Heck et al. (2007) e Kristen et al. (2011). Bothof e Wiese (2009), que enfatizam que quando duas pessoas estabelecem AC, criam um mundo compartilhado, aumentam as chances de sobrevivência e de ajuste do indivíduo ao meio, promovendo aprendizado precoce, já que informações e experiências sociais podem ser transmitidas de um indivíduo a outro. Os autores dizem que o mecanismo de AC possui diferentes circuitos neurais cerebrais, que permitem iniciar e responder a propostas de compartilhamento de atenção, através do sistema de neurônios-espelho, os quais possibilitam ao indivíduo observar, compreender e prever o comportamento do outro. Além disso, em bebês,

a capacidade de responder a propostas de AC está diretamente ligada a uma maior proficiência em linguagem (expressiva e receptiva) e a melhores capacidades de interação social.

Dois textos, de Kopp e Linderberger (2011) e de Mundy e Jarrold (2010) abordam **aspectos neurológicos** que se interligam com a construção da AC. Kopp e Lindenberger (2011) verificaram como momentos de maior e menor intensidade de AC estariam correlacionados com a posterior memória, dos bebês, sobre estes eventos. Utilizaram-se de aparelhos de eletroencefalograma, com bebês de 9 meses de idade, juntamente com suas mães, encontrando-se correlação positiva para momentos de maior AC e posterior evocação de memória, após uma semana. O estudo de Mundy e Jarrold (2010) teve como foco a relação entre a AC e a rede neural dos bebês. Os autores explicam que a função executiva de AC permite o processamento rápido, paralelo e comparativo de informações sobre a própria atenção e a atenção de outras pessoas nas interações sociais e surge como uma prática comportamental ativa no primeiro ano de vida; é tanto uma causa quanto uma consequência do desenvolvimento de uma rede neural paralela e distribuída de sistemas corticais e sub-corticais primariamente frontais e parietais. Uma vez codificado, este sistema de processamento paralelo e distribuído contribui para a capacidade humana de maior profundidade de processamento de informações, em situações de aprendizagem social, coordenação mental de atenção à referência socialmente comum de representações abstratas (pensamento simbólico) e capacidade de representar mentalmente a atenção de si e dos outros. Para eles, a AC é tanto a organização quanto a consequência desta organização de uma rede cerebral distribuída e integrada nos sistemas cortical e parietal. Com o desenvolvimento do bebê, a AC se internaliza e traz contribuições essenciais para o pensamento simbólico e o desenvolvimento social. A hipótese é de que fatores biológicos e maturacionais não estariam em oposição a aspectos desenvolvimentais; haveria uma interação entre eles, de forma que o desenvolvimento de um alimentaria e estimularia o desenvolvimento de outro, como uma ‘parceria’ entre cérebro e experiência, sendo a AC possível de ser estudada e compreendida não apenas como uma função executiva, mas como um produto do desenvolvimento sociocognitivo.

Van Heck et al. (2007), em estudo longitudinal, perceberam que há uma correlação positiva entre resposta de AC (fornecida pelo bebê) e posterior comportamento de regulação do foco de atenção pela criança (já na pré-escola), e também de auto-regulação, em tarefas em que é necessário a criança controlar seus impulsos para obter uma gratificação. Kristen et al. (2011) investigaram a relação entre a AC e o **desenvolvimento linguístico** dos bebês, avaliando as relações preditivas entre habilidades de AC, compreensão de intenção e posterior vocabulário de estado mental. Para tanto, observaram e mediram o seguimento do olhar, o apontamento

referencial, a produção de gestos declarativos e a compreensão de gestos imperativos feitos pelo adulto. Encontraram correlação positiva entre essas habilidades referenciais e o posterior desenvolvimento do vocabulário sobre estado mental; encontraram também correlações positivas entre a compreensão do gesto imperativo do parceiro e o desenvolvimento do vocabulário volitivo do bebê. Renzi et al. (2017) afirmam, sobre a AC e sua relação com aspectos linguísticos, que o vai e vem comunicativo entre o adulto e o bebê facilita a aquisição de linguagem pelos bebês. A respeito da importância crucial da AC no desenvolvimento filio e ontogenético, explica Tomasello (2003, p. 9-10):

A evolução cultural cumulativa é, portanto, a explicação para muitas das mais impressionantes realizações cognitivas dos seres humanos. Contudo, para avaliar plenamente o papel dos processos histórico-culturais na constituição da cognição humana moderna, temos de olhar para o que acontece durante a ontogênese humana. O mais importante é que a evolução cultural cumulativa garante que a ontogênese cognitiva humana ocorra num meio de artefatos e práticas sociais sempre novos que, em qualquer tempo, representam algo que reúne toda a sabedoria coletiva de todo o grupo social ao longo de toda a sua história cultural. As crianças são capazes de participar plenamente dessa coletividade cognitiva a partir de mais ou menos os nove meses de idade quando, pela primeira vez, começam a fazer tentativas de compartilhar a atenção e de aprender imitativamente através de seus co-específicos. Essas atividades de atenção conjunta que assim principiam representam nada mais que o surgimento ontogenético de adaptação cognitiva única dos seres humanos para se identificar com outras pessoas e, dessa forma, compreende-las como agentes intencionais iguais a eles mesmos.

Alguns trabalhos abordam na AC, a **intencionalidade e a relação com a teoria da mente**, como Csibra e Shamsudheen (2015), Moll e Kadipasaoglu (2013), Moll e Tomasello (2010) e Soares de Abreu, Cardoso-Martins e Barbosa (2014). Csibra e Shamsudheen (2015), propõem que os bebês, ao manipularem os objetos, não estão apenas aprendendo sobre as características particulares destes; estão aprendendo sobre categorias, e também aprendendo a simbolizar. Moll e Kadipasaoglu (2013) defendem a primazia da perspectiva social sobre a perspectiva visual: antes que as crianças desenvolvam uma consciência do que exatamente é visto ou de como um objeto se mostra de um ponto de vista particular, elas devem aprender a compartilhar a atenção e a construir um campo experiencial comum. Nesse sentido, aprender sobre a perspectiva literalmente visual do outro, é algo secundário. Moll e Tomasello (2010) explicam que a AC permite que o bebê saiba o que é que o outro sabe, fornecendo as bases para a elaboração da teoria da mente. Estes autores enfatizam que se leve em conta não só aquilo que a AC possibilita fazer com o objeto, mas que a essa relação com o objeto se sobreponha a dimensão da relação interpessoal. É essa dimensão que se reflete na teoria da mente, que se norteia pela questão da intencionalidade. Soares de Abreu, Cardoso-Martins e Barbosa (2014) afirmam que

Esses comportamentos [...] prenunciam o nascimento da "teoria da mente", ou seja, da compreensão de que as pessoas são seres psicológicos, cujas ações ou comportamentos são determinados por estados mentais. Com efeito, ao voltar seus olhos na direção do olhar de outra pessoa, os bebês denotam compreender o olhar como um ato proposital que envolve a percepção de um objeto ou evento particular no meio ambiente.

Entretanto, as mesmas autoras apontam que

Ao contrário do que parece ocorrer em relação aos comportamentos de iniciar atenção compartilhada, a interpretação do comportamento infantil de seguir o gesto de olhar ou apontar das outras pessoas tem sido objeto de controvérsia na literatura. Em oposição à interpretação "rica" de Tomasello que argumenta que os comportamentos de atenção compartilhada denotam uma compreensão implícita de intencionalidade, alguns autores têm sugerido que os comportamentos de responder à atenção compartilhada podem ser explicados em termos de uma aprendizagem condicionada. Por exemplo, é possível que os bebês simplesmente aprendam que o gesto de olhar ou apontar de um adulto é, de modo geral, seguido de um objeto ou evento interessante no prolongamento exato daquele gesto.

Buscando novas perspectivas ao processo de AC, Dice e Dove (2011) propõem um **aporte piagetiano** para a compreensão da AC, dizendo que comportamentos referenciais dos bebês são significantes motores do pensamento. Assim, as crianças reconhecem os seres humanos como objetos particularmente relevantes para seus comportamentos dirigidos a objetivos: quando os bebês estão observando o que os adultos fazem ou olham, em um momento de AC, isto é parte de sua estratégia de resolução de problemas. Portanto, de acordo com os autores, a pesquisa na área da AC pode prosseguir sem que se assuma que as crianças pequenas tenham habilidades sociocognitivas avançadas para a sua construção.

Em uma outra abordagem, estão os trabalhos de Veríssimo (2015) e de Martell (2010), que elaboram a AC, a partir da **fenomenologia**. Martell (2010) propõe uma análise fenomenológica da AC, considerando que embora fenomenólogos tenham discutido a experiência perceptiva entre duas pessoas, não se tem discutido a experiência de se perceber compartilhadamente um objeto, entre várias pessoas. O autor considera que o processo da AC difere de outros processos que envolvem percepção, pois é preciso perceber uma outra pessoa, assim como perceber que esta outra pessoa, por sua vez, percebe um objeto e o outro, recíproca e simultaneamente. Neste caso, o objeto faz parte de uma experiência perceptiva mais ampla, em que se inclui também o outro 'percebedor' e a consciência que cada um deve ter sobre si, sobre a situação e sobre o estado mental do outro, semelhante ao seu. O autor questiona se esta maneira de se pensar é adequada para o estudo dos estados iniciais do desenvolvimento e se a AC infantil pode ser vista como semelhante à dos adultos, apenas menos sofisticada, e finaliza apontando a necessidade de se considerar a AC de forma simbólica, tanto para aquelas expressões mais primitivas (dos bebês) como para as mais elaboradas (dos adultos).

Veríssimo (2015) também numa abordagem fenomenológica afirma que, na ideia de AC, imbrica-se uma profunda intuição sobre a constituição de um mundo socialmente partilhado, podendo a AC ser investigada para além de um quadro conceitual que articula objetivismo e solipsismo. O autor aponta, em crítica (feita a partir de considerações sobre a teoria da mente) à atual psicologia do desenvolvimento, de que o cognitivismo, presente na psicologia desde os anos 1990, tem estado saturado por dois preconceitos: o primeiro, de natureza mentalista, considera a mente como um domínio interior, acessível apenas ao seu portador e escondida atrás de seu corpo. E, o segundo, decorrente do mentalismo, é de natureza intelectualista, pois se o outro é um problema, é ao conhecimento que ele se oferece, inicialmente. Assim, uma vertente fortemente cartesiana pode vir a estruturar a maneira como se tem compreendido o desenvolvimento humano. O autor aponta à influência do “paradigma cognitivo” e da “definição fortemente intelectualizante dos comportamentos vivos”, descartando-se a explicação interpretativa ou descritiva por ser considerada metafísica. O autor aponta que autores como Rochat e Trevarthen, com uma noção de intersubjetividade, em que se considera a corporeidade, a emoção e a noção de estar vivo em um corpo humano, para além do mito da consciência autônoma, oferecem possibilidades de se compreender a AC como uma mudança na qualidade da relação entre o bebê e o parceiro, em que o bebê adquire uma curiosidade e imaginação acerca do outro, tornando-se um aprendiz de sentidos e experiências.

Nessa linha da **intersubjetividade**, encontram-se dois artigos (Camaioni, 1997; Rochat, 2007). Camaioni (1997) argumenta que os bebês são socialmente responsivos desde seu nascimento: eles não apenas olham para as pessoas, especialmente para os olhos e a face, como também mostram uma preferência precoce pela face, voz e cheiro de suas mães; são socialmente ativos, pois sorriem, choram e suas expressões faciais afetam outras pessoas. Recém-nascidos e bebês pequenos são capazes de imitar expressões faciais sem que vejam sua própria performance, o que leva a supor que eles podem estabelecer uma equivalência entre o outro e si próprios. A autora prossegue afirmando que estudos microanalíticos demonstram a existência de uma intersubjetividade primária, com os bebês muito novos envolvidos em uma relação diádica com o parceiro interativo. A partir de 5 ou 6 meses, a relação passa a ser triádica e o bebê utiliza o outro como fonte confiável de informação sobre objetos ou eventos. Por volta de 8 meses, percebe-se o seguimento e monitoramento do olhar do outro e, entre 10 e 13 meses, os bebês começam a usar gestos que orientam a ação do adulto, como apontar, mostrar e oferecer, por exemplo. Essa capacidade do bebê de alternar o olhar entre o parceiro de interação e o objeto, mostra que ele tem consciência sobre os efeitos que estes sinais têm na interação. Esses gestos são gestos distais, presentes nos episódios de AC e, diferentemente dos gestos

imperativos, possibilitam que o bebê perceba o outro não só como um ajudante ou uma ferramenta para alcançar um objetivo, ou seja, um agente de ação, mas também como alguém que, além disso, seja um agente de contemplação e possua seus próprios estados mentais.

Já Rochat (2007) em seu artigo afirma que o mecanismo que leva o bebê da percepção do outro como um parceiro íntimo de trocas face a face (por volta de 2 meses) à percepção deste outro como um agente intencional (por volta de 9 meses) permanece pouco esclarecido. Ele afirma que essas trocas face a face proporcionam ao bebê oportunidades únicas de desenvolvimento, oferecidas por um adulto sensível que intencionalmente cuida dele, o mima, o carrega e o atende. Neste contexto altamente recíproco, os bebês vão se treinando para aprender e distinguir a ação que é intencional, dirigida ao *self*, daquela que não é. É neste rico contexto interativo que a ação intencional e a compreensão dela no outro surgem, e isso é mais do que o surgimento de algo previamente adaptado ou esperado. Neste sentido, a origem das ações intencionais na ontogenia humana devem-se à estas trocas recíprocas precoces, e não a uma interação individual com objetos do meio físico.

Afastando-se, dessa maneira, de trabalhos que levem em consideração central aspectos cognitivos da criança, algumas pesquisas investigaram a questão da **afetividade**, como fator constitutivo das / nas interações, em relação à AC (Seidl de Moura et al., 2008; Buon et al., 2014; Mireault et al., 2012, 2014; Phillips, Wellman & Spelke, 2002; Yoon et al., 2014). Seidl de Moura et al. (2008) descrevem que a idade do bebê altera o tipo de manifestação de afetividade recíproca dos parceiros; e, que interações do tipo face-a-face predominam quando os bebês têm um mês, mas é a estimulação por objeto que predomina aos cinco meses. As autoras também destacam a afetividade e seu papel constitutivo nas interações recíprocas. Buon et al. (2014), investigando a discriminação, por parte dos bebês, entre uma pessoa que agia de forma anti-social (empurrando uma menina) e outra pessoa que agia de forma pró-social (consolando e ajudando a menina), notaram que ambos os grupos preferiam o agente pró-social. Ao se considerar que pessoas podem fazer mal a co-específicos, a pesquisa conclui que bebês podem ter uma capacidade adaptativa de detectar agentes humanos (co-específicos) nocivos.

Mireault et al. (2012) apontaram que bebês mais bem-humorados eliciavam maior engajamento parental, o que auxilia na estruturação do apego seguro entre bebê e pais e, concomitantemente, este apego seguro, por sua vez, oferece maior probabilidade de estruturação de traços de humor. A AC está na base dos eventos que possibilitam esta construção. Já Mireault et al. (2014), partindo do princípio de que bebês olham para a face de seus cuidadores, quando estão em situação ambígua, percebem que bebês de seis meses riem para seus cuidadores, quando estes estão rindo e demonstrando humor em uma dada situação,

mas bebês de 8 meses riem do evento sobre o qual os cuidadores riem também. Aponta-se a relevância de se estudar o humor como aspecto importante para os fenômenos desenvolvimentais, visto os bebês apresentarem uma sofisticada percepção deste, ainda pouco explorada.

Phillips, Wellman e Spelke (2002) investigaram se e quando os bebês conectam o afeto positivo demonstrado por um adulto, em sua expressão facial, e a sua percepção da ação intencional deste adulto, coerentemente com este afeto, em uma série de quatro experimentos. No primeiro, um adulto observava um objeto, com um sorriso, e depois o pegava e apertava. Nos outros três, isso acontecia, mas foi introduzida uma inconsistência: o adulto olhava para um de dois objetos, mas apertava o outro. Percebeu-se que bebês de 12 meses reconheceram que o ator pegaria e apertaria o boneco para o qual havia sorrido, mas os bebês de 8 meses não conseguiam reconhecer o mesmo. Yoon et al. (2014), apontaram o impacto do apego inseguro, na relação mãe-bebê, sobre o desenvolvimento da AC, afirmando que embora a AC tenha sido extensamente estudada em crianças com desenvolvimento típico ou normativo, poucos se sabe sobre o impacto do apego inseguro, na relação mãe-bebê, sobre o desenvolvimento da AC. Através do Teste da Situação Estranha, de Ainsworth, os autores observaram bebês de 12 e de 18 meses em momentos de comunicação disruptiva com suas mães, percebendo que estes bebês apresentam uma robusta disposição para compartilhar suas experiências, assim como os demais bebês típicos, embora esta disposição dependa das dicas afetivas fornecidas por adultos para se concretizar.

Colus (2012), em dissertação de mestrado, aponta que a emoção não tem sido considerada nos estudos da AC, mesmo sendo um forte conector entre os parceiros de interação. Neste sentido, Veríssimo (2015), em artigo teórico de cunho fenomenológico, explica que o viés cognitivista que tem perpassado os estudos sobre a AC faz com que se considere que é ao conhecimento do outro que o sujeito se mostra, relegando a emoção e a afetividade a aspectos pouco explorados nas pesquisas.

Numa outra perspectiva, encontrou-se estudos que tratam de construção de AC em **diferentes contextos culturais** (Childers, Vaughn & Burquest, 2007; Bornstein et al., 2012). Childers, Vaughn e Burquest (2007), em estudo longitudinal, com os Ngas, uma tribo da Nigéria, investigaram a relação entre a AC e a aquisição de verbos e substantivos por parte dos bebês, os quais são carregados às costas, por seus cuidadores, alterando a configuração do olhar para a face do outro, em um momento de AC. Especificamente com relação à AC, percebeu-se que os bebês nigerianos produziram comportamentos de AC similares a outras culturas (às culturas ocidentais, inclusive), tanto em quantidade quanto em qualidade. Em relação à

aquisição de classes gramaticais, os verbos foram privilegiados em relação à substantivos. Os pesquisadores apontam que estudos como esse são importantes para que se compreenda a emergência da AC em culturas tradicionais, bem como o desenvolvimento da linguagem em contextos específicos.

Em pesquisa trans-cultural de 2012, Bornstein et al. videogravaram, em suas residências, 220 díades mãe-bebê de 5 meses de idade, tanto em região rural quanto metropolitana na Argentina, na Itália e nos Estados Unidos. Verificaram que, embora houvesse diferenças entre os relacionamentos (por ex., as mães de área rural tendiam a ser mais intrusivas do que as demais; as mães italianas tendiam a ser mais expansivas e os seus bebês, mais responsivos), o comportamento emocional adaptativo regulado pela cultura está presente desde os momentos iniciais do relacionamento mãe-bebê. Os pesquisadores sugerem que há algo como uma estrutura comum que poderia descrever a qualidade dos relacionamentos (adaptativos) entre mãe-bebê, a qual pode auxiliar a compreender melhor trajetórias culturais que permeiam o desenvolvimento infantil.

A respeito dos **contextos** em que a AC tem sido estudada, como acontece com os trabalhos acima, é importante lembrar que contextos trans-culturais representam uma parte, apenas, de todos os contextos que, até o momento, não tem recebido atenção, pela literatura sobre a AC. Nesta revisão não se encontrou nenhum trabalho que investigasse a AC em relação aos contextos indígenas ou à populações rurais brasileiras, por exemplo. Os contextos de educação e cuidados coletivos, em que as crianças desta pesquisa se inserem, também não foram contemplados em nenhum trabalho que diretamente investigasse a AC. Dois estudos apontaram à construção da AC entre bebês, sem a presença física e direta do adulto naquele momento, sendo eles os de Amorim, Anjos e Rossetti-Ferreira (2012) e Costa e Amorim (2015). A pesquisa de Amorim, Anjos e Rossetti-Ferreira (2012) aponta para indícios de construção de AC entre bebês coetâneos em creche, sem a presença física e direta do adulto, no momento das interações, sinalizando para a possibilidade de construção da AC entre esses parceiros, em seu primeiro ano de vida, em idade até um pouco anterior à preconizada pela literatura. Frente ao resultado e por este não ser o objetivo central do trabalho, as autoras propõem que mais estudos sejam realizados nesse sentido. Costa e Amorim (2015), investigando a abreviação da comunicação entre bebês, com um casal de bebês gêmeos de 11 meses e seus parceiros preferenciais, identificaram a abreviação nos comportamentos dos bebês entre si, a qual foi se alterando com a idade do bebê, passando de uma maior concretude às manifestações culturais de seu grupo. Notaram também o intenso interesse de um bebê por outro, expressando-se e comunicando-se através de seu corpo, de gestos, risadas, balbucio, no entremeio da interação.

Além disso, embora não fosse o foco da pesquisa, notaram interações triádicas entre os bebês e poliádicas, entre bebês, cuidadora e objetos.

Fundamentalmente, portanto, o que se encontra são os contextos tradicionais, como a residência e o laboratório. Esta lacuna indica a necessidade de novas pesquisas, que levem em conta outros tipos de contextos, e levanta também a questão de que os achados das pesquisas têm trazido uma certa homogeneização de resultados que podem estar ligados às similaridades no desenvolvimento infantil, mas também à pouca variação dos ambientes em que as pesquisas se realizam.

Outro aspecto diretamente ligado ao contexto das pesquisas diz respeito aos **participantes das pesquisas**. Autores como Fernald (2010), Seidl de Moura et al. (2008) e Aquino e Salomão (2011b) apontaram à pouca variação das amostras estudadas e à consequentemente necessidade de mais estudos com outros grupos populacionais. Fernald (2010) discute que as crianças de classe-média têm sido os sujeitos preferencias das pesquisas da área, limitando outros achados possíveis, os autores afirmando que a pesquisa científica tem excluído, como sujeitos, crianças que vivem em situação de pobreza e que poderiam experimentar menos estimulações cognitivas nos primeiros anos de vida. Ignorando estas diferenças, limita-se a capacidade de compreender a poderosa influência do apoio ambiental à ontogenia das habilidades sociognitivas precoces.

Seidl de Moura et al. (2008) e Aquino e Salomão (2011b) apontam também à necessidade de maiores investigações sobre a AC que levem em conta, por exemplo, aspectos socioculturais como o nível socioeconômico dos participantes, visto que as amostras utilizadas nas pesquisas têm sido predominantemente compostas por mães-bebês de classe média e cunho superior. Dice e Dove (2011) também apontam a limitações nos achados, como o pequeno número de bebês e o fato de todas serem meninas de um único grupo sócio-econômico, reconhecendo a necessidade de expansão da amostra.

Finalmente, um grupo de trabalhos (Uithol & Paulus, 2014; Harrist & Waugh, 2002; Bosa, 2002) vem apontar a **dificuldades teórico-metodológicas quanto às pesquisas sobre a AC**. O artigo de Uithol e Paulus (2014), embora não aborde diretamente a questão das trocas intersubjetivas precoces, toca na questão da simbolização e percepção da intencionalidade. Os autores, em seu artigo de revisão, afirmam que a leitura da intenção e a compreensão da ação do outro são notadas em bebês muito pequenos, mas a noção do que seria atribuição de intenção e compreensão da ação na relação com outra pessoa, por parte dos bebês, nas pesquisas, tem sido cercadas de muita confusão. Eles consideram, por exemplo, que a compreensão da ação do outro é algo construído aos poucos, de acordo com o desenvolvimento

do bebê, e não como algo que surge de um momento para outro. Alertam que tal confusão sobre o que se está designando com cada comportamento tende a tornar difícil avaliar o valor e o significado dos achados em pesquisas.

O artigo de Bosa (2002) discorre sobre a atenção compartilhada e a detecção precoce do autismo. Apesar da temática do autismo não ser privilegiada nesta revisão, este artigo foi selecionado pela discussão abrangente que a autora faz sobre a atenção compartilhada. Bosa inicia argumentando que a AC tem sido alvo de discussões um tanto fragmentadas, que tem posto ênfase nos comportamentos que compõem a habilidade, a emergência em determinados períodos ou seu papel como preditora do desenvolvimento social. Ela afirma que a AC não tem sido discutida a partir da intencionalidade (e não apenas levando-a em conta), não se tem investigado o por que de ser considerada preditora de desenvolvimento social e a questão do contexto também não tem sido devidamente contemplada (pois é vista como competência interna da criança). Faz considerações a respeito de sua interrelação com o autismo, apontando questões que requerem mais investigação quanto a este quesito.

Ao final da análise do material de revisão, percebe-se um robusto e multifacetado panorama de pesquisas, com uma variada gama de temas e de perspectivas teórico-metodológicas associadas à AC. Não se pode dizer que esta habilidade tenha sido pouco explorada pela literatura, dada a quantidade de pesquisas e ao fato de estar sendo investigada há décadas. Contudo, algumas características das pesquisas merecem atenção e algumas lacunas são visualizadas e apontadas por autores aqui elencados. Poderiam ser citadas, entre tais características e lacunas, a predominância de estudos realizados na situação de laboratório; a também predominância das pesquisas que tem como sujeitos a díade mãe-bebê; a conceitualização da AC, em maior medida, como uma habilidade interna da criança, com emergência em um determinado marco cronológico da vida do bebê, o que leva a desconsiderar a questão do contexto e da constituição das relações; a primazia da atenção visual e dos comportamentos a ela associados (olhar, apontar, mostrar) em detrimento da perspectiva social /afetiva na construção e manutenção da AC; a pouca consideração de outras pistas sensoriais para a construção da AC, a menor atenção dada à questão da intersubjetividade como fundante e constitutiva do desenvolvimento do bebê e da AC, em prol de uma visão mais cognitivista e mentalista.

Uma enorme lacuna há ainda e se apresenta revestida de ainda maior relevância, que é a ausência de investigações sobre a construção da AC entre bebês e crianças, sem a presença direta do adulto, concretamente no momento em que se dá a interação dos pares, particularmente em contextos de educação e cuidados coletivos. Há trabalhos que tratam da

construção da AC em diferentes contextos inter-culturais, como os trabalhos de Childers, Vaughn e Burquest (2007) e de Bornstein et al. (2012). Há também as pesquisas de Amorim (2012), Amorim, Anjos e Rossetti-Ferreira (2012), Costa e Amorim (2015), que estudaram bebês em contextos de educação coletiva, mas não trataram, diretamente, da construção da AC.

Dessa maneira, a busca por respostas que envolvam ambas as situações, a construção da AC entre bebês e entre bebês e crianças mais velhas, em contextos de educação e cuidados coletivos, além de posicionar o bebê em um lugar central como sujeito de pesquisas no campo da psicologia do desenvolvimento, ultrapassando aqueles limites antes identificados por Carvalho e Beraldo (1989) sobre a pesquisa com bebês como sujeitos, acrescenta o caráter de originalidade e inovação a um campo de estudos que embora – como já se mencionou- seja robusto e multifacetado, ainda possui aspectos inexplorados que podem ser fonte de importantes descobertas quanto ao desenvolvimento social, afetivo e cognitivo dos bebês.

2 BEBÊS INTERAGEM ENTRE SI? E COM CRIANÇAS MAIS VELHAS?

Muitos apontamentos e considerações foram feitos, até o momento, sobre como a AC tem sido conceituada e como as pesquisas sobre ela tem sido conduzidas. Profundamente imbricada a esta conceituação e a esta condução das pesquisas, repousa a questão da interação entre bebês e entre estes e crianças mais velhas, envolta em uma certa névoa de desconhecimento e controvérsia a respeito do que os bebês são capazes de realizar, ou seja, de quem são eles e quais são suas (in)habilidades e (in)competências. Esta questão encontra-se no cerne da hipótese investigada por esta pesquisa; por isso, merece que uma breve palavra a respeito seja mencionada.

2.1 INTERAÇÃO DE BEBÊS, CONSTRUÇÃO DA AC E A HIPÓTESE DESTE TRABALHO

Até hoje, no campo da Psicologia, o foco dos estudos nos primeiros dois anos de vida está centrado na interação da díade adulto-criança, mais especificamente da mãe-bebê, inclusive questionando-se a possível ocorrência de interação criança-criança dessa faixa etária (Brownell, 2011). Ainda hoje, poucas pesquisas têm se embrenhado na investigação da interação de bebês com seus pares de idade ou com crianças mais velhas, alguns fatores dessa escassez sendo apontados por Lordelo e Carvalho (1989). Dentre os fatores, elas questionam os mitos da incompetência do bebê, que tem base em uma perspectiva futurista ao pensar o bebê, numa perspectiva adultocêntrica, e que aponta à necessidade de o bebê crescer para aparecer, inclusive como sujeito de pesquisas. Um desdobramento dessa concepção é que, conforme afirmam Ribeiro, Bussab e Otta (2004), os bebês foram subestimados em suas capacidades, o que faz com que se olhe com surpresa a cada evidência de competência.

Todavia, ao longo das quatro últimas décadas, ocorreu crescente interesse nas capacidades interativas da criança pequena. Estudos específicos sobre esta interação passaram a estar mais em pauta na década de 1970, intensificando-se na década de 1980, como discutem Anjos et al. (2004). Esses autores afirmam, porém, que as maneiras de se investigar os processos interativos de bebês foram se modificando com o passar do tempo. Do *contato social* entre bebês - denominação dada ao interesse mostrado por bebês pelos coetâneos - passou-se a estudar a *interação de pares*; ainda, o foco deslocou-se para as capacidades comunicativas no primeiro ano de vida, destacando-se o lugar do afeto, dos gestos, da imitação e da comunicação não-verbal.

Houve, portanto, mudanças no foco dos estudos realizados e também ampliação dos tipos de ambientes onde estes estudos se realizam. Compreendeu-se também que crianças pequenas podem apresentar formas e padrões de interação que antes não se observava (Vasconcelos, Amorim, Anjos & Rossetti-Ferreira, 2003). Houve também, dentro da Psicologia, uma ampliação de pesquisas em diferentes abordagens sobre interação entre bebês. Kazahaya (2014), por exemplo, em trabalho de cunho psicanalítico, aborda a construção da subjetividade entre bebês em contextos coletivos.

Assim, embora interações entre bebês se constituam ainda em uma fatia pequena dos estudos na área, como já discutido por vários autores (Vasconcelos, Amorim, Anjos & Rossetti-Ferreira, 2003; Amorim, Anjos & Rossetti-Ferreira, 2012; Amorim, 2013), nota-se um movimento de pesquisa no sentido de maior consideração do bebê, em seu primeiro ano de vida, como sujeito de pesquisas (Amorim, Costa, Rodrigues, Moura & Ferreira, 2012). A esta inclusão do bebê no panorama de pesquisas associa-se uma compreensão de como se dão seus processos interativos, a partir de formulações conceituais recentes ou revisitadas (Neves, Katz, Goulart & Gomes, 2018). O estudo da AC, contudo, não tem tido como alvo a sua construção na interação de bebês com seus coetâneos ou com outras crianças.

2.1.1 A interação entre bebês: o papel da corporeidade e a questão da intersubjetividade

A definição de interação, em psicologia, é questão complexa, com variados pontos de vista teórico-conceituais. Neste trabalho, considera-se a noção proposta por Pedrosa, Carvalho e Império-Hamburguer (1996), que compreende a interação como o potencial de regulação entre os componentes do campo, sendo este campo definido pela natureza das partes que o constituem, ao mesmo tempo em que ele constitui essas partes. Existe um trânsito de informações entre as partes do sistema, as quais definem sua natureza e são definidas por ela. Neste sentido, a proximidade, em um momento particular no tempo é insuficiente para se definir a *sociabilidade*. Explicam as autoras que

Mariposas que se agrupam em torno de um ponto luminoso não constituem um fenômeno social porque o mecanismo que as controla não tem relação com o ser da mesma espécie, e sim com a atração específica da espécie pela luz. A implicação é de que é necessário identificar um mecanismo de regulação pelo co-específico para se definir sociabilidade (p. 7).

Prosseguem, dizendo que

A propriedade dos componentes que definem um campo de interações como social é portanto a capacidade de regular e ser regulado por seus parceiros de espécie. São seres sociais aqueles dotados, por natureza, dessa propriedade: a propriedade que chamamos de sociabilidade. [...] Como todas as características específicas da espécie,

a sociabilidade se manifesta de maneiras diferentes em cada espécie social e é tarefa do pesquisador identificar essas especificidades, formular os princípios ou leis que permitam compreendê-las e analisar sua funcionalidade no contexto de vida próprio da espécie (p.8).

Em se tratando de bebês no primeiro ano de vida, a questão da interação se complexifica, em função de características como a fugacidade de seu comportamento, a não utilização da linguagem e a corporeidade como fator indissociável de sua maneira de se relacionar com o entorno.

Vasconcelos, Amorim, Anjos e Rossetti-Ferreira (2003) enunciam que, entre os bebês, a regulação tende a ser mais implícita, não necessariamente intencional. A inabilidade motora faz com que as interações entre eles sejam mais fugazes e fragmentadas. Entretanto, essa inabilidade ou mesmo desajeitamento motor oferece uma gama de possibilidades interativas, indefinidas em seu desenrolar e em seu desfecho, porém, e justamente por isso, propícias ao surgimento do novo, do inesperado.

Embora estejam imersos em mundo da linguagem, sendo eles próprios, seres da linguagem, os bebês no primeiro ano de vida comunicam-se basicamente através do corpo. Gestos e posturas carregam significados construídos de forma mediada na mútua relação com o outro, nas práticas sociais cotidianas. Amorim (2013, p. 51) diz

Nesse sentido, ações consideradas básicas como estender braços, sentar-se e engatinhar mostram-se carregadas de significados culturais, representando em si significações. Eles representam a materialização de significações culturais, constituídas por meio de múltiplos diálogos sem palavras dos adultos com as crianças, diálogo este atravessado por uma infinidade de palavras, com sua história, concepções e práticas.

O corpo do bebê, perpassado por significações culturais, materializa tais significações em seus gestos, posturas, olhares, aproximações e retraimentos em uma interação. A noção de corporeidade, portanto, vem lançar luz sobre os processos interativos entre eles e os outros, sejam estes outros os adultos ou outros bebês, tornando-se crucial para que se compreenda como se estruturam as interações e se manifestam os seus significados.

Considerando-se as questões acima citadas e partindo-se de uma abordagem histórico-cultural; tomando-se o papel da intersubjetividade entre os parceiros de interação, notadamente da intersubjetividade entre bebês, perpassada, mediada e vivenciada *na e pela* corporeidade; bem como os aspectos relacionais, contextuais e culturais que se fazem presentes e constituintes da própria ontogenia do desenvolvimento infantil, a hipótese deste trabalho é de que díades de bebês coetâneos, entre 6 e 12 meses de vida, e díades de bebês e crianças, em interação, são capazes de simultaneamente dirigir e manter sua atenção a um terceiro elemento, coconstruindo e mantendo entre si a atenção conjunta, em uma estrutura de ação compartilhada, sem

necessariamente haver o engajamento ativo e direto do adulto neste processo no momento da interação, mas sendo que a relação com os adultos, em outros momentos, contribuem para essa coconstrução da AC.

A descrição dos objetivos derivados desta hipótese encontra-se a seguir.

3 OBJETIVOS

Os objetivos gerais desta pesquisa foram:

Investigar *se acontece*, e em caso afirmativo, *como acontece* o estabelecimento e a manutenção da atenção conjunta entre bebês coetâneos (de 6 a 12 meses) ou entre bebês nesta idade e crianças mais velhas, em interação.

Já os objetivos específicos foram:

- Verificar os recursos interativos de que os bebês dispõem e fazem uso para iniciar, manter e interromper um processo de interação entre si;
- Verificar se objetos culturais, como brinquedos, quando presentes numa situação de interação, são usados como ou propiciam a ocorrência da atenção da conjunta entre os bebês e outras crianças;
- Em caso de se dar a atenção conjunta na relação de pares e consideradas as particularidades da situação, buscar-se-á investigar a idade e o processo em que se manifesta.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

A partir de uma abordagem histórico-cultural, a perspectiva que a *Rede de Significações* (*RedSig*) (Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2004) oferece, vem delinear o percurso deste estudo, tanto teórica quanto metodologicamente, auxiliando o pesquisador a construir os dados da pesquisa, através de múltiplos estudos de caso.

4.1 A REDE DE SIGNIFICAÇÕES E O ESTUDO DE CASO: INVESTIGANDO PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

A Rede de Significações (*RedSig*), foi elaborada a partir e através de discussões teóricas ligadas à análise de dados empírico de um conjunto de pesquisas realizadas por pesquisadores do CINDEDI, que vinham estudando processos de adaptação de bebês e à creche. Com sua elaboração, após seu uso para compreender e analisar processos de *adaptação de bebês à creche* (Amorim, Vitoria & Rossetti-Ferreira, 2000), ela passou a ser utilizada para a compreensão do processos diversos de desenvolvimento humano, nas diferentes fases do ciclo vital.

A proposta da *RedSig*, que tem como referenciais teóricos autores histórico-culturais como Vigotski, Wallon, Valsiner, Bruner e Bronfenbrenner, reside na busca de uma análise que não seja centrada no sujeito, mas que reconheça como situação fundante e indissociável do desenvolvimento a sua gênese sóciohistórica, na interação pessoa-meio e na complexidade de seus múltiplos aspectos (Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2004). Aquela perspectiva propõe, nesse sentido, que “a análise dos processos desenvolvimentais psicológicos deva considerar a pessoa em desenvolvimento como parte de sistemas e buscar apreender as relações entre ela, as pessoas e os fenômenos de seu entorno” (Rossetti-Ferreira et al., 2004).

A *RedSig* não concebe o desenvolvimento humano, portanto, como um produto de fases e etapas pré-definidas, sujeitas apenas a variações individuais devido à história de vida de cada um, embora ainda se perceba que “a maioria dos manuais de Psicologia do Desenvolvimento reflete bem essa dominância de uma visão linear, fragmentada e descontextualizada prevalente na área. Fala-se no desenvolvimento linear do indivíduo, agrupando fatos do desenvolvimento em estágios, etapas ou fases” (Rossetti-Ferreira, Serrano e Costa, 2011, p. 66-67).

Assim, a *RedSig* também não endossa a subdivisão que tais manuais fazem ao tratar as áreas do desenvolvimento em separado (desenvolvimento físico, motor, cognitivo, afetivo, social...), numa fragmentação que se distancia ou mesmo oculta a pessoa real e concreta em prol do didatismo.

O alicerce da *RedSig* advém de duas formulações básicas: a complexidade do desenvolvimento humano e a constituição dialógica e semiótica do sujeito. Sua concepção de desenvolvimento, baseada na complexidade, sustenta-se na possibilidade de “múltiplas trajetórias de desenvolvimento possíveis, (...) percursos inesperados, em um fluxo contínuo, constante, coconstruindo e transformando, ao mesmo tempo em que contribui para constituir o outro e a situação”. Ainda, propõe que, ao ocorrerem mudanças em algumas das dimensões envolvidas, seus elementos são rearticulados, reconfigurando-se, o que pode levar à emergência de novos significados, transformando a trajetória tanto das próprias ações, emoções e concepções e do desenvolvimento das pessoas (Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2004). Conforme Amorim, Vitoria e Rossetti-Ferreira (2000, p. 120),

O processo de desenvolvimento é sempre concretizado no aqui-agora das situações, nas e por meio das interações sociais, e envolve uma co-construção a partir de interações, isto é, de ações partilhadas e interdependentes, articuladas por uma coordenação de papéis.

O processo desenvolvimental ganha materialidade no aqui-e-agora, no momento das situações que as pessoas vivenciam, nos componentes pessoais presentes nas interações e nos contextos em que se inserem, bem como na organização mesma desses contextos, a qual acontece em termos da disposição de pessoas nos ambientes e espaços, da concepção de rotinas, práticas e de discursos que as orientam e permeiam. Ou seja, lida-se também com limites e interdições, que, pela negação de possibilidades, também constituem essa materialidade. A matriz sócio-histórica contextualiza e materializa o processo desenvolvimental, oferecendo concretude nesse aqui-e-agora vivenciado.

Neste sentido, os limites e interdições circunscritos pelas circunstâncias experienciadas pela pessoa em desenvolvimento podem trazer não só a ideia de relações afetuosas e compartilhamento, como também de conflitos, confrontos e desagregações que também contribuem para o desenvolvimento humano, ao promover rearranjos e novos caminhos relacionais,

Com base nessa perspectiva, abre-se caminho para investigar fenômenos complexos, como é o da AC, a partir das peculiaridades individuais dos sujeitos – no caso, pares de bebês e de bebês com crianças mais velhas – em suas relações e contextos. De modo a se ter situações em que essas interações possam ser mais amplamente estudadas, optou-se pelo estudo em contextos coletivos de crianças: Instituição de Acolhimento e Instituição De Educação Infantil coletiva.

Com base na *RedSig*, optou-se pelo Estudo de Caso como método privilegiado para a presente investigação.

4.1.1 QUESTÕES ÉTICAS

A presente pesquisa pautou-se pela ética e pelo respeito aos direitos dos sujeitos participantes – aqui, as crianças, seus familiares e as instituições - conforme discute Spink (2000). Portanto, somente após ser obtida a aprovação do projeto (sob o número C.A.E. 54141516.9.0000.5407), junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP/USP), e com base na Resolução nº466/12, é que foi iniciado o estudo. Em sua condução, foram seguidas as orientações dos códigos normativos e dos aspectos dialógicos quanto à preservação da identidade, autonomia e dignidade dos participantes.

Gonçalves (2008) aponta que, em uma pesquisa, a própria relação entre sujeito e pesquisado implica mudança em ambos: as ações que vão sendo desenvolvidas na investigação vão modificando a totalidade das situações, vão modificando circunstâncias e os envolvidos no processo. Neste sentido, é preciso também pensar que a ética, além de se pautar pelos princípios da autonomia, não maleficência, beneficência, equidade e justiça, deve se pautar por constante revisão da postura do pesquisador, de procedimentos e do andamento da pesquisa, bem como da ciência em geral, contemplando o que Spink (2000) chama de reflexividade: uma ética para além de códigos normativos e prescritivos.

Assim, é preciso pensar que as crianças videogravadas não são apenas objetos de pesquisa, devendo ser preservadas não somente em relação ao tratamento das imagens, mas também quanto à destinação destas imagens e dos dados coletados, os quais só serão divulgados em situações acadêmicas e de comunicação científica. Essa consideração torna-se especialmente importante quando os bebês e crianças estão em contextos de exclusão social, como as Instituições de Acolhimento (Amorim, Von Dentz & Costa, 2018). Portanto, considera-se ético que os resultados desta pesquisa possam auxiliar a minimizar a vulnerabilidade a que estas crianças estão submetidas, ao apontar novas possibilidades e caminhos desenvolvimentais.

4.1.2 O ESTUDO DE CASO

De acordo com Yin (2005), um estudo de caso é uma investigação empírica que estuda um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. Segundo Pozzebon e Freitas (1998), a possibilidade de se responder a perguntas do tipo *como?* é forte indicativo para

a adoção do estudo de caso como metodologia preferencial, a qual permite apreender a natureza processual do fenômeno. O estudo de caso se harmoniza, então, com os objetivos desta pesquisa: investigar *se e como* acontece o estabelecimento e a manutenção da AC, entre pares de bebês e de bebês com crianças mais velhas.

Para a presente pesquisa, a opção será pelos estudos de casos múltiplos exploratórios. Será exploratório por se tratar de tema ainda pouco trabalhado dentro da psicologia do desenvolvimento. Serão múltiplos casos, pois Pozzebon e Freitas (1998) afirmam que estes são desejáveis, quando a intenção da pesquisa é a descrição do fenômeno e a construção ou o teste de teoria ou hipótese - no caso, a apreensão de aspectos constituintes da AC na relação de pares de bebês e de bebês com outras crianças. Além disso, múltiplos casos (dois ou mais) são vantajosos ao diminuir a possível vulnerabilidade advinda da análise de um único caso; e, também promovem maior riqueza, pela multiplicidade e variedade de situações investigadas.

Apesar de serem estudos de caso, estes são compreendidos como podendo vir a permitir algum relacionamento entre aspectos singulares e universais. Ou seja, caracterizam-se como um recorte da realidade particular que abrange aspectos condizentes com elementos mais amplos – no caso elementos tanto biológicos, como culturais e relacionais (Amorim, 2013). Portanto, a partir dos estudos de caso, embora não se possa generalizar as conclusões para uma amostra populacional, abre-se a possibilidade de se elaborar inferências teóricas, já que o individual está atravessado pelo cultural e social.

O estudo de caso pode ser conduzido de variadas maneiras. Dentre estas, encontra-se a utilização de videograções, sejam elas realizadas pelo próprio pesquisador, sejam provenientes de bancos de dados disponibilizados por outros pesquisadores. A segunda opção é o caso desta pesquisa, e será explicitada no próximo tópico.

4.2 OS BANCOS DE DADOS, SEUS CONTEXTOS E PARTICIPANTES

O grupo de pesquisas do CINDEDI, do qual o presente trabalho faz parte, conta com considerável acervo de videograções de bebês, acumulado ao longo de décadas de pesquisa e investigação *de e com* bebês. Pesquisadores que por ali passaram deixaram sua contribuição através da construção de bancos de dados e imagens, com registros de videograções, entrevistas e material documental.

Dentre esse material, em função do objeto do estudo, fez-se a opção pelo trabalho com as videograções já coletadas, onde tem-se inclusive bancos centrados em processos de interação

de bebês, em variados contextos e situações. Amorim, Von Dentz e Costa (2018, p. 23) argumentam que

Através da videograções, portanto, tem sido possível que se analise o conjunto de várias condições, incluindo tanto aspectos socioeconômicos e culturais imersos em que estão os contextos interacionais. A situação observada repetidamente pode ser, por exemplo, comparada com outras situações, em contextos diversos, possibilitando que se façam associações mais aprofundadas entre concepção teórica e situação observada, podendo-se evidenciar uma possível associação com fenômenos que representam as estruturas básicas ou as condições a que estão intimamente relacionados os comportamentos observados.

Garcez, Duarte e Eisenberg (2011) explicam que o uso da videogração para coleta de dados deve ser uma decisão teórico-metodológica criteriosa, estreitamente associada ao objeto e ao objetivo da pesquisa, sendo fundamentada e justificada com pertinência. No âmbito desta pesquisa, configurou-se a melhor opção, pois

No que se refere a pesquisas com crianças em grupos, é importante lembrar que elas falam ao mesmo tempo, interagem, brincam, sentam, levantam, não param quietas e comunicam-se entre si e com os pesquisadores durante todo o tempo. Com isso, certos aspectos somente podem ser registrados e analisados mediante o uso da gravação em vídeo (p. 253).

Uma câmera de vídeo móvel, como as utilizadas pelos pesquisadores do CINDEDI, possibilita a busca por melhores ângulos para o registro de determinadas situações interativas, o que oportuniza que se capte de forma mais integrada a dinâmica das situadas interações. Conforme afirma Amorim (2012), videografar possibilita captar detalhes que podem escapar ao observador regular, podendo-se retomar o material sempre que necessário e cada vez com oportunidade de atenção a um aspecto diferente. O pesquisador pode assim questionar e confrontar suas apreensões, construindo e reconstruindo os dados de forma dinâmica. Isto gera maior amplitude quanto à observação e ao relato dos dados, e à interpretação destes.

É importante aqui uma palavra a respeito da realização das videograções por outrem, que não a pesquisadora, já que a opção foi trabalhar com os bancos de imagens do CINDEDI. Pesquisadores deste Centro têm amplamente se utilizado da perspectiva da *RedSig* como ferramenta teórico-metodológica, nas pesquisas ali realizadas. Também, a perspectiva tem sido trabalhada através de vivências grupais, através de debates entre seus membros, de maneira que há convivência e comunicação entre as pesquisas e os pesquisadores. Reuniões periódicas, onde se compartilham leituras, discussões, pesquisas e práticas, são marcas desse grupo. Essa maneira de reunir pesquisadores e fazer pesquisa, favorece a aproximação da pesquisadora com os Bancos de Dados aqui existentes, de alguma maneira compartilhados no seu processo de construção.

No entanto, buscou-se outras aproximações ao campo-tema e material empírico a ser trabalhado. Como o objetivo seria o de se utilizar dos bancos de imagens ligados a duas dissertações de mestrado (Moura, 2012²; Von Dentz 2016³), entrou-se em contato com as pesquisadoras que construíram estes bancos, em conversas sobre seu processo de pesquisa e suas vivências pessoais ao longo do trabalho, leituras dos diários de campo e outros tipos de registros, e leituras das dissertações de mestrado por elas produzidas. A cada momento desta aproximação, um relato era redigido pela pesquisadora, com suas impressões, ideias, lembranças e questionamentos. Entendendo-se o campo como a totalidade de fatos psicológicos, a aproximação ao campo-tema, conforme Spink (2003), se dá não pela aproximação a lugares fisicamente situados, mas sim pela aproximação à processualidade de temas situados. Assim,

Campo, entendido como campo-tema, não é um universo "distante", "separado", "não relacionado", "um universo empírico" ou um "lugar para fazer observações". Todas estas expressões não somente naturalizam mas também escondem o campo, distanciando os pesquisadores das questões do dia a dia. Podemos, sim, negociar acesso às partes mais densas do campo e em consequência ter um senso de estar mais presente na sua processualidade (p.28).

Neste sentido, estar no campo é estar no tema; estar, portanto, no campo-tema. Rever exaustivamente as videogravações, conversar com as pesquisadoras que as realizaram, ler as dissertações que produziram, propiciou a imersão no campo tema. “Para fazer isso, não há métodos bons ou ruins; há simplesmente maneiras de estar no campo-tema, incluindo a poltrona da biblioteca” (Spink, 2003, p.36).

Já a seleção de contextos coletivos de cuidado e educação de crianças é entendida como essencial, pois, como discutido anteriormente, nesse tipo de ambiente há uma menor proporção entre adultos e crianças, o que pode (a depender dos arranjos, rotinas e pressupostos daquele ambiente) propiciar a interação de forma mais frequente e continuada entre pares de bebês, ou pares de bebês e crianças, o que nem sempre é possível em ambiente doméstico ou em laboratório.

²Moura, G.G. (2012). *Quem não pega, não se apegar: o acolhimento institucional de bebês e as (im)possibilidades de construção de vínculos afetivos*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

³ Von Dentz, M. (2016). *Expressões emocionais de sorriso e choro, na relação do bebê com seus pares, na creche*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Para este projeto, dois bancos de dados do CINDEDI foram utilizados, os quais registraram bebês com idades entre 6 e 12 meses de vida, em instituições de cuidado e educação coletivos.

O primeiro se refere às imagens oriundas da pesquisa de mestrado de Moura (2012), que videogravou bebês em situação de acolhimento institucional, em uma cidade de médio porte do interior do estado de São Paulo. O centro de acolhimento foi fundado em 1986, como instituição civil, sem fins lucrativos, com a meta de apoio à adoção. Acolhia majoritariamente crianças entre 0 e 4 anos, havendo concessões no acolhimento de crianças maiores de 4 anos, desde que pertencessem a grupos de irmãos compostos por pelo menos um bebê.

Porém, a instituição veio sofrendo mudanças, já que pouco antes das gravações chegarem ao fim, o sistema judiciário estabeleceu a meta de que a instituição de acolhimento passaria a acolher crianças de 0 a 7 anos, e não mais teria o objetivo de promover a adoção. Moura (2012, p.108) explica que

Embora as diretrizes e orientações nacionais sobre serviços de acolhimento indiquem até 20 como sendo o número máximo de crianças a ser acolhida (entendendo que, assim, preservar-se-ia o atendimento mais individualizado), os registros do Pierre ⁴indicavam um número superior, sendo 15 vagas para crianças de 0 a 2 anos e 12 vagas para crianças de 2 a 7 anos. O mesmo registro fazia uma estimativa de acolherem em torno de 120 crianças anualmente. No decorrer dos meses de vídeo-gravações (de agosto a novembro), 25 crianças passaram pelo abrigo.

A instituição de acolhimento situava-se em um bairro de classe social de baixa renda. Contava para seu funcionamento com 14 funcionários contratados, além de voluntários diversos. Muitos destes funcionários e voluntários participaram das videografações, em função da rotina de cuidado dirigido às crianças e aos bebês sujeitos focais. O abrigo caracterizava-se como local de constantes mudanças na participação das pessoas que ali conviviam, havendo forte rotatividade e transitoriedade de bebês e crianças, e também de adultos cuidadores e voluntários. Havia também frequentes alterações de diretoria e regras, adequações de normas e orientações nacionais e municipais. Todavia, mesmo com tantas alterações, era possível observar a participação de bebês e crianças como parceiros interativos frequentes, e, por vezes, constantes. Isso permitiu que esse banco de imagens fosse utilizado para o presente estudo.

Moura (p. 114) narra que

Logo no início das vídeo-gravações já se destacou o protagonismo das interações bebês-bebês e bebês-crianças mais velhas. Em muitos momentos das cenas, as crianças permaneciam brincando sozinhas na varanda (apenas com a companhia da pesquisadora que estava filmando). Dentre essas crianças, podíamos encontrar tanto os bebês nos andadores, como aqueles que engatinhavam e, também, as crianças maiores, em torno de cinco anos. Em diversos momentos, é possível perceber o cuidado das crianças maiores com as menores, ajudando-as a alcançar algum

⁴ Pierre: Nome fictício dado ao abrigo.

brinquedo ou objeto de interesse, chamando a atenção do adulto para alguma necessidade do bebê menor (por exemplo, quando este chorava). Por outro lado, também ocorriam brigas e disputas por brinquedos, objetos e espaços.

No período de três meses que decorreram as vídeo-gravações, 25 crianças estiveram abrigadas. No entanto, 18 crianças participaram das cenas e imagens registradas (ainda que muitas delas tenham aparecido com menor frequência ou apenas ao fundo das cenas enquanto estavam brincando, chorando ou deitadas no berço ou no carrinho). Devido ao próprio caráter transitório do acolhimento, dentre as 18, apenas cinco delas permaneceram todos os três meses. Em outras palavras, apenas cinco estavam lá quando as gravações começaram e permaneceram até o fim das mesmas; dentre as outras crianças, algumas estavam no início e saíram durante as vídeo-gravações; e outras chegaram ao abrigo após o início das gravações e saíram antes que estas terminassem.

Luis-Guilherme é o bebê focal videogravado da instituição de acolhimento.

O segundo banco de dados utilizado é oriundo da pesquisa de mestrado de Von Dentz (2016), que videogravou bebês em situações de cuidado e educação coletiva, o Centro de Convivência Infantil Maria Cecília⁵(creche) administrado por uma instituição sem fins lucrativos, de uma cidade de médio porte do interior do estado de São Paulo. A creche atende crianças de zero até três anos e onze meses de idade, as quais eram divididas em cinco salas, de acordo com suas idades.

A instituição localiza-se em um bairro de periferia, junto ao distrito industrial da cidade. As famílias atendidas são de baixa renda; algumas, inclusive, encontrando-se em situação de vulnerabilidade. Como a demanda de vagas superava a oferta destas, havia alguns critérios para a admissão das crianças: tinham prioridade as famílias menos favorecidas, cujos pais trabalhavam fora de seus lares e que residiam em bairros próximos. O horário de funcionamento da creche era das 6h30min até 18h, de segunda a sexta feira.

Von Dentz (2016, p. 61) descreve que

Os objetivos do Centro de Convivência Infantil (...) estão relacionados à garantia do atendimento às crianças de zero a três anos e onze meses de idade, que frequentam a creche, ao direito à assistência educacional e aos cuidados básicos, tais como higiene, alimentação e lazer (durante o tempo em que permanecem na instituição), contribuindo para possibilitar um desenvolvimento sadio e estimulador das habilidades intelectuais, físicas, sociais e emocionais, conforme definido no Plano de Trabalho de 2014.

Bruno, o bebê focal aqui videogravado, frequentava o berçário 1, para crianças de zero até 11 meses de idade, o qual contava com dezoito crianças e três educadoras. A sala do berçário 1 era ampla, arejada e iluminada. Tinha o piso frio recoberto por um tatame de e.v.a., na parte central, por onde as crianças brincavam e transitavam, por boa parte do tempo. A rotina dos bebês tem uma sequência fixa, alterando-se os tipos de atividades pedagógicas e de estimulação.

⁵ Centro de Convivência Infantil Maria Cecília: Nome fictício dado à instituição.

Von Dentz (2016, p. 64-65) expõe:

As crianças são recebidas pela manhã, e assim que todas chegam, recebem as mamadeiras; após, fazem um soninho rápido. Depois, começam os banhos e, simultaneamente, brincadeiras para o grupo maior que não está sendo higienizado, uma vez que os banhos e trocas são feitos individualmente ou em dupla. Em seguida, é oferecido o almoço. Após, as crianças logo são postas para dormir. Depois o sono, recebem mamadeiras, são trocadas e participam de atividades educativas diversas. O jantar é oferecido às 15 horas e então as crianças são trocadas em preparação ao horário de saída da creche, de 16h até as 18h.

Todas as atividades são organizadas pelas três professoras responsáveis, assessoradas por uma supervisora pedagógica. As professoras têm uma carga horária diária de 8h48min. Para saídas e entradas das crianças, além de horário de descanso das professoras, contam com a ajuda de uma auxiliar de sala.

4.2.1 OS BEBÊS PARTICIPANTES

Destes dois contextos, instituição de acolhimento e instituição de educação infantil coletiva, e para a execução da presente pesquisa, optou-se – como discutido no objetivo - pela investigação da AC em bebês entre 6 e 12 meses de vida. A seleção dessa faixa de idade se fez frente às definições de AC na literatura, nessa idade ocorrendo a ‘revolução dos nove meses’ de Tomasello (2003), quando o autor discute que o bebê passa de relacionamentos diádicos a relacionamentos triádicos, processo da AC.

Assim, do primeiro banco de dados, oriundo da pesquisa de mestrado e Moura (2012) com bebês em situação de acolhimento, selecionou-se como bebê focal, Luis-Guilherme, que contava com 10 meses e 14 dias no início das videograções. Os demais bebês do abrigo presentes nas imagens foram também considerados como sujeitos, quando em interação com ele.

Figura 1-Bebê focal da Instituição de Acolhimento: Luis-Guilherme

Fonte: Moura, 2012

Luis-Guilherme chegou ao abrigo com quatro dias de vida e dali saiu com pouco mais de um ano. Era considerado uma criança tranquila, calma e que não dava trabalho; pouco chorava. Luis-Guilherme engatinhava e explorava o ambiente com atenção e curiosidade, brincava bastante sozinho também.

O segundo banco de dados é do mestrado de Von Dentz (2016), que acompanhou – ao longo de cinco meses - bebês em instituição de educação coletiva, em uma creche sem fins lucrativos. O sujeito focal selecionado aqui foi Bruno, que contava com 08 meses e 24 dias no início das videograções.

Bruno era um bebê geralmente tranquilo e atento, mas que apresentava episódios de choro pela manhã. A mãe dizia que ele não dormia bem à noite, e sentia sono pela manhã, ficando irritado; ao ser colocado no bebê – conforto, dormia um soninho rápido. Assim como no caso de Luis-Guilherme, os demais bebês da creche presentes nas imagens foram também considerados como sujeitos, quando em interação com Bruno.

Figura 2- Bebê Focal do Centro de Convivência Infantil: Bruno

Fonte: Von Dentz, 2016

Entende-se que os dois bebês sujeitos focais selecionados oferecem as condições necessárias para a investigação da hipótese desta proposta de pesquisa: são crianças típicas, estão na faixa de idade proposta por Tomasello (2003) quando se pode visualizar comportamentos de atenção conjunta e frequentam contextos coletivos (instituição de acolhimento e creche), em que o par de idade é o parceiro mais frequente de interação.

4.3 CONSTRUÇÃO DO CORPUS E ANÁLISE DOS DADOS

4.3.1 A CONSTRUÇÃO DO CORPUS

O percurso de construção do *corpus* da pesquisa foi, inicialmente, de verificação exhaustiva das videograções de Moura (2012) e Von Dentz (2016). As videograções foram

assistidas em ordem cronológica, e, em uma primeira vez, visou-se maior aproximação visual e auditiva com aqueles contextos, já que espaços de cuidado e educação coletivos costumam ser locais com bastante conversas, sons variados e ruídos, fonte de informações importantes.

Em um segundo momento, novamente na ordem cronológica de sua realização, assistiu-se às videogravações, agora com o intuito de buscar aqueles momentos em que havia interação e possível construção e estabelecimento da AC. Aqui, assistiu-se às videogravações também em câmera lenta e/ou sem o som, na tentativa de uma percepção mais apurada. A investigação da construção e estabelecimento da AC foi feita em cada videogravação, e não houve, de início, delimitação de tempo para recorte das cenas: a busca pela estrutura de ação que propicia a AC é que foi privilegiada.

Através da análise daqueles dados, a busca passou a ser pela observação de recursos comunicativos, responsividade e comportamentos indicativos da AC entre os bebês: olhar na direção em que os olhos do outro olham, olhar para o que o outro mostra ou aponta, observar a face, as emoções e o interesse do outro. A corporeidade também foi considerada, levando-se em conta pistas comunicadas a partir de outros gestos e posturas do bebê, para além dos aspectos da *atenção visual conjunta*. Buscou-se também, a partir destes comportamentos, observá-los dentro de uma narrativa de AC, em que a interação entre os bebês se desenrola como em um filme, em determinado contexto, com um enredo próprio e um posterior desfecho. A opção foi pela transcrição de episódios que preservassem uma estrutura de ação conjunta, sem preocupação com a duração do mesmo no tempo.

Para a discussão dessa tese, foram selecionados e recortados quatro episódios: dois de Luis-Guilherme e dois de Bruno. Tais recortes foram registrados em transcrições.

Neste ponto, segue-se para a segunda etapa de análise dos dados, a análise microgenética.

4.3.2 A ANÁLISE MICROGENÉTICA

Nesta segunda etapa, foi feita uma análise microgenética de trechos selecionados, a fim de compreender os processos de construção no tempo, da interação entre os pares e da construção da AC, a partir das cenas de ação conjunta recortadas. No dizer de Góes (2000), a análise microgenética é *micro* porque se orienta para as minúcias indiciais; é genética porque focaliza a história do processo em curso; e, é ainda sociogenética por capturar os planos e eventos da cultura que permeia o evento. Segundo Smolka e Mortimer (2009, p. 53), Wertsch utiliza largamente o conceito de análise microgenética, considerando que

O domínio microgenético corresponde tanto à formação de processos psicológicos de curto prazo quanto ao desdobramento de atos individuais, perceptuais ou conceituais, em curto espaço de tempo. A análise microgenética caracteriza-se, portanto, como uma análise longitudinal de curto prazo, por meio da qual se deve prestar atenção aos pequenos indícios, aos movimentos, gestos, sons, palavras e significados e seus efeitos na interação.

Neste momento da análise, outras situações foram verificadas: a presença ou não de brinquedos, a existência de outros bebês / adultos nas cenas, e de eventos que configurem a construção e manutenção da AC. O cenário cultural – de educação infantil ou de acolhimento de crianças em situação de vulnerabilidade - que se delineia nestas interações é de suma importância para a compreensão *se* e do *como* o processo de AC se organiza. A(s) idade(s) da criança também se reveste(m) de importância neste momento da análise, pois pode ser indicativa do impacto da interação sobre a construção da AC.

5. EPISÓDIOS SELECIONADOS

EPISÓDIOS DE LUIS-GUILHERME

5.1 EPISODIO 1: AI BOTA AQUI O TEU PEZINHO

Ai bota aqui, ai bota ali o teu pezinho
O teu pezinho bem juntinho com o meu
Ai bota aqui, ai bota ali o teu pezinho
O teu pezinho, o teu pezinho ao pé do meu

E depois não vá dizê
Que você já me esqueceu
E depois não vá dizê
Que você já me esqueceu

Ai bota aqui, ai bota ali o teu pezinho
O teu pezinho bem juntinho com o meu
Ai bota aqui, ai bota ali o teu pezinho
O teu pezinho, o teu pezinho ao pé do meu

E no chegar deste teu corpo
Ai um abraço quero eu
E no chegar deste teu corpo
Ai um abraço quero eu

Ai bota aqui, ai bota ali o teu pezinho
O teu pezinho bem juntinho com o meu
Ai bota aqui, ai bota ali o teu pezinho
O teu pezinho, o teu pezinho ao pé do meu

Agora que estamos juntinhos
Dá cá um abraço e um beijinho
Agora que estamos juntinhos
Dá cá um abraço e um beijinho

Ai bota aqui, ai bota ali o teu pezinho
O teu pezinho bem juntinho com o meu
Ai bota aqui, ai bota ali o teu pezinho
O teu pezinho, o teu pezinho ao pé do meu

(Barbosa Lessa e Paixão Cortês)

No primeiro episódio transcrito, Luis-Guilherme se relaciona com uma dupla de irmãos, Sofia e Paulinho. Ao final do episódio, surge um outro menino, Murilo, que se senta entre os participantes da cena, mas não manipula a sandália.

TRANSCRIÇÃO DO EPISÓDIO 1

Luis-Guilherme está no pátio, ajoelhado, apoiando-se no chão com a mão esquerda. À sua frente, há uma porta de armário, na qual ele bate com a mão direita (espalmada). Ele está de costas para a câmera.

Figura 3 - Instantâneo 1.1

Ele se vira, olha fugazmente para a câmera, olha para baixo, olha rapidamente para o lado direito, olha para a frente, começa a engatinhar. Logo seu olhar se dirige a um pé de sandália de criança, solto no chão à sua frente.

Fonte: Moura, 2012

Ele engatinha em direção à ela. Pega o pé de sandália com a mão esquerda e se senta. Segura o pé de sandália com as duas mãos, observa-o, vira e olha a sola, levanta-o até a altura dos olhos, observa-o, segurando-o com a mão direita e puxando a tira de abotoar com a mão esquerda. Abaixa a sandália, na altura das pernas, segura-a com a mão direita ainda, e solta a tira da mão esquerda. Segura suavemente a tira com a mão esquerda, como que apoiando-a na palma da mão; segura a tira entre os dedos indicador e médio e leva-a à boca. Retira a tira da boca e a olha; de novo leva à boca; retira da boca e olha a tira. Leva à boca pela terceira vez, olha de relance para a frente.

Figura 4 – Instantâneo 1.2

Retira a tira da boca, sacudindo a sandália duas vezes com a mão direita. Pega novamente a tira com a mão esquerda, olha para baixo, ao seu lado esquerdo, depois olha para cima rapidamente. Sacode por três vezes a sandália e em seguida a bate por duas vezes no chão, com a mão direita.

Fonte, Moura, 2012

Olha para a sandália, continua segurando-a com a mão direita e leva a tira à boca. Nesse momento, uma menina de roupa cor de rosa e chupeta (aqui chamada de Sofia) se aproxima, andando. Ela fica à frente do bebê e retira a sandália da mão de Luis-Guilherme, enquanto ele ainda estava com a tira na boca. O olhar de Luis-Guilherme dirige-se rapidamente dos olhos de Sofia para a altura do tórax dela, onde ela segura a sandália com a mão direita, olhando-a. Luis-Guilherme agita os braços e, por duas vezes, faz menção de tentar pegar a sandália. Sofia passa a sandália para a mão esquerda e oferece a sandália ao bebê, que a toca com as duas mãos. Depois, ele retira a mão esquerda e a toca com a mão direita. Sofia retira a sandália da mão dele, coloca-a atrás de si, na altura das costas. Depois a leva à frente de novo, momento em que a tira de amarrar esbarra na testa do bebê. Ele pisca, joga o corpo à esquerda, fazendo menção de se afastar e volta à posição inicial. Sofia se agacha e tenta calçar a sandália no pé esquerdo de Luis-Guilherme. Ele apoia o corpo sobre a mão direita e leva a mão esquerda na direção da sandália. Depois, ele aponta, com o dedo indicador direito, para o pé de sandália na mão de Sofia.

Figura 5 -Instantâneo 1.3

Sofia não consegue calçar a sandália no pé do bebê e senta-se no chão, manipulando-a. Luis-Guilherme apoia o corpo na mão direita e leva a esquerda na direção da sandália; depois aponta, com o dedo indicador direito, para o pé de sandália na mão de Sofia.

Fonte; Moura, 2012

Ele toca a sandália por quatro vezes, na parte da frente e na tira. Ele olha para o pé da menina e o toca com a mão esquerda. Ela retira o pé e passa a perna para o outro lado, sempre olhando para a sandália. Ele tenta pegar a sandália da mão de Sofia, mas ela se desvencilha e tenta novamente colocar a sandália no pé esquerdo de Luis-Guilherme, que a observa.

Enquanto isso, Paulinho, irmão mais velho de Sofia, vestido com camiseta listrada de

Figura 6 - Instantâneo 1.4

Fonte: Moura, 2012

branco e preto e bermuda vermelha, aproxima-se andando. Ele se senta entre Sofia e o bebê, pegando a sandália da mão da menina. Ele parece tentar ajeitar as tiras da sandália. Luis-Guilherme estende a mão esquerda em direção à sandália, mas não a pega. Aponta rapidamente para a sandália, com o indicador da mão direita. Paulinho tenta colocá-la no pé esquerdo de Luis-Guilherme. O bebê se vira para a esquerda, tentando se afastar, mas Paulinho segura o pé

direito do bebê e tenta colocar a sandália. Neste momento, Luis-Guilherme está de costas para Paulinho e Sofia. Paulinho não consegue calçar a sandália em Luís-Guilherme, desiste e se afasta. Sofia pega a sandália, olha para a câmera, solta a sandália no chão, próxima ao bebê e se afasta. Luis-Guilherme pega a sandália com a mão esquerda, segura-a com as duas mãos, colocando-a na boca. Paulinho reaparece, toma a sandália da mão de Luis-Guilherme, que olha rapidamente para ele. Paulinho tenta calçá-la no pé esquerdo do bebê, que observa a ação, apoiando a mão esquerda na perna esquerda de Paulinho. Luis-Guilherme passa os braços por cima da perna esquerda do garoto. Nesse momento Sofia reaparece e se senta entre os dois. Um outro garoto, Murilo, que também está de blusa listrada, e é mais velho do que Luis-Guilherme, surge na cena e se senta entre o bebê e Paulinho. Luis-Guilherme volta à posição anterior, sentado frente à Paulinho. Paulinho para por um instante, olha para a câmera, solta a sandália no chão. Luis-Guilherme se vira à esquerda, toca com a mão esquerda a ponta do pé direito de Paulinho (que está calçado com uma sandália). Sofia tenta encaixar o outro pé da sandália em seu próprio pé, tentando afivelar.

Figura 7 - Instantâneo 1.5

Luis-Guilherme olha para o que Sofia está fazendo e aponta, com o dedo indicador esquerdo, para o pé de sandália que ela manipula. O bebê apoia o corpo na mão direita, inclinando-se à frente, e leva a esquerda na direção da sandália de Paulinho.

Fonte: Moura, 2012

Luis-Guilherme volta-se e olha para câmera, vira o corpo à esquerda e se afasta, engatinhando.

ANÁLISE DO EPISÓDIO 1

Optou-se aqui pela transcrição de um episódio longo, de forma a preservar a narrativa que se desenrolou em seguidos momentos em que Luis-Guilherme interagiu com outras duas crianças (Sofia e Paulinho), interação essa que envolveu um pé de sandália, objeto de interesse e negociação entre ele e aquelas crianças. Recortar um ou outro momento apenas, dentro do

episódio todo, significaria, neste caso, desprezar os movimentos contínuos e interligados que se desdobram, a favor de momentos segmentados em partes descontínuas, como se fossem fotos. Essa última escolha romperia com a perspectiva microgenética de compreensão do fenômeno em questão, ao desprezar a historicidade presente mesmo nas microrrelações.

Luis-Guilherme, o bebê focal, estava, no início do episódio, envolvido em bater, com a mão direita aberta, em uma porta que fica no pátio onde as crianças se reúnem em atividade livre. Ao girar o corpo, ele avista um pé de sandália que está no chão, cerca de dois metros à sua frente. Ele engatinha na direção da sandália e a pega, manipula, e leva à boca.

Aqui já se pode apontar à questão do momento de brincadeira livre em que as crianças se inserem neste recorte. Trata-se de um momento de atividades não-dirigidas, em que as crianças se entretêm com brinquedos variados (que servem mais às crianças mais velhas do que aos bebês). Os brinquedos ficam em um canto recuado do pátio interno da instituição, onde há dois bancos, lado a lado, em que os adultos, funcionários ou voluntários, podem se sentar para tomar conta das crianças. Na maior parte do pátio, não há brinquedos, a não ser aqueles que as crianças pegam neste canto e carregam consigo; ou, tem algum andador ou triciclo que estava sendo usado para locomoção. Os bebês que estão engatinhando ou caminham em andadores circulam livremente pelo espaço. Estes momentos de brincadeira livre podem durar mais de uma hora, em que adultos vão e vem, envolvidos com as rotinas da instituição.

Neste recorte, a sandália no chão assume o papel de objeto de interesse, sendo um negociado pelas várias crianças. Inicialmente, ela é “experienciada” e explorada através do paladar por Luis-Guilherme. Depois, é negociado entre Luis-Guilherme e Sofia e depois por Paulinho, que se insere na interação. A relação cresce em número de participantes. Esta situação, em que as crianças vão se (des)encontrando e se (des)agrupando, verifica-se principalmente em ambientes em que as crianças têm sua mobilidade permitida livremente, podendo ir e vir em suas interações, seguindo o fluxo do próprio interesse, o qual pode se tornar compartilhado em função da presença do outro.

Estes tipos de arranjos relacionais, em que um certo número de bebês ou crianças se agrupam e se afastam, se associam e se dissociam, são predominantemente possíveis naquelas instituições de educação e cuidados coletivos que permitem a livre circulação das crianças, bem como a escolha de parceiros de interação por parte destas, como no caso da instituição de acolhimento em questão. Carvalho, Hamburger e Pedrosa (1996) escrevem que “a brincadeira de crianças em grupo configura um campo social de interações [...] sendo o campo de interações definido pela natureza das partes que interagem, ao mesmo tempo que as constitui” (p.4). No trabalho citado, as autoras descrevem um episódio de brincadeira livre de crianças em creche

em que, assim como neste episódio de Luis-Guilherme, “há indícios de que as ações das crianças são reguladas por outras crianças, mais do que por aspectos físicos do ambiente” (p.7). A orientação da atenção é o primeiro princípio organizador da interação, indicando a disposição da criança em se engajar em atividades com outras crianças e monitorar as ações das outras crianças (Pedrosa, Carvalho & Império-Hamburger, 1997).

No episódio recortado, Luis-Guilherme engatinha em direção à sandália e a toma para si, levando-a à boca. Ele está envolvido com este objeto, em uma relação diádica, até quando Sofia se aproxima e toma a sandália dele. Ao tentar colocar a sandália no pé do bebê, Sofia demonstra ter se apropriado do valor cultural-funcional do objeto, dispondo-se a encaixá-lo no local adequado: o pé. Como Gonçalves (1996) afirma, é a ação com o outro que dá acesso à criança ao uso dos objetos e às regras existentes.

Luis-Guilherme mantém a atenção no objeto e na menina, e não se recusa a participar da ação de Sofia: não força o afastamento, não chora, não reage à ação dela, por exemplo. Em quatro momentos, ele toca a sandália e em um momento, ele toca o pé de Sofia; ainda ele aponta rápida e discretamente, ao final do episódio, com o dedo indicador esquerdo, para a sandália no pé de Sofia. Nota-se a presença de uma estrutura de relação triádica, com construção de AC, entre Luis-Guilherme, Sofia e o pé de sandália. Essa relação se transforma em poliádica, com a chegada de Paulinho. Paulinho vai também tentar colocar a sandália no pé do bebê, chega a desistir e depois retoma a atividade. Há um momento em que Luis-Guilherme tenta se afastar, mas acaba por permanecer na interação, observando Sofia tentar colocar, no seu próprio pé (de Sofia), um outro pé da sandália.

No ambiente naturalístico, que é o caso desta pesquisa, as crianças envolvidas escolhem, dentre os objetos existentes no ambiente, aquele que lhes desperta maior atenção, seja por ser novidade, seja por ser portador de uma história prévia naquele contexto, seja por mera experimentar dos objetos, seja por estar sendo alvo da atenção de outra criança. A escolha do objeto que desperta atenção não é proposta diretamente pelo adulto; e nem se trata de objetos que podem não fazer parte do cotidiano da criança, como muitas vezes ocorre nos estudos em laboratório. Esse tipo de arranjo relacional, preservado em estudos naturalísticos, organiza a pesquisa de forma diferente daquela como o laboratório organiza, o que se supõe que afete os resultados obtidos nas investigações (Amorim et al., 2012; Shin, 2012).

O fato de os objetos fazerem parte do cotidiano das crianças convida a pensar, inicialmente, na questão da atenção, como função psicológica, e de sua manutenção no tempo. Para que aconteça a AC, é necessário que a atenção, em si, seja mantida, por um determinado intervalo de tempo (ainda sem quantificação inequívoca na literatura da área) entre os parceiros

em interação. Talvez objetos de livre escolha, já anteriormente inseridos no cotidiano das crianças, alterem a forma ou a intensidade do engajamento entre elas. Estes objetos são parte de uma narrativa coletiva, que vem sendo cotidianamente construída pelas crianças, em suas interações, em um movimento microssociohistórico constante, mesmo quando o pesquisador não se encontra presente naquele ambiente. Essa narrativa nasce e se desdobra em um nicho específico, onde os objetos nele existentes são alvo de significação e de negociação entre as crianças.

A atenção a estes objetos representa, como afirma Tomasello (2003), uma escolha – dentre aqueles disponíveis no ambiente – a qual os torna o foco da AC; já se disse que a orientação da atenção é o primeiro princípio organizador da interação (Pedrosa, Carvalho e Império-Hamburger, 1997). Tais objetos escolhidos podem estar funcionando como objetos que permitem que se visibilize uma estrutura de narrativa conjunta, só possível a partir do engajamento processual e cotidianamente construído. Essa narrativa conjunta é, antes, ela própria o foco de atenção, foco fluido e sem formato aprioristicamente delineado. Esta narrativa se permite visualizar através e a partir da movimentação dos corpos e do objeto entre os parceiros em interação. Novamente, explicam Pedrosa, Carvalho e Império-Hamburger (1997, p. 6):

Shared actions express a consensual meaning, which is achieved through moment-to-moment adjustments [...] The nature and the rhythm of the actions (running, falling down, squatting, circling) are increasingly synchronized; the spatial relations, the posture and the expressive actions are kept within limits that preserve and strengthen the shared meaning; and roles are exchanged within the same limits, or constraining influences.

Tratar a AC como a habilidade de coordenar o foco atencional entre o bebê, o parceiro e um objeto é colocar o produto de um processo desenvolvimental (a atenção coordenada ao objeto) como sendo equivalente a próprio processo. Esta coordenação atencional triádica (ou poliádica), que o episódio demonstra entre Luis-Guilherme, Sofia, Paulinho e o pé de sandália, é, ela própria, o resultado de um engajamento social que já se estabeleceu previamente. O objeto a exterioriza; é por assim dizer, um indicador de seu percurso.

Outro aspecto a se considerar (ao qual o episódio aqui apresentado também busca lançar luz) diz respeito ao fato de que a literatura específica da área tem considerado o olhar como comportamento fundamental na estruturação da AC. Já foi apontado, no início deste trabalho, que a AC pode ser definida a partir da ocorrência de comportamentos como olhar na direção do olhar do outro, observar a face/mão do outro, mostrar e compartilhar objetos com os outros (Aquino & Salomão, 2009). Há trabalhos que tratam a AC como atenção visual conjunta (Corkum & Moore, 1998). Entretanto, é perceptível, no episódio recortado, que o contato visual

é esparso, tanto entre o bebê Luis-Guilherme com as crianças quanto das crianças entre si, durante toda a narrativa entre eles construída. Neste sentido, Colus (2012), em pesquisa sobre a construção e a manutenção da AC em um bebê vidente e um bebê com deficiência visual severa, descreve que a AC pode ser construída e mantida sem a primazia das pistas visuais, sendo que, naquela pesquisa, o bebê com deficiência visual severa, além de construir e manter a AC através e a partir de outras pistas sensoriais, como o olfato, o tato e a audição, o fez em idade anterior ao preconizado pela literatura. O bebê vidente também prescindiu da visão, em várias interações, com ocorrência de AC.

Nas pesquisas na área, talvez a AC tenha sido tradicionalmente definida em função de suas pistas visuais porque o aparato sensorial humano privilegiado ontogênica e culturalmente é a visão. Porém, isto não significa que outros meios perceptuais não a configurem ou que a visão seja sempre essencial neste processo. No recorte selecionado, Luis-Guilherme, Sofia e Paulinho mantém o fluxo interativo, e a atenção entre eles e o objeto, sem que o olhar entre eles seja evidenciado. Isto sugere, em consonância com Colus (2012), que privilegiar a visão para a construção da AC, sem a consideração de outras organizações perceptuais individuais, pressupõe a biologia como estruturadora máxima de uma habilidade que tem lugar no contato social, colocando o aparato biológico acima ou à revelia da cultura, também como estruturadora desta habilidade. Além disso, ao se determinar a primazia de uma modalidade sensorial perceptiva sobre outras, de maneira que a primeira minimize ou exclua as demais, transforma-se a biologia em fator de restrição ao desenvolvimento humano.

Nesta mesma perspectiva, percebe-se que o gesto de apontar, considerado um marco emblemático na estruturação da AC também acontece, no episódio recortado, de maneira fugaz, sem a visibilidade e preponderância que a ele se atribui em muitos estudos da área. O gesto de apontar, que só faz sentido quando associado à perspectiva visual de construção da AC, tem sido considerado um marco ontogenético. Todavia, Aquino e Salomão (2011b) explicam que os contextos reais e cotidianos em que os bebês se inserem, e que configuram diferentes cenários interativos, se revestem de enorme relevância na compreensão da construção da AC, afirmando a importância de se investigar o momento da emergência do gesto de apontar, sua fugacidade e transitoriedade, bem como possíveis variações em bebês de diferentes níveis sócio-econômicos.

Seidl de Moura et al. (2008) afirmam também que o contexto cultural é um fator organizador das interações, na medida em que as manifestações afetivas presentes nestas, inclusive o toque afetivo, o beijo e o contato corporal vêm destacar a importância de tradições culturais específicas da contemporaneidade latina. Salomo e Liszkowski (2013) explicitam que

os vários tipos de gestos dêicticos estão presentes nos diversos settings culturais existentes e que a emergência destes gestos é determinada pelo montante de experiência precoce de interação social. Tais pesquisas indicam a importância de se considerar aspectos culturais como possíveis estruturadores do desenvolvimento de habilidades e competências humanas, pensando-se para além das questões predominantemente maturacionais.

Assim, no episódio descrito, Luis-Guilherme e Sofia iniciam sua interação disputando a sandália: a negociação do objeto começa em um momento já posterior à demonstração dele, momento em que a posse da sandália é negociada por eles, de forma não verbal. Não se mostrou necessário que se apontasse a sandália para que se demarcasse o início do processo de compartilhamento, pois ela já se inseria tacitamente na interação em curso. As evidências do episódio, portanto, indicam que o compartilhamento ou a oferta de compartilhamento do objeto, na construção da AC, pode prescindir do gesto de apontar.

Ressalte-se, ademais, que na instituição de acolhimento, a criação de vínculos é algo controverso, tratado com ambiguidade pelos adultos envolvidos. Moura (2012) aponta em sua dissertação, que a rotatividade e a transitoriedade das crianças no abrigo é traduzida nas práticas de cuidado pelas funcionárias e voluntárias como uma prática de cuidados de não-apego, como que numa postura defensiva para lidar com as constantes separações (ou mesmo lutos) que lá tem lugar, entre estas pessoas e as crianças. As cuidadoras são orientadas a não pegar os bebês no colo, para que não se apeguem a eles, e não sofram com as constantes separações; além disso, existe a orientação de que, como são pouco numerosas, não conseguiriam atender à muitos bebês que chorassem e pedissem por colo. Isto por sua vez se reflete em situações como: a criança chora por um longo tempo, sem ser consolada; ou quase não chora; o contato corporal é diminuído; os momentos de maior comunicação afetiva tendem a ser inibidos. Tudo isso provavelmente se reflete na própria relação das crianças entre si, fazendo com que seu vínculo transpareça certa fugacidade e um contato afetivo menos emotivo. No episódio em questão, as crianças se engajam em uma ação conjunta, mantém o foco de atenção entre si, mas há pouco contato visual e expressividade facial, e não há verbalização ou diálogo; é como um filme mudo.

Na revisão de literatura delineada anteriormente, percebe-se a predominância dos estudos realizados em laboratório. Este tipo de estudos apresenta como vantagens a possibilidade de maior seleção e controle de variáveis; a possibilidade de se eliciar o comportamento desejado, minimizando o risco de que este não aconteça; e a possibilidade também de –talvez– uma observação mais acurada do fenômeno estudado, visto que ao se trabalhar com número reduzido de sujeitos (díades mãe-bebê, pai-bebê ou tríades mãe-pai-bebê; geralmente), o foco de atenção do observador pode ser mais facilmente direcionado, além do conforto do pesquisador em se

colocar em uma posição mais distanciada afetivamente do que no contexto naturalístico familiar ou institucional. Entretanto, há algumas limitações que devem ser levadas em conta: a artificialidade das situações pré-programadas (segundo Bruner (1983), muito diferentes do caos da vida na casa), a segmentação dos momentos de estudo, e a minimização de aspectos da cultura, em função de toda a ambientação e programação necessárias para a pesquisa em laboratório. Esse último quesito, relativo à minimização de tais aspectos, parece trazer limitações expressivas no estudo da AC como fenômeno social.

Callaghan et al. (2011), em estudo transcultural, explicitam que crianças de um ano mostram grandes similaridades, nas diferentes culturas, quanto à esquemas sociocognitivos de compreensão da atenção e da intencionalidade do outro e na participação em episódios de AC quanto à colaboração entre parceiros. Contudo, afirmam eles, crianças de dois anos evidenciam mais claramente diferenças culturais quanto à seus esquemas sociocognitivos. Entretanto, o bebê Luis-Guilherme mostra, em sua interação, similaridade com as formas de se relacionar que Sofia e Paulinho (crianças maiores) utilizam, já mais permeadas pela cultura da instituição, mesmo tendo menos de um ano de idade, em uma situação que antecipa o dado de Callaghan et al. (2011).

Em síntese, no episódio selecionado, entende-se ter evidenciado o estabelecimento da AC pelo bebê Luis-Guilherme e as outras duas crianças, Sofia e Paulinho. O caso envolve assim, a AC entre crianças bem pequenas, diferentemente do modo como a literatura da área tem discutido o tema. Nesse sentido, não se percebe a presença do adulto, como organizador direto da interação, e nem a predominância do olhar e do gesto de apontar. Nota-se, ainda, a existência de uma estrutura narrativa, entre as crianças, que organiza e permeia o processo interativo em que se configura a AC. O engajamento entre as crianças se dá de maneira fluida, mas que permite que se perceba que o pé de sandália (o objeto negociado em questão) funciona como um objeto cotidiano que catalisa e visibiliza o interesse, o afeto, a disputa e a aceitação presentes na interação.

5.2 EPISÓDIO 2: A VIDA É UMA CAIXA...

A vida é
Uma caixa de música
Que não para de mostrar
Os seus encantos,
Que nem sempre estão na cara.

Feito uma pedra rara
Que na terra se esconde,
A vida é um tesouro
Que nós sempre buscamos...
Onde? onde? onde?
Onde?

(Caixa de Música-Bia Bedran)

TRANSCRIÇÃO DO EPISÓDIO 2

No segundo episódio, Luis-Guilherme se relaciona com um menino mais velho, Murilo, de aproximadamente 4 anos, e que já havia aparecido ao final do primeiro episódio.

Figura 8 - Instantâneo 2.1

Fonte: Moura, 2012

As crianças estão em momento de brincadeira livre no pátio. Murilo e Luis-Guilherme estão brincando e Luis-Guilherme está em pé, dentro de uma caixa de papelão, sem tampa e sem fundo, apenas com as laterais. Murilo puxa a caixa para a frente, e Luis-Guilherme cai de joelhos, apoiando-se nas palmas das mãos. Murilo aguarda que ele engatinhe para fora da caixa e a levanta.

Murilo entra na caixa, passando uma perna e depois a outra pelas laterais, apoiando-se em uma das abas superiores, enquanto Luis-Guilherme o observa, sentado no chão, com as pernas cruzadas e o braço direito esticado em direção à cena de Murilo dentro da caixa. Murilo se inclina para a frente, provavelmente para pegar um chocalho que estava ali no chão, mas se desequilibra e cai de frente, virando-se para a direita, ainda sentado e dentro da caixa. Acaba ficando de frente para Luis-Guilherme, que pega a aba lateral da caixa com a mão esquerda e se abaixa para vê-lo dentro da caixa. Ambos se olham e a caixa tomba para a direita, com Murilo dentro, que fica deitado. Com a mão esquerda, Luis-Guilherme toca na caixa e depois coloca levemente as duas mãos sobre ela.

Figura 9 – Instantâneo 2.2

Fonte: Moura, 2012

Retira-as, abaixa-se para olhar para Murilo deitado ainda dentro da caixa e com a mão esquerda levanta a lateral da mesma. Ele bate com as mãos abertas por oito vezes sobre a lateral da caixa (que agora está virada para cima) e se abaixa novamente para olhar para Murilo, dentro da caixa. Toca por duas vezes a caixa com a testa e depois se abaixa. Neste momento, ouvem-se nitidamente vocalizações de Luis-Guilherme, claramente prazerosas. Ele levanta o tronco e coloca o braço esquerdo dentro da caixa. Murilo põe os braços para dentro e fica imóvel, parecendo esperar que Luis-Guilherme se abaixe para olhá-lo. Luis-Guilherme retira o braço esquerdo e o estica para dentro da caixa novamente. Neste momento uma mulher, fora da cena, fala alguma coisa. Murilo sai rapidamente da caixa e se afasta para a esquerda, sacudindo a caixa pelas abas, batendo-a na cabeça de Luis-Guilherme. Põe a caixa no chão e entra nela novamente. Senta-se e imediatamente se levanta, mesmo sem tocar o chão. Virando-se à

esquerda, meio que se joga para a frente e cai, apoiando-se com as palmas das mãos. Luis-Guilherme olha para Murilo, olha para alguém que passa atrás da grade, olha de volta para Murilo, olha para a grade novamente e engatinha até a caixa. No caminho, pega um chocalho que está no chão, à esquerda. Com a mão esquerda, ele se abaixa para colocá-lo dentro da caixa. Coloca-o e logo o retira. Murilo levanta a caixa, com a mão esquerda, enfia-se nela pela cabeça e se abaixa dentro dela, com as abas levantadas, ficando com a parte de cima do corpo escondida, mas com as pernas e pés para fora.

Figura 10 - Instantâneo 2.3

Luis-Guilherme encosta a mão esquerda na caixa (o chocalho está em seu braço esquerdo, como uma pulseira). Ele pega o chocalho, com a mão direita, e tenta colocá-lo dentro da caixa, mas ele cai para fora.

Fonte: Moura, 2012

Pega-o e tenta colocá-lo novamente, com a mão esquerda. Nesse ínterim, Murilo está ainda deitado de costas no chão, com metade do tronco e as pernas para fora da caixa. Luis-Guilherme deixa o chocalho cair de novo. Deixa o chocalho no chão e se apoia, inclinando com o lado direito do corpo e com a mão esquerda no chão. Com a mão esquerda, tenta por três vezes tocar a aba da caixa, mas não consegue. Levanta-se então e pega o chocalho com a mão esquerda, tentando se aproximar da caixa. Murilo se agita, por duas vezes estica e encolhe as pernas, batendo-as no chão, se levanta e vocaliza algo ininteligível. Luis-Guilherme, de pé, aproxima-se e observa Murilo se debatendo, dentro da caixa, e saindo dela, levantando-a e passando o corpo por dentro dela. Murilo fica em pé com a caixa em volta de si. Luis-Guilherme sacode os dois braços e, com o chocalho na mão esquerda, vocaliza algo e oferece-o para Murilo, que o pega com as duas mãos, abaixa-se e senta-se no chão com a caixa em volta de seu corpo.

Figura 11 - Instantâneo 2.4

Fonte: Moura, 2012

Há um fugaz contato visual entre os meninos: Luis-Guilherme olha rapidamente para Murilo. Murilo brinca com o chocalho, sacode-o na frente de Luis-Guilherme, segurando-o com as duas mãos, sentado no chão com a caixa em volta de seu corpo. Luis-Guilherme estica o braço direito para Murilo, aponta rapidamente para ele com o indicador direito e vai até a caixa. Murilo se abaixa, com o chocalho nas mãos, brinca com ele mostrando-o para Luis-Guilherme, enquanto abaixa os braços com o chocalho, para dentro da caixa. Luis-Guilherme olha para dentro da caixa, tenta alcançar o chocalho colocando o braço esquerdo dentro da caixa, mas não consegue, pois Murilo se afasta, arrastando-se sentado dentro da caixa.

Figura 12 - Instantâneo 2.5

Luis-Guilherme senta-se no chão e observa Murilo, que puxa o andador de um outro bebê que se aproximou. Luis-Guilherme levanta-se, vai até a caixa, olha o que Murilo está fazendo e se afasta em direção à outra parte do pátio.

Fonte: Moura, 2012

ANÁLISE DO EPISÓDIO 2

Novamente, um episódio longo foi selecionado, para que se preservasse a estrutura narrativa da interação entre Luis-Guilherme e Murilo. As duas crianças estão no pátio da instituição, em um momento de brincadeira livre, em que há poucas pessoas por perto, sejam adultos ou crianças. Uma caixa de papelão, aberta em cima e embaixo, é o objeto alvo de brincadeiras entre os dois meninos, canalizando e visibilizando a interação entre os meninos.

Neste episódio, Luis-Guilherme está com pouco mais de um ano (1 ano 1 mês e 22 dias). Esta idade não está compreendida no intervalo de idade estipulada nesta pesquisa (bebês entre 6 e 12 meses), mas mesmo assim o episódio foi selecionado. Levou-se em consideração, para inserir um episódio em que o bebê focal tem idade diferente da inicialmente estipulada, a possibilidade de se perceber, longitudinalmente, e microgeneticamente, a transformação nos modos de construção e manutenção da AC pelo bebê, em um recorte que se mostra particularmente rico e elucidativo quanto à compreensão da habilidade.

A instituição em que os meninos residem não possui muitos brinquedos especializados (Leontiev, 2010) à disposição deles. O pátio, muitas vezes, não tem nenhum brinquedo disponível, além de andadores ou outros brinquedos para bebês que são pendurados nas grades e depois retirados. Neste contexto, a caixa de papelão funciona como um objeto atrator, de largo alcance, inclusive dando suporte a uma ampla oportunidade de interação, em função de ser um objeto não estruturado formalmente como tal.

Leontiev explica que “Primeiramente, há brinquedos de largo alcance, por assim dizer (varas, blocos etc., cujo papel nas brincadeiras já descrevemos); eles podem participar de várias ações. Em contraste com eles podemos diferenciar objetos especializados, isto é, brinquedos especializados” (2010, p.131). Na brincadeira, o objeto utilizado adquire, para a criança, um sentido que não é o objetivamente designado a ele, mas é um sentido lúdico, que vai se configurando à medida que a interação se desenrola, não estando previamente dado.

Neste sentido, lembre-se que Pedrosa (1989) considera que a atração da criança por um local ou ambiente específico, para brincar (poder-se-ia pensar em um brinquedo também) indica haver, naquele local ou com aquele brinquedo, a presença de uma criança como um ponto crucial de atração; portanto, o objeto se faz atraente para alguém porque outra pessoa demonstra interesse por ele. A atração da primeira criança por um objeto o transforma em atrator para uma segunda criança.

No início do episódio, Luis-Guilherme está em pé, dentro da caixa. Murilo está em frente a ele, provavelmente já desejando ele próprio entrar na caixa. Luis-Guilherme meio que se joga

e cai para a frente, engatinha para fora e Murilo aproveita a deixa e entra na caixa. A partir daí, com os lugares trocados, a interação toda acontece com Murilo dentro e Luis-Guilherme fora da caixa de papelão.

É essa interação mesma que vai servir de cenário para os momentos de AC que se organizam; a interação é cenário e cena em que a AC fica evidente. Luis-Guilherme traz para a brincadeira um chocalho que estava no chão, próximo a eles, e que, junto com a caixa (o objeto que triangula a relação dos meninos), oferece maior complexidade à interação ao evidenciar um quarto elemento, que também organiza uma situação de AC entre os dois parceiros. A interação entre os meninos é prazerosa para ambos, com vocalizações de Luis-Guilherme, desde o início, e de Murilo (mais ao final) que indicam o clima de afetividade positiva presente. Esse clima de afetividade amistosa entre os garotos, faz com que eles, mesmo se movimentando, mantenham a proximidade. É como se Murilo brincasse para Luis-Guilherme e o esperasse, em alguns momentos, em uma alternância de movimentos entre os dois.

Colus (2012) já havia apontado a afetividade positiva como fator facilitador da estruturação e manutenção da AC. Esse fator, que funciona como um forte conectivo, não tem sido tão explorado na literatura da área, a qual tem se pautado, majoritariamente, pelos aspectos cognitivistas e pela interpretação intelectualista do fenômeno (com ênfase mais para a questão do conhecimento do outro e do objeto, do que da interação mesma com o outro). Veríssimo (2015) aponta que se o outro se constitui como um problema a ser compreendido ou desvendado, então é ao conhecimento que ele se apresenta em primeiro lugar, isto visto sob uma perspectiva mentalista. No episódio, todavia, a afetividade parece se impor não apenas como pano de fundo; ela tece a interação, claramente funcionando como condutora e mantenedora da interação.

Mais ou menos na metade do episódio, Luis-Guilherme insere o chocalho na interação. Ele pega, com a mão esquerda, o objeto que estava no chão, perto deles, e o coloca dentro da caixa, para logo em seguida, retirá-lo. Depois, tenta novamente colocá-lo dentro da caixa, com a mão direita agora, mas o braço não alcança a borda da caixa e o chocalho cai para fora. Ele está sentado até este momento e tenta abaixar uma das abas da caixa, para olhar o que Murilo está fazendo dentro da caixa. Ele então se levanta e observa Murilo, que vocaliza alto e esperneia, levantando-se e segurando a caixa ao redor do seu corpo.

Neste momento, a AC se mostra muito claramente, conforme o modelo da literatura: Luis-Guilherme olha fugazmente para Murilo, agita os braços, olha para o chocalho, em sua mão esquerda, e o oferece para Murilo vocalizando algo como “Aí”. A partir daí, a interação entre os meninos segue o padrão clássico que se percebe nas descrições da literatura para a AC:

a demonstração de um objeto entre duas pessoas (a relação triádica), com olhar entre ambas e o gesto de oferecimento e compartilhamento, estabelecendo uma triangulação de interesse; a observação entre ambos, do que estão fazendo e como estão manipulando o objeto em questão; e, o momento em que a interação se dissolve, geralmente com um dos parceiros interrompendo o contato visual e dirigindo-se a outra atividade (no episódio, Murilo é quem se afasta). Contudo, pode-se apontar como algo que não segue o padrão clássico descrito na literatura da área é que não há um adulto organizando diretamente a construção da AC, e mesmo assim ela se estabelece e mantém entre as crianças, assim como acontece no primeiro episódio descrito.

Há, assim, dois momentos de configuração de AC, que se interconectam, como se um viesse a partir do outro, como se existisse um momento dentro de outro momento: de início, a relação se dá entre Luis-Guilherme, Murilo e a caixa; depois, além da caixa, surge o chocalho como objeto de interesse mútuo. Há duas pessoas e dois objetos: trata-se de interação poliádica, assim como no primeiro episódio de Luis-Guilherme (embora lá isto aconteça devido ao número de pessoas envolvidas, e não de objetos).

Lembre-se que neste episódio, Luis-Guilherme está com pouco mais de um ano de vida, o que faz com que ele tenha mais desenvoltura e destreza, com maior domínio psicomotor e condição de manter a atenção focada por mais tempo. Este incremento de suas habilidades torna mais fácil a percepção da AC por parte do pesquisador, inserido em pesquisa em ambiente naturalístico (ou cotidiano), onde múltiplos acontecimentos, sons e pessoas coexistem e se movimentam. Além disso, o bebê, nesta idade, já se encontra mais familiarizado com o uso canônico dos objetos em sua cultura, o que também pode tornar mais fácil a observação do pesquisador. Neste sentido, a AC acaba por ser percebida neste momento de vida do bebê, com maior evidência, não apenas por conta das habilidades do bebê em si mesmas, mas também por conta das possibilidades perceptivas do pesquisador, que ficam, justamente por este desenvolvimento, facilitadas. Lembre-se que a pesquisa com bebês é campo ainda pouco explorado e o bebê é ainda, em muitos aspectos, bastante desconhecido.

Outra coisa a se ressaltar neste episódio é que há poucas pessoas presentes de forma evidente, além dos dois meninos. Isto também colabora para que se perceba mais facilmente (pelo pesquisador) a AC, por estarem reduzidos ruídos e outras interferências.

A AC é ao mesmo tempo, processo e produto. Em uma apreensão dialética, ambos, o processo e o produto, se contém e se originam. O bebê, já mais velho, oferece mais clara e prontamente ao pesquisador a observação do produto. Contudo, o processo que a origina já está em andamento há tempos (como se percebe no 1º episódio) e vem se mostrando, sutil e fugazmente; e essa visibilidade depende, além do bebê, da tecnologia disponível para a coleta

de dados da pesquisa, do pesquisador e de sua concepção sobre o psiquismo e o funcionamento da mente do bebê.

EPISÓDIOS DE BRUNO

5.3 EPISÓDIO 3: PALMA, PALMA, PALMA

Palma, palma, palma
pé, pé, pé
roda, roda, roda
caranguejo peixe é!

Palma, palma, palma
pé, pé, pé
roda, roda, roda
caranguejo peixe é!

Caranguejo não é peixe
caranguejo peixe é
caranguejo só é peixe
na enchente da maré.
(Folclore popular)

TRANSCRIÇÃO DO EPISÓDIO 3

Em instantes imediatamente anteriores ao recorte deste episódio, Bruno e Rafael estão juntos; eles estão sentados lado a lado, olham na direção do outro e de brinquedos, mantendo alguns momentos fugazes de contato visual. Rafael estava envolvido com uma bola verde, que

levava à boca e Bruno olha, fugazmente, na direção de Rafael que manipula a bola.

Figura 13 - Instantâneo 3.1

Uma educadora coloca à frente de ambos o tapete multicolorido, a que ambos tem sua atenção capturada.

Fonte: Von Dentz, 2016

Bruno e Rafael estão sentados no chão, onde foram colocados pela educadora. Ela estende à frente dos dois, um tapete de tecido multicolorido, com as extremidades rígidas, em plástico colorido. Bruno olha ao tapete, mas olha também de relance a bola verde que está nas mãos de Rafael. A educadora retira a bola das mãos de Rafael. Este imediatamente passa a manipular o canto do tapete que está próximo de si, e que contém, fixo na extremidade, um brinquedinho em forma de caranguejo, que se pode ser girado sobre o tapete. Bruno olha para as mãos de Rafael, ao mesmo tempo em que pega a borda do tapete próxima de si, com a mão esquerda. Em seguida, a solta. Bruno olha o que Rafael está fazendo e joga seu corpo para a frente, apoiando as duas mãos no tapete. Continua a olhar e se coloca de bruços sobre o tapete, com o rosto na direção de Rafael.

Figura 14 - Instantâneo 3.2

Fonte: Von Dentz, 2016

Este continua a manipular o caranguejo roxo com a mão esquerda e depois com a esquerda e a direita juntas. Bruno se arrasta em direção ao caranguejo. Rafael o olha e se vira rapidamente na direção de Bruno. Bruno estende a mão direita e toca de leve no caranguejo, por debaixo da mão de Rafael, retirando a sua própria mão em seguida. Rafael continua girando o caranguejo com a mão esquerda e em seguida com a direita, e então com as duas. Bruno avança mais um

pouco e coloca a mão direita sobre o caranguejo e o faz girar, afastando a mão de Rafael. Este se afasta e fica ereto, observando o caranguejo. Bruno olha rapidamente na direção de Rafael e volta seu olhar para o brinquedo. Rafael se abaixa em direção ao caranguejo. Com a mão direita mexe no brinquedo e com a esquerda afasta a mão de Bruno. Em seguida, ele mexe no caranguejo com a direita e retira a mão. Bruno gira o caranguejo com a mão direita, retira-a e olha de relance para o corpo de Rafael. Este manipula o caranguejo com a mão esquerda e logo em seguida, com a direita também, afastando sua mão rapidamente.

Figura 15 - Instantâneo 3.3

Bruno sobrepõe sua mão e Rafael retira as suas, afastando o tronco e ficando ereto, observando Bruno, que manipula o caranguejo com sua mão direita, enquanto olha de relance para o corpo de Rafael.

Fonte: Von Dentz, 2016

Bruno não afasta a mão do caranguejo. Rafael agita os braços e toca a mão de Bruno com a sua mão esquerda. Rafael vocaliza algo como ei – ai e leva a mão esquerda à cabeça de Bruno, tocando de leve seu rosto. Bruno vira o rosto para o outro lado, para escapar da mão de Rafael, e, em seguida, projeta seu corpo mais para a frente, colocando sua face sobre o brinquedo. Segundos depois, levanta a cabeça, voltando a olhar o brinquedo e a manipulá-lo com a mão direita. Gira o caranguejo e olha para Rafael, retirando a sua mão.

Figura 16 - Instantâneo 3.4

Fonte: Von Dentz, 2016

Rafael, que está olhando para o brinquedo, agita os braços e toca de leve, com a mão esquerda, na mão direita de Bruno.

Depois, retira rapidamente sua mão de cima da mão de Bruno e olha alguma coisa em sua roupa, tocando a calça com a mão esquerda, fugazmente. Bruno se desloca sobre o caranguejo e levanta o tronco, por um instante. Rafael movimenta o corpo para a frente e para trás, agita os braços umas duas vezes. Olha então para Bruno, fazendo um biquinho e vocalizando algo como “huum”. Bruno, deitado com a face sobre o caranguejo, agita por duas vezes o braço direito. Rafael olha na direção da face de Bruno e do seu braço, que levanta o tronco e gira o caranguejo com a mão direita. Bruno olha para o corpo de Rafael, que agita os braços, olha rapidamente para o lado esquerdo e volta a olhar para o brinquedo.

Figura 17 - Instantâneo 3.5

Nesse momento, uma criança fora da cena vocaliza “Ahhhaaaa”, chamando a atenção de Bruno, que olha ao redor. Logo em seguida, ele se deita novamente sobre o tapete, com a face sobre ele e a mão direita girando o caranguejo.

Fonte: Von Dentz, 2016

Rafael que continua próximo, tenta tocar o brinquedo com a mão direita, sem sucesso, pois Bruno continua com a mão direita sobre ele, a girá-lo. Rafael olha para o lado esquerdo, mexe no tapete, volta a olhar na direção de Bruno. Rafael estica o pé direito, quase tocando o caranguejo, enquanto agita os braços e olha na direção de Bruno. Este levanta o tronco e faz esforço no sentido de se arrastar para a frente. No movimento, o seu braço direito fica sobre o brinquedo. Ele se deita e volta a girar o brinquedo. Rafael continua olhando, inclinado para a frente. De relance, ele olha para o rosto de Bruno. Este tem sua atenção capturada pela vocalização de outra criança. Ele levanta o seu tronco e olha para a esquerda. Rafael projeta o corpo para a frente e gira o caranguejo com a mão esquerda e depois com a mão direita. Bruno se arrasta para fora do tapete e olha para os lados e na direção da pesquisadora. Rafael continua girando o caranguejo.

Figura 18 - Instantâneo 3.6

Fonte: Von Dentz, 2016

ANÁLISE DO EPISÓDIO 3

Desde o início da videogravação, Bruno e Rafael estão juntos; eles estão sentados lado a lado, olham na direção do outro e de brinquedos, mantendo alguns momentos fugazes de contato visual. Rafael estava envolvido com uma bola verde, que levava à boca e Bruno olha, fugazmente, na direção de Rafael que manipula a bola. Uma educadora coloca à frente de ambos o tapete multicolorido, a que ambos têm a atenção capturada. Ele não protesta e passa imediatamente a manipular o tapete.

Essa interferência do adulto na organização do espaço, oferecendo aos bebês um objeto que se mostra mais atraente e provocativo, e posicionando-os de maneira a terem maior liberdade de movimentação e de interação influenciou, indireta e positivamente, na construção da cena de ação conjunta, a qual propiciou o estabelecimento da AC. Neste sentido,

Vygotsky acknowledged, however, that child development cannot be reduced to the development of a child's memory, thinking, self-regulation, and so on. Another component of child development, no less important than the development of mental processes, is the development of the child's interests (or motives). Indeed, as discussed, children develop as a result of adult mediation that takes place in the context of their age-appropriate activities. But it is impossible to engage a child in a certain activity unless the child is interested in such activity-in other words, has a motive that propels him or her to engage in this activity (Karpov, 2014, p.25).

A educadora forneceu, portanto, mesmo que não intencionalmente, os meios para que Bruno e Rafael despertassem seu interesse, oferecendo aos bebês a possibilidade de engajamento em uma atividade conjunta. O interesse que já existia foi visibilizado a partir da mediação da educadora.

À análise, verifica-se que Bruno observa Rafael e o tapete, inicialmente, através de uma alternância de olhares. Muito rapidamente Bruno foca sua atenção nas mãos de Rafael e se lança no tapete, na direção delas e do caranguejo que gira. Ele está atraído pelo que o outro bebê faz, desde o início da cena, e talvez, agora, o tapete propicie algo que a bola não oferecia: um objeto maior, mais facilmente manipulável pelo tamanho, formato e consistência de seu material, frente às suas habilidades motoras e posturais.

A partir deste contexto, desenvolve-se um jogo interativo entre os bebês, em que acontecem trocas de olhares, toques e negociações que, mais especificamente, se referem ao caranguejo plástico do tapete. Trata-se de uma cena de ação conjunta, em que, dentre todos os elementos presentes naquele contexto, Bruno e Rafael elegem um objeto como foco atencional, configurando uma relação triádica. Katz (2016, p.45) aponta que “os indivíduos não podem apenas se relacionar uns com os outros: eles precisam relacionar-se uns com os outros acerca de algo.”

No início, os dois bebês manipulam juntos e também alternadamente o caranguejo. Bruno olha de relance para o corpo (o tronco) de Rafael e Rafael olha para o brinquedo, por duas vezes. A interação se desenrola neste movimento de corpos, jogo de mãos, que resulta que Bruno quase monopolize o acesso ao caranguejo. Rafael protesta, vocaliza um “ei – ai” e toca o rosto de Bruno, olhando para a face deste. Como Bruno está deitado de bruços, sendo difícil para ele levantar a cabeça de forma a olhar diretamente a face do outro bebê, Bruno olha na direção de Rafael, mais particularmente para o corpo dele. Tal olhar se insere na narrativa, como ação coordenada e com sentido na trama interativa. Bruno percebe Rafael, está ciente do interesse dele em relação ao objeto, mas não deseja abdicar do brinquedo.

Na interação, fica evidente a negociação pelo objeto. Iniciando-se por um interesse comum, a negociação pelo caranguejinho constela uma clara situação de AC, em que os dois bebês interagem dirigindo e mantendo a atenção a um foco externo a ambos por um intervalo de tempo de 1min21seg. É esse interesse que organiza a narrativa e sustenta a interação, na qual Bruno e Rafael se alternam na manipulação e acesso ao objeto.

Na literatura da área, a negociação pelo objeto, com seu possível incômodo e emoção peculiar, não tem sido contemplada como um disparador ou organizador da AC. A interação colaborativa e de certa forma prazerosa (em que um objeto é demonstrado e compartilhado) é que tem sido comumente apontada como o cenário da AC, talvez pelo fato de a habilidade ter sido estudada preferencialmente na dupla mãe-bebê. Em se tratando de uma dupla bebê-bebê, o surgimento de um interesse comum e a busca de acesso, por um objeto, pressupõe que ambos se interessem por ele e interajam no sentido deste (não)compartilhamento. Certas condições

são necessárias para tanto: algumas opções de objetos (para que os bebês possam ter possibilidades de escolha sobre os que mais os atraiam; pode haver brinquedos preferenciais, que estejam investidos de maior interesse); algumas opções de parceiros (para que o brinquedo encontre mais de um bebê interessado nele); parceiros dispostos a não desistir do objeto em uma situação de disputa, utilizando-se, para experiênciá-la, de habilidades de negociação e não de comportamentos como bater ou morder; a não interferência de adultos na situação, o que permite que os bebês resolvam o dilema interativo sem uma colaboração externa que poderia alterar o desfecho.

Em síntese, neste episódio de Bruno e Rafael, é evidente o interesse e a negociação pelo caranguejo, bem um certo desconforto de Rafael com a atitude de Bruno, através de suas vocalizações (“ei-ai”; “hummm”), expressão facial e gestos. Este último se lança sobre o objeto, o que impede Rafael de manipulá-lo.

Nota-se, todavia, aspectos também presentes nas descrições clássicas de AC, como a presença de olhares entre os protagonistas da cena. Entretanto, são olhares mais fugazes; poder-se-ia dizer que menos ostensivos do que aqueles classicamente encontrados na literatura; também são olhares que nem sempre enfocam claramente a face do parceiro de interação (como se referiu, há pouco). Há momentos em que Bruno olha para o tronco de Rafael e não para a sua face, parecendo rastrear sua posição e movimento. Olhares para as mãos do parceiro interativo também são bastante presentes neste episódio. Colus (2012) apontou, em análise de episódio de AC entre um bebê e sua mãe, o fato de o bebê olhar para as mãos da mãe e não para o rosto desta, quando pedia ajuda na manipulação de um brinquedo.

Assim, apesar de todos esses olhares serem fugazes e pouco ostensivos, são elementos que sinalizam claramente o forte contato entre os dois bebês, na relação com o objeto. A hipótese aqui é de que o olhar ao outro, ao corpo/rosto do outro, ao movimento e direção, representa um meio pelo qual um bebê perscruta a intenção do parceiro de interação, o outro bebê, dentro da narrativa interativa. A intenção do olhar aqui não é, como descrito nas situações clássicas de AC, mostrar o objeto, compartilhar o interesse com o parceiro: o objetivo parecer ser compreender a ação e a intenção do parceiro, para antecipar e modular a sua própria ação. Fica clara a percepção que um bebê tem do outro como agente intencional semelhante a si, pois o que se observa é o outro e seu corpo (não apenas olhos e face), a fim de moldar o próprio comportamento. Segundo Carpenter et al. (1998, p.4),

Our theoretical perspective will follow the lead of Tomasello (1995a), who attempted to provide a single theoretical foundation for the different manifestations of joint attention by positing that infants engage in joint attentional interactions when they understand other persons as intentional agents. Intentional agents are animate beings with the power to control their spontaneous behavior, but they are more than that.

Intentional agents have goals and make active choices among behavioral means for attaining those goals. Also, and novel to this account, intentional agents make active choices about what they pay attention to in pursuing those goals.

Dessa forma, o comportamento de Bruno e de Rafael evidencia a ação de perscrutar o que o outro intenciona fazer, para que orientem a sua própria ação, com esta finalidade.

Pode-se considerar que os bebês interagem por um longo período de tempo, em que a atenção de ambos flui o tempo todo, e a AC acompanha esse fluxo. A AC aqui não é estática e nem tem a mesma intensidade por toda a duração do episódio (oscilação que só se percebe ao acompanhar um recorte mais amplo, com o pesquisador podendo observar para além daqueles momentos em que a AC se organiza canonicamente, de maneira mais pontual). Braz e Salomão (2002) consideram, em pesquisa que investiga a frequência de períodos de AC em contexto de brincadeira livre mãe-criança, que a díade deve estar visualmente focalizada em um único objeto ou atividade por no mínimo 3 segundos. Tem-se aí uma mostra de como, no episódio aqui selecionado, os bebês mantêm o fluxo interativo e a AC por um tempo bastante longo – um minuto e 21 segundos - e sem a presença de um adulto continuamente organizando a experiência.

Já mais para o final do episódio, percebe-se que Rafael e Bruno mostram sinais de uma atenção mais difusa. Os sons e pessoas ao redor deles, antes ignorados devido à força atrativa do objeto e da interação, começam a se fazer presentes e visibilizam a dispersão da atenção ao outro. O vínculo entre eles e o brinquedo se desfaz e, conseqüentemente, a AC se dissolve. Bruno olha para a frente e se arrasta nesta direção e Rafael continua brincando com o caranguejo, agora livre das restrições de Bruno.

Finalizando, ressalta-se que, neste episódio, Bruno ainda não completou nove meses e já é capaz de organizar e manter a AC. Amorim et al. (2012) já apontaram haver indícios de AC em bebês menores de nove meses, em interação com coetâneos, na creche. Colus (2012) afirma a existência clara de AC em bebês com idade inferior a nove meses. Neste sentido, a afirmação de Tomasello (2003) de que é a partir de mais ou menos nove meses de idade que a criança começa a fazer tentativas de compartilhar a atenção, merece ser ampliada, levando-se em conta o contexto como fator constitutivo do desenvolvimento, que pode alterar seu curso, propiciando a discussão dos marcos cronológicos de aquisição de habilidades.

5.4 EPISÓDIO 4: AI MEU NARIZ

Ai, meu nariz
Ai, meu nariz
Ele parece muito mais um chafariz

(Milikito & Edgar Poças)

TRANSCRIÇÃO DO EPISÓDIO 4

Bruno está sentado no chão, sozinho, brincando com objetos plásticos de encaixe, em forma de barquinho. Segura dois brinquedos verdes com a mão esquerda e um amarelo, com a mão direita. Olha para o ambiente e para o chão. Bate com a mão direita, um brinquedo no outro, com um olhar disperso. Bate o brinquedo da mão direita na sua perna direita. Uma educadora passa à esquerda de Bruno.

Figura 19 - Instantâneo 4.1

Ele olha para o que a educadora está fazendo e volta a bater um brinquedo no outro. Continua olhando para seus brinquedos.

Fonte: Von Dentz, 2016

Laíz se aproxima, caminhando rapidamente. Ela tem nas mãos dois potinhos de encaixe: um amarelo maior, na mão esquerda, e um laranja menor, na mão direita.

Figura 20 - Instantâneo 4.2

Ela para à frente de Bruno, estendendo o braço direito e agitando a mão, mostrando o pote laranja a ele. O gesto se remete a uma ação de oferecimento. Bruno sorrindo, olha para o peito de Laíz, para o pote e depois para o rosto dela.

Fonte: Von Dentz, 2016

Figura 21 - Instantâneo 4.3

Fonte: Von Dentz, 2016

Estende a mão, como que para pegar o pote. Laíz encosta o pote no rosto dele e o aperta contra o seu nariz.

Bruno solta o brinquedo da mão direita e pega com as duas mãos, o pote que Laíz continua a oferecer. Ele se ressent, como se assustasse, com a pressão do pote contra seu nariz, e chora. Laíz oferece a ele o outro pote, o amarelo da mão esquerda, mas Bruno continua chorando e não o pega.

Figura 22-Instantâneo 4.4

Fonte: Von Dentz, 2016

A videogravação termina neste momento, sem que um adulto surja como organizador ou mediador direto da situação. Todavia, em fotos referentes a instantes imediatamente posteriores, vê-se Laíz brincando com o potinho de navio, de Bruno, e ambos sentados frente a frente. Bruno já não chora.

ANÁLISE DO EPISÓDIO 4

Contrariamente aos episódios anteriormente selecionados, este tem curta duração, apenas 15seg. Foi escolhido pela evidência com que se pode perceber uma situação de AC entre bebês, em brincadeira livre, em que aqueles elementos considerados como clássicos (olhar para a face do outro, mostrar o objeto, oferecer e compartilhar o objeto) estão claramente presentes. Contudo, também se percebem elementos importantes, como a fugacidade dos acontecimentos e a alteração de humor súbita de Bruno, numa resposta imediata ao comportamento inesperado de Laíz.

Bruno está, no início, brincando sozinho com potes plásticos de encaixe, em forma de navio. Está difusamente atento, olhando para o ambiente e para os objetos à sua mão, tocando-os. Sua expressão sugere bem estar ou, pelo menos, ausência de incômodo. Laíz irrompe na cena, se aproxima, caminhando na direção de Bruno, o que demonstra seu comportamento intencionalmente dirigido àquela criança e àquele brinquedo em particular. Ela também está com brinquedos de encaixe, em forma de potes. Nesta sala de berçário, há uma profusão de brinquedos no chão, à disposição das crianças. Elas pegam e largam os brinquedos, deixam-nos em lugares diferentes, manipulam, disputam-nos e rearranjam as brincadeiras com eles. Dentre todas as crianças e brinquedos ali presentes, Laíz elege Bruno e seus potinhos de navio como o foco de seu interesse; há muitos e variados elementos no cenário, mas apenas Bruno e seus brinquedos são escolhidos para a interação. Laíz provavelmente já percebe a si mesma como um agente intencional, como um ser cujas estratégias comportamentais e de atenção são organizadas em função de metas (Tomasello, 2003). A intencionalidade da menina é totalmente evidente.

Há um cenário propício à interação e uma cena específica dentro dele, na qual vai se perceber o estabelecimento de AC. Ao caminhar, rapidamente, e chegar em frente à Bruno, Laíz se coloca no campo de visão do bebê. Olha para ele, que retribui o olhar, sorri e estende o braço na direção de Laíz. Ela é mais velha, um pouco mais forte, rápida e ágil e está em pé perante Bruno, que está sentado. Bruno precisa virar a cabeça para cima, para olhar para Laíz, o que o deixa em uma situação de desvantagem em termos de mobilidade. Essa configuração pode ter

colaborado para que ele se assustasse (mais) com a atitude dela de pressionar o pote contra seu nariz, e irrompesse em choro.

A interação se desenrola em um clima afetuosos. A menina mostra o potinho laranja para Bruno, que olha para ela e para o brinquedo, em situação de triangulação, configurando-se a AC. Entretanto, quase que imediatamente Laíz pressiona o seu potinho contra o nariz de Bruno. Ele chora: é como se Laíz tivesse introduzido um elemento inesperado na interação, uma desagradável surpresa na narrativa que se configurava. A AC se descontrói.

Em poucos segundos, neste episódio, a AC se estabelece e se desvanece. A hipótese é de que Laíz, de início, havia se interessado pelos brinquedos de Bruno. Houve um interesse pelo objeto e uma ação com vistas à satisfação deste interesse. Entretanto, Laíz não toma o objeto da mão de Bruno, simplesmente. Ela, de início, mostra os seus potes ao bebê. É uma interação mais sofisticada do que pegar os brinquedos da mão de Bruno. Entretanto, neste momento, o imprevisível irrompe, de maneira fugaz, e, ao pressionar o pote contra o nariz de Bruno, Laíz altera o teor afetivo da narrativa.

A respeito de Laíz, percebe-se em outros momentos das videograções, que ela se mostra bastante ativa e impulsiva; não é incomum uma das educadoras pegar sua mão e passá-la no rosto de outra criança, dizendo “carinho...”.

Pode-se compreender este momento interativo a partir do que a *RedSig* denomina de circunscritores: elementos de ordem material ou simbólica, que permeiam a organização dos ambientes e a estruturação dos padrões de relacionamento culturalmente estabelecidos (Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2004). Ao cessar a interação, de certa forma canônica, entre os dois bebês, um trajeto interativo se rompe, ao passo que outro se desvela. Este outro trajeto interativo é o panorama que tem sido mais evidente na descrição, pela literatura, daquilo que seria o comportamento de bebês no primeiro ano de vida: bebês não interagem colaborativa e cooperativamente com outros bebês, pois suas interações são rudimentares e limitadas; brincadeiras conjuntas são coincidências. Interações mais sofisticadas, como a AC, terão lugar bem mais tarde, estruturando-se por completo apenas no segundo ano de vida (Brownell, 2011). Essa crença sobre este tipo de funcionamento dos bebês é ela própria um circunscritor, visto que, quando é assumida como verdadeira, determina rumos e modos de se pesquisar bebês, principalmente em seu primeiro ano de vida, excluindo outras maneiras de fazer pesquisas que levem em conta as habilidades precoces e peculiares dos bebês.

Em síntese, esse episódio, que dura aproximadamente 15seg no total, vem ilustrar claramente o processo de construção, estabelecimento e manutenção da AC e sua fugacidade, em uma situação de brincadeira livre, entre dois bebês. Já foi citado, na análise do episódio

anterior, que Braz e Salomão (2002), em pesquisa que investiga a frequência de períodos de AC em situação de brincadeira livre mãe-bebê, que a dupla deve estar visualmente focalizada em um único objeto ou atividade por no mínimo 3 segundos, o que corrobora a fugacidade com que alguns comportamentos ou habilidades são externalizados pelos bebês. Aqui, com a mesma rapidez com que a situação de AC se organiza, ela se desvanece, em função de um gesto, da parte de Laíz. Em reação a esse gesto, Bruno chora e desvia o olhar, rompendo a AC. Essa fugacidade, característica da interação entre bebês, pode dificultar a apreensão da construção e manutenção da AC pelo pesquisador, até mesmo porquê em um ambiente com tantas crianças, adultos e sons, pode ser que a interação entre Bruno e Laíz só fosse percebida por outrem quando do choro de Bruno, que fez algum barulho.

Nesse sentido, a videogravação, como recurso tecnológico, funciona aqui como ferramenta indispensável para a captura da inteireza deste momento interativo. Amorim, Von Dentz e Costa (2018) afirmam que com a *prótese da visão* (a câmera), novas possibilidades de observação se apresentam, inclusive para a percepção de maneiras de ser peculiares dos bebês; e que “vários estudos tem revelado a sensibilidade bastante precoce de crianças no que diz respeito à relacionamentos sociais complexos e aos contextos de comunicação” (p. 20). Assim, a tecnologia é um importante diferencial na coleta de dados da pesquisa com bebês, e que vai, mais do que favorecer, propiciar a obtenção de dados de pesquisa sobre a construção da AC, que de outra forma, talvez não fosse possível. Dizem Belei et al. (2008, p. 193):

Ao se examinar e interpretar os dados repetidas vezes o pesquisador descobre novas interrogantes, novos caminhos a serem trilhados. Não é só ver os fatos e gestos da prática filmada, mas sublinhar a imagem, analisar com o cenário, com o ambiente de pesquisa e com o referencial teórico.

Segundo Amorim, Von Dentz e Costa (2018), a utilização de videogravação potencializou os estudos sobre o desenvolvimento, e possibilitou que melhor se observasse o comportamento e a escuta, a linguagem verbal e a não verbal, a corporeidade que perpassa as relações do bebê com o meio.

A escolha de uma determinada tecnologia, como metodologia de coleta, pode determinar, portanto, a própria construção da pesquisa e os dados a serem apreendidos.

6 CONCLUSÕES

A AC tem sido bastante estudada, dada a importância que se atribui à esta habilidade no desenvolvimento sociocognitivo do bebê; muitos pesquisadores, há décadas, tem buscado compreendê-la, conduzindo pesquisas em diferentes contextos e variadas vertentes. Conforme a revisão de literatura descortinou, muito tem sido pesquisado; todavia, existe uma perspectiva predominante, que enfoca a díade mãe-bebê como sujeito principal das pesquisas e também que considera a AC como uma capacidade interna, maturacional, surgindo a partir do nono mês de vida do bebê, quando este já é capaz de manter relações triádicas.

Esta pesquisa estudou a AC, a partir de uma vertente ainda pouco explorada na literatura psicológica: investigou a construção da habilidade entre díades de bebês e entre bebês e crianças mais velhas, sem a interferência direta de um adulto, no momento da interação. Utilizou-se,

como material de pesquisa, de videograções provenientes do banco de Dados do CINDEDI, referentes às dissertações de mestrado de Moura (2012) e Von Dentz (2016), que videogravaram bebês em uma Instituição de Acolhimento e em um Centro de Convivência Infantil, respectivamente. Um bebê focal de cada instituição foi selecionado. Quatro episódios foram recortados, dois de cada instituição; em três episódios os bebês tem até um ano de vida e, em um episódio, o bebê tem pouco mais de um ano e um mês. A análise destes se deu a partir da análise microgenética, tendo como suporte teórico a Rede de Significações.

6.1 UMA SUMARIZAÇÃO DA ANÁLISE DOS EPISÓDIOS

Os episódios recortados apontam para uma gama de aspectos a ser considerados e analisados, dada a riqueza de possibilidades que delineiam, na pesquisa e compreensão do fenômeno da AC. Já de início, percebe-se inequivocadamente a construção da AC entre as díades envolvidas, nos quatro episódios, sem a presença de adultos interferindo diretamente no momento da interação entre as crianças. A hipótese que norteou esta pesquisa se confirmou, portanto.

Na seguinte sumarização, além dessa compreensão de que a AC foi construída e mantida pelos bebês, relata-se aspectos presentes nas interações que devem ser considerados, pois representam achados relevantes para compreensão da AC e envolvem ambientes e parceiros não tradicionais na pesquisa psicológica da área.

Os dois primeiros episódios, videogravados na Instituição de Acolhimento, trazem o bebê Luis-Guilherme como bebê focal. No primeiro episódio (Ai bota aqui o teu pezinho), sintetizando, destacam-se, como aspectos importantes a verificar, a existência de relações triádicas e poliádicas, na construção da AC; a percepção de que o olhar não se reveste da importância que a literatura da área lhe dá, visto que ele não se mostra como um organizador da situação interativa de construção da AC; o gesto de apontar também não se mostra com a importância que a literatura lhe dedica; e o próprio objeto alvo de interesse e negociações assume mais um papel de objeto cotidiano que condensa em si o interesse, afeto e negociações presentes na interação, do que o papel de um foco principal de atenção, que seria equivalente, em importância, aos demais participantes.

No segundo episódio (A vida é uma caixa...), uma síntese apontaria o importante e destacado papel com que a afetividade se reveste, na construção e na manutenção da AC, e que ainda não tem sido marcadamente estudado, na literatura especializada; apontaria também a interação poliádica entre os dois meninos e os dois objetos focos de interesse, a caixa (objeto

inicial) e o chocalho (introduzido depois por Luis-Guilherme, e que complexifica o quadro, ao desenhar uma interação em que os dois objetos funcionam como focos simultâneos de interesse). Ressalte-se aqui que Luis-Guilherme já cresceu um pouco mais, estando com 13 meses e alguns dias, o que já faz dele um parceiro mais hábil e com condições de manter a atenção focada por mais tempo. Com o bebê um pouco mais crescido, percebe-se que a configuração da AC apresenta o formato canônico, apresentado pela literatura da área, com direcionamento do olhar para o outro e para a face do outro, com oferecimento e compartilhamento do objeto (o chocalho), bem como a interrupção da AC através da interrupção do contato visual, conforme a literatura indica.

Quanto aos dois episódios videogravados no Centro de Educação Infantil, cujo bebê focal é Bruno, pode-se elencar alguns pontos relevantes, para a investigação da habilidade da AC. O episódio inicial (Palma, palma, palma) mostra dois bebês, Bruno e Rafael, com menos de 9 meses de idade, sustentando a AC por um tempo considerado longo, pela literatura; mostra um processo de negociação que consistentemente perpassa todo o episódio, algo não esperado para bebês desta idade e que também não tem sido contemplado como um comportamento disparador e conector para a construção da AC; indica, além disso, que estão presentes comportamentos clássicos quanto à construção da AC, como olhar para o outro, observar os olhos e as mãos do outro, mas, em função da imaturidade motora dos bebês, de maneira mais sutil e fugaz do que em bebês mais velhos; demonstra também que havia um fluxo de interesse entre os bebês desde antes da disponibilização inicial, por uma educadora, do brinquedo negociado, o que sugere que o brinquedo, em si, talvez não seja o mais importante neste momento, configurando-se como um objeto que permite que se visibilize o interesse que organiza a AC, mais do que algo que tem papel central na interação.

O quarto episódio (segundo episódio de Bruno-Ai meu nariz), bastante curto em relação aos demais, ilustra a fugacidade com que a AC se configura entre bebês: em poucos segundos, a interação se estabelece e se esvanece, visto que Laíz mostra um brinquedo à Bruno e em seguida o pressiona contra o nariz deste. Bruno se incomoda, chora e o contato visual que havia sido estabelecido se rompe. Neste episódio, comportamentos considerados clássicos, na estruturação da AC, estão presentes, como o olhar para a face, o oferecer o objeto; o aspecto afetivo dito ‘positivo’ conectou os bebês e uma interação agonística promoveu a interrupção deste momento da interação.

Fica evidenciada, portanto, a construção e manutenção da AC nos moldes da hipótese deste trabalho, ou seja, entre díades de bebês e entre bebês e crianças mais velhas e sem a interferência direta de um adulto, no momento da interação entre os bebês e crianças. Inclusive,

para além da díade, encontrou-se interações com três ou quatro participantes, contando com os bebês e as crianças (o 1º episódio, de Luis-Guilherme). A idade em que a habilidade se manifesta também se revela anterior àquela preconizada pela literatura da área, conforme se percebe no 3º episódio (Palma, palma, palma). Colus (2012) já apontara esse dado, ao estudar a construção, estabelecimento e manutenção da AC em um bebê vidente e outro com deficiência visual severa.

Os bebês se utilizaram de variados recursos interativos, na construção e manutenção da AC. Há presença do olhar, para o outro (como nos episódios de Bruno) ou para o objeto (como no 1º episódio, de Luis-Guilherme) ou para ambos (no 2º episódio, de Luis-Guilherme); existem toques, expressões faciais e vocalizações (presentes no 1º episódio de Bruno). Um ponto importante a ressaltar é a questão da corporeidade, que, conforme se observa, com maior evidência, no primeiro episódio de Luis-Guilherme e de Bruno, se reveste de relevância. O bebê interage com o corpo e a partir de seu corpo todo, não apenas através de gestos como mostrar, olhar para a face ou para as mãos do parceiro ou apontar para o objeto. Tais gestos (que são resultado do maior amadurecimento motor do bebê) como que se destacam e se sobrepõem à condição de expressividade do corpo todo. O 1º episódio de Bruno (Palma, palma, palma), em que ele, ainda imaturo ainda em termos motores, usa o corpo todo como recurso para interagir com Rafael, jogando-se sobre o tapete, clarifica bastante esta questão.

Assim, considera-se que foram atingidos os objetivos (tanto o geral quanto os específicos) a que esta pesquisa se propôs. Todavia, há outros aspectos referentes tanto ao contexto em que as interações ocorrem, quanto em relação às maneiras de se compreender e pesquisar a AC, os quais devem ser alvo de alguma reflexão, em função de sua importância na compreensão do fenômeno estudado. Neste sentido, alguns apontamentos, a seguir, buscarão elencar e discutir tais relevantes aspectos.

6.2 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A AC A PARTIR DOS EPISÓDIOS RECORTADOS

Conforme já se disse, os bebês e crianças desta pesquisa se inseriam em dois contextos institucionais, de cuidado e educação infantil, de naturezas diferentes: um Centro de Acolhimento e um Centro de Convivência Infantil. Com relação ao espaço físico, nota-se que o Centro de Convivência Infantil é melhor estruturado quanto à distribuição de espaços e dos brinquedos existentes. Neste sentido, é preciso considerar que o propósito de uma e de outra

instituição é diferente; no Centro de Acolhimento, a configuração é de uma casa, onde bebês e crianças moravam durante um período emergencial, que se desejaria curto. Esse propósito configura a estruturação de espaços, visto que é necessário acomodar todas as necessidades e funções de uma casa, com muitos moradores. O Centro de Convivência Infantil tem uma outra proposta, em que as crianças permanecem durante o dia apenas, de segunda a sexta feira, tratando-se de uma organização espacial que contempla necessidades de cuidado, envolvendo processos de educação de crianças pequenas.

Neste sentido, nota-se que o Centro de Convivência Infantil possui mais brinquedos estruturados como tal, à disposição e ao alcance das crianças. Ali, não se percebe a presença de sucatas ou de brinquedos de largo alcance (Leontiev, 2010). Os brinquedos são coloridos, alguns são sonoros, e são de variados tipos: há bolas, tapetes coloridos, carrinhos, potes de encaixe, entre outros. Há momentos (que não apareceram nos episódios recortados) em que Bruno prefere manusear as toalhas, lençóis e outros tecidos que ficam nas prateleiras ao alcance de todos. Existe, assim, uma variedade de objetos que podem despertar o interesse dos bebês. No Centro de Acolhimento, os brinquedos não ficam tão disponíveis às crianças; percebe-se também a presença dos brinquedos de largo alcance. O pátio, onde as crianças ficam boa parte do tempo, é mais desprovido de brinquedos semelhantes àqueles do Centro de Convivência Infantil.

Contudo, tal diferença não parece afetar a construção e a manutenção da AC. Em ambos os contextos a habilidade se configura, se mantém e se desconstrói entre os parceiros de interação, sem que dependa dos tipos de objetos disponíveis. No primeiro episódio, o objeto em questão é um pé de sandália de criança; no segundo, uma caixa de papelão e, posteriormente, um chocalho; no terceiro, um tapete colorido com brinquedinho nas pontas; no quarto, potes de encaixar. São variados objetos, e dois deles (o pé de sandália e a caixa de papelão) não estão presentes nas pesquisas comumente realizadas sobre a AC.

A esse respeito, poder-se-ia considerar que os objetos-brinquedos não são algo com um valor intrínseco, mas sim veículos para que a atenção dos parceiros se volte de um para o outro, para que a atenção, o interesse e a intenção circulem na interação. Por exemplo, o pé de sandália, do primeiro episódio, é levado à boca por Luis-Guilherme; depois, Sofia chega e se propõe a calçá-lo no bebê, ou seja, ele e ela são capazes de se interessar e negociar a partir de um objeto, mesmo que, de início, o significado deste seja diferente, para ambos. Pode-se argumentar que a perspectiva cognitivista de compreensão da AC, em que se pensa o conhecimento em primeiro plano (notadamente o conhecimento do objeto) é que justifica a importância dada a este objeto. Diz Veríssimo (2015, p. 578-579):

O mundo escapa, ou se retrai, para além do horizonte das faces dos objetos que nos são apresentadas a cada posição que ocupamos no espaço. A multiplicidade de olhares passíveis de contemplá-lo de diversas perspectivas participa da percepção que temos da sua visibilidade inesgotável. Conforme as análises de Merleau Ponty (1951) sobre a criança em face de sua imagem especular, tem-se aqui um fenômeno cuja interpretação por síntese intelectual deveria repousar sobre uma síntese mais fundamental relativa à própria experiência de coexistir com outrem e de se endereçar a um mundo que não abarcamos por completo, e ao qual, justamente por isso, não deixamos de nos mover. Em suma, a percepção e o comportamento humano abrem-se à profundidade e à multiplicidade perspectiva das coisas (Merleau-Ponty, 1942/2006, 1945). Esse movimento é indissociável do reconhecimento de outrem como ponto de vista sobre o mundo, o que exige que o próprio sujeito perceptivo se identifique como lócus de percepção particular do mundo, articulada com a crença na realidade do mundo, ou seja, com um mundo intersubjetivo. O mundo não se multiplica porque identificamos o outro como ser intencional igual a nós, ou vice-versa. Descobrir a profundidade do mundo é descobrir a possibilidade da alteridade, ao mesmo tempo em que se identificar com e no outro implica abrir-se à multiplicidade perspectiva.

Também comenta Reddy (2010, p.17), que “The insistence on an ‘object’ for communication, then, is also the result of a continuing, if unintended, commitment to a mind-body dualism.”

Os episódios selecionados, nesta pesquisa, apontam na direção da percepção de que os objetos presentes na interação, na cena da AC (Tomasello, 2003), não detém a mesma importância que é atribuída aos parceiros de relação, conforme a literatura da área descreve. No primeiro episódio de Bruno (Palma, palma, palma), o bebê já olhava para o que Rafael estava fazendo (manipulando uma bola verde), antes do episódio de AC se configurar, ou seja, a atenção e o interesse já estavam, de alguma forma, despertados naquela díade. O tapete, ao ser oferecido pela educadora, possibilitou (por suas características favoráveis a uma manipulação conjunta) a interação entre eles, onde, antes, acontecia apenas a observação de Bruno para Rafael. A argumentação que aqui se apresenta é a de que o objeto vai possibilitar que a narrativa interativa intersubjetiva possa ser visualizada, durante o seu desenrolar; e que o que se compartilha, são interesses comuns e recíprocos, entre duas ou mais pessoas envolvidas em um processo de comunicação não-verbal, corporificado e intencional. Esse processo comunicativo diz respeito a pessoas em interação, sendo o objeto um motivo a partir do qual ele acontece e é visibilizado.

Desta forma, a preponderância de brinquedos estruturados como tais ou não (como o pé de sandália ou a caixa) não parece alterar a configuração da AC. Não se percebe diferenças, neste sentido, entre a estruturação do processo e AC nos dois contextos pesquisados, quanto aos brinquedos oferecidos.

A hipótese inicial deste trabalho, conforme já se disse, foi confirmada. Os bebês construíram e mantiveram a AC, sem a presença concreta do adulto, naquele momento,

dirigindo as interações. Aponte-se, todavia, que houve interações poliádicas nos dois episódios de Luis-Guilherme, o que parece evidenciar habilidades de coordenação do foco de atenção, pelo bebê, ainda mais sofisticadas do que as pesquisas sobre a AC tem demonstrado. As pesquisas da área apontam que a AC pode ser definida como a ocorrência de comportamentos como olhar na direção do olhar do outro, observar a face do outro, mostrar e compartilhar objetos com o outro (Aquino & Salomão, 2009), em interações triádicas. Interações poliádicas não tem sido relatadas, talvez por se considerar o bebê um ser muito marcado pela imaturidade, e que seria incapaz ou inábil para manter relações em que uma coordenação de foco de atenção fosse mais sofisticada. Outra hipótese a ser levantar aqui diz respeito a uma visão evolutiva e ascendente quanto ao processo de desenvolvimento humano, em que haveria uma continuidade linear de relações diádicas (antes da AC), para relações triádicas (na construção da AC) e posteriormente, poliádicas. Trata-se, entretanto, de hipótese a ser averiguada em outros estudos.

Os quatro episódios aqui recortados provém de contextos coletivos em que bebês e crianças se inserem. Pesquisas sobre a AC nesses contextos são raras, conforme a revisão de literatura apontou; o laboratório tem sido o local privilegiado para a coleta de dados dos estudos sobre a habilidade. A tradição de pesquisas em ambiente de laboratório remonta à necessidade de organização do ambiente e controle de variáveis, para que os resultados da pesquisa científica não sejam contaminados por aspectos que possam alterá-los ou invalidá-los; isto reflete uma busca por objetividade e neutralidade, bastante enfatizadas no cenário científico.

Newman e Holzman (2014), discutindo a questão do laboratório como metodologia de pesquisa, expõem a dúvida sobre a validade ecológica das pesquisas ali realizadas, visto que descobertas geradas unicamente em ambiente de laboratório tendem a ter condições controladas, para que se isolem as variáveis e as peculiaridades das pessoas em questão. Assim, o objeto em estudo pode ser “puramente” investigado. Cole, Hood e McDermott (1979), citado por Newman e Holzman (2014, p. 35) narram:

O que marca a perspectiva de laboratório neste nível de contraste é uma suposição de que o que é interessante em qualquer cenário pode ser definido a priori pelos interesses teóricos do pesquisador e pelo cuidadoso planejamento e controle das palavras-chave.

Essa concepção de metodologia de pesquisa é consonante com a ideia de uma determinação natural ou biológica do desenvolvimento humano, em que habilidades e competências interiores emergem a partir de marcos cronológicos ou maturacionais. A “revolução dos nove meses”, expressão utilizada por Tomasello (2003) para a emergência da AC em bebês desta idade, pode ser encarada como fazendo eco a esta ideia.

Desta forma, pesquisas em situação naturalística poderiam estar misturadas a ou contaminadas por aspectos contextuais, o que tiraria a “pureza” dos dados e dos resultados de pesquisa, podendo, portanto, invalidar a própria pesquisa.

Entretanto, a *Rede de Significações* vem postular que o desenvolvimento humano

[...]se dá dentro de processos complexos, imerso que está em uma malha de elementos de natureza semiótica. Esses elementos são concebidos como se inter-relacionando dialeticamente. Por meio dessa articulação, aspectos das pessoas em interação e dos contextos específicos constituem-se como partes inseparáveis de um processo em mútua constituição. Dessa forma, as pessoas encontram-se *imersas em, constituídas por e submetidas a* essa malha, e, a um só tempo, ativamente a constituem, contribuindo para a circunscrição dos percursos possíveis a seu próprio desenvolvimento, ao desenvolvimento das outras pessoas ao seu redor e da situação em que se encontram participando (Rossetti-Ferreira, Amorim & Soares da Silva, 2004, p. 23).

Considera-se, que longe de contaminar os dados de pesquisa, a cultura é constitutiva da pessoa e seu desenvolvimento; mesmo a concepção do laboratório, sua estrutura e funcionamento, está totalmente perpassada pela cultura. Desta forma, a pesquisa em ambientes naturalísticos não contamina os dados de pesquisa, pelo contrário: ela pode evidenciar os aspectos culturais que o constituem. Pesquisas de maior âmbito, longitudinais e transculturais, como a de Callaghan et al. (2011), mostram que crianças de um ano apresentam grandes similaridades no desenvolvimento de esquemas sociocognitivos, mas aos dois anos já se evidenciam diferenças culturais em seu desenvolvimento. A discussão que se coloca, portanto, é de que o laboratório, quando considerado como suposta garantia de objetividade quanto à pesquisa do desenvolvimento humano, pode, em um paradigma positivista bastante arraigado, dificultar a percepção e a compreensão da imbricada relação entre a cultura e o desenvolvimento das habilidades sociocomunicativas dos bebês (e do desenvolvimento humano em geral). Nesta direção, Shin (2012), relatando estudo naturalístico realizado em creche, sobre o papel da AC na comunicação social e no jogo entre crianças, discute que competência comunicativa e AC entre pares de crianças tem recebido pouca atenção na literatura e que pouco se sabe sobre AC e cognição social durante o segundo ano de vida.

Em suma, a pesquisa sobre a AC realizada em ambientes naturalísticos e com seguimento longitudinal (como é o caso desta pesquisa) propicia a construção de novos e importantes dados para a compreensão da habilidade, inclusive possibilitando que se verifique o processo através do qual se dá a construção, a manutenção e a interrupção da AC. Já se citou anteriormente que, para Wertsch (citado por Smolka & Mortimer, 2009), a análise microgenética é uma análise longitudinal de curto prazo, em que estão presentes indícios e desdobramentos de um processo. A pesquisa em laboratório, a depender de sua condução pelo pesquisador, pode obscurecer tais aspectos, acabando por tomar o produto final do processo (a

emergência da AC aos 9 meses) como equivalente a todo o processo, sem levar em conta o processo microgenético de construção da habilidade.

6.3 EM SÍNTESE: UMA OUTRA PROPOSTA PARA A COMPREENSÃO DA ATENÇÃO CONJUNTA

Os achados aqui relatados permitem propor uma ampliação – ou mesmo uma reconsideração - da conceituação atualmente predominante na literatura, relativa à AC. A análise dos episódios elucidou importantes aspectos sobre a configuração da habilidade, os quais ainda não haviam tido lugar na pesquisa psicológica. Verificou-se que comportamentos como olhar para a face, os olhos e as mãos do outro, apontar e oferecer objetos, não foram essenciais para a configuração da AC entre os bebês focais deste estudo. A idade também não se mostrou como um marco definatório conforme a literatura, visto que Bruno e seu parceiro Rafael construíram a AC antes dos 9 meses de vida. Bebês foram capazes de interagir poliadicamente, o que também se apresenta como um dado novo no contexto da pesquisa com bebês, e com a AC. O objeto não se mostrou dotado da relevância que a pesquisa atual parece revesti-lo, funcionando mais como algo que proporciona a visibilização da interação que ocorre entre os bebês ou entre os bebês e as crianças. Nos dois contextos onde se videogravou os bebês, a relação destes com os objetos foi similar, no sentido de que o objeto era mais um conector ou um elemento visibilizador da narrativa, não importando sua qualidade ou especificidade como brinquedo. A presença de adultos orientando e direcionando a interação também não se mostrou indispensável para que a AC se concretizasse e se mantivesse.

É importante, para o estudo dos processos de desenvolvimento humano, que se reveja a compreensão do papel que o engajamento entre crianças em ambiente naturalístico e de livre circulação pode proporcionar na construção de processos sociocognitivos básicos, em idade precoce. Assim, a proposta para a compreensão da AC passa por uma conceituação que não se apegue a alguns marcos definidos como condicionantes de um processo que, por ser de estruturação cultural, não pode estar delimitado predominante e aprioristicamente por tais condicionantes maturacionais, que distanciem, tanto o bebê quanto o processo, do mundo corporificado, intencional, negociado e pleno de significados em que ele está imerso. A proposta é também pelo distanciamento de uma perspectiva adultocêntrica, a qual relega a criança a uma condição de insuficiência, quando ela está sem a presença do adulto. Bebês e crianças são sujeitos de pesquisa com direito a um protagonismo e à uma subjetividade não apenas relacional e reativa àquela do adulto.

Essa nova perspectiva quanto à construção da habilidade de AC implica em novas pesquisas, nos mesmos ou em outros tipos de ambientes naturalísticos de livre circulação para bebês e crianças pequenas. É necessário considerar a capacidade de bebês se engajarem em relações triádicas e poliádicas, sendo sujeitos de uma interação complexa, mais longa e sofisticada do que se imaginava. O uso da tecnologia, através da videogravação, pode proporcionar uma coleta de dados que acompanhe as sutilezas e a fugacidade do comportamento dos bebês, oferecendo assim, os meios para a elaboração desta nova perspectiva e a compreensão de processos sociocognitivos básicos em idade precoce.

REFERÊNCIAS⁶

- Amorim, K. S. (2012). Processos de significação no Primeiro Ano de Vida. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Jan-March, 28(1), p.45-53.
- Amorim, K. S. (2013) *Linguagem, Comunicação e Significação em Bebês*. Tese de Livre Docência, Departamento de Psicologia, FFCLRP, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Amorim, K. S., Anjos, A. M. & Rossetti-Ferreira, M. C. (2012). Processos Interativos de Bebês em Creche. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(2), 378-389.
- Amorim, K. S., Costa, C. A., Rodrigues, L. A., Moura, G. G., & Ferreira, L. D. P. M. (2012). O bebê e a construção de significações, em relações afetivas e contextos culturais diversos. *Temas em Psicologia*, 20(2), 309-326. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2012.2-03>
- Amorim, K. S. , Von Dentz, M. & Costa, N. M. S. (2018). Videogravação nas Ciências Humanas: O dilema entre o potencial da imagem e direito de preservação da identidade. In Leme, M. I. S., Cagnin, S., & Leite, S. A. S. *Pesquisa aplicada em psicologia: implicações éticas*. Campinas: Mercado de Letras.
- Anjos, A.M., Amorim, K.S., Franchi e Vasconcelos, C.R. & Rossetti-Ferreira, M.C. (2004). Interações de bebês em creche. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 513-522.
- Aquino, F. S. B. & Salomão, N. M. R. (2009). Contribuições da habilidade de atenção conjunta para a habilidade social infantil. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 14(2), 233-241.
- Aquino, F. S. B. & Salomão, N. M. R. (2011a). Percepções Maternas Acerca das Habilidades Sociocomunicativas de Bebês. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 31(2), 252-267.
- Aquino, F.S.B. & Salomão, N. M. R. (2011b). Habilidades sociocomunicativas de bebês no primeiro ano de vida: um estudo longitudinal. *Paidéia*, Septiembre-Diciembre, 335-344.

⁶ Referências de acordo com notação APA

- Bahrick, L. A., Todd, J. T., Castellanos, I. & Sorondo, B. M. (2016). Enhanced attention to speaking faces versus other event types emerges gradually across infancy. *Developmental Psychology*, 52 (11), 1705-1720.
- Belei, R. A., Gimeniz-Paschoal, S.R., Nascimento, E. N. & Matsumoto, P. H. V. R. (2008). O uso de entrevista, videogravação e observação em pesquisa qualitativa. *Cadernos de Educação* (30), 187-199.
- Bellini, A. E. G. & Fernandes, F. D. M. (2007). Olhar de bebês em desenvolvimento típico: correlações longitudinais encontradas. *Rev Soc Bras Fonoaudiol.*, 12(3):165-73.
- Bertenthal, B. I., Boyer, T. W., & Harding, S. (2014). When do infants begin to follow a point? *Developmental psychology*, 50(8), 2036.
- Bornstein, M. H. ; Putnick, D. L. ; Suwalsky, J. T. D ; Venuti, P. ; Falco, S.; Galperín, C. Z; Gini, M. ; Tichovolsky, M. H. (2012). Emotional Relationships in Mothers and Infants: Culture-Common and Community-Specific Characteristics of Dyads From Rural and Metropolitan Settings in Argentina, Italy, and the United States. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, February, 43(2), p.171-197.
- Bosa, C. A. (2002). Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo. *Psicologia, reflexão e crítica*, 15(1), 77-88.
- Bothof, R., & Wiese, E. B. P. (2009). Joint attention: providing bases for social-cognitive and language skills. *TransFormações em Psicologia (Online)*, 2(1), 52-64.
- Bower, B. (2009). A blind path to childhood with autism: infants born without sight may have more social difficulties. *Science News*, 176(10), 15-25.
- Brandone, A. C. (2015). Infants' Social and Motor Experience and the Emerging Understanding of Intentional Actions. *Developmental Psychology*, 51(4), 512-523.
- Braz, F.S., & Salomão, N. M. R. (2002). A fala dirigida a meninos e meninas: um estudo sobre o input materno e suas variações. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 15(2), 333-344.
- Brito, M. C. & Misquiatti, A. R. N.(2011). Iniciativas de comunicação na interação entre crianças com distúrbios do espectro autístico e suas mães: análise pragmática. *Revista CEFAC*, 13(6), 993-1001.
- Brooks, R.; Meltzoff, A. N. (2008). Infant gaze following and pointing predict accelerated vocabulary growth through two years of age: a longitudinal, growth curve modeling study. *Journal of Child Language*, 35(1), 207-220.
- Brownell, C. A. (2011). Early developments in joint action. *Review of philosophy and psychology*, 2(2), 193-211.
- Bruner, J. (1983). *Como as crianças aprendem a falar*. Lisboa, Instituto Piaget.

- Buon, M.; Jacob, P.; Margules, S. ; Brunet, I. ; Dutat, M. ; Cabrol, D. ; Dupoux, E. (2014). Friend or Foe? Early Social Evaluation of Human Interactions. *PLoS ONE*, 9(2), 88612.
- Callaghan, T., Moll, H., Rakoczy, H., Warneken, F., Liszkowski, U., Behne, T., & Collins, W. A. (2011). Early social cognition in three cultural contexts. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, i-142.
- Camaioni, L. (1997) The emergence of intentional communication in ontogeny, phylogeny, and pathology. *European Psychologist*, 2(3), 216-225. <http://dx.doi.org/10.1027/1016-9040.2.3.216>
- Carpenter, M., Nagell, K., Tomasello, M., Butterworth, G., & Moore, C. (1998). Social cognition, joint attention, and communicative competence from 9 to 15 months of age. *Monographs of the society for research in child development*, i-174.
- Carvalho, A. M. , Hamburger, A. I, & Pedrosa, M. I. (1996). *Interação, regulação e correlação no contexto do desenvolvimento humano: discussão conceitual e exemplos empíricos*. Versão preliminar de trabalho. IFUSP/P, Universidade de São Paulo, Publicações.
- Cassiano, R. G. M & Linhares, M. B. M. (2015). Temperamento, Prematuridade e Comportamento Interativo Mãe-Criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Enero-Junio, 416-424.
- Childers, J. B.; Vaughan, J.; Burquest, D. A. Joint attention and word learning in Ngas-speaking toddlers n Nigeria. *Journal of Child Language*, 2007, Vol.34(2), pp.199-225.
- Colas, A. Introducing infants to referential events: a development study of maternal ostensive marking in French. *Journal of Child Language*, 1999, Vol.26(1), pp.113-131.
- Cole, M., Hood, L. & Mc Dermott, R. P. (1979). Ecological niche-picking: ecological invalidity as an axiom of experimental, cognitive psychology. Manuscrito inédito. In Newmann, F. & Holzman, L. (2014). *Lev Vygotsky, cientista revolucionário*. São Paulo: Edições Loyola.
- Colus, K. M. (2012). *Processos de estabelecimento da atenção conjunta em um bebê vidente e em outro com deficiência visual severa*. Dissertação (Mestrado). Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP-RP.
- Colus, K. M. & Amorim, K. S. (2019). O Estabelecimento da Atenção Conjunta em um Bebê com Deficiência Visual Severa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e3541. Epub March 28. <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3541>
- Corkum, V. & Moore, C. (1998). Origins for joint visual attention in infants. *Developmental Psychology*, 34(1), 28-38. Doi: 10.1037/0012-1649.43.1.28
- Courage, M.L.; Murphy, A. N. ; Goulding, S.; Setliff, A. E. (2010). When the television is on: The impact of infant-directed video on 6- and 18-month-olds' attention during toy play and on parent–infant interaction. *Infant Behavior and Development*, 33(2), 176-188.

- Costa, C. A. & Amorim, K. S. (2015). Abreviação em relações de bebês com seus pares de idade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31 (1), 15-23.
- Csibra, G.; Shamsudheen, R. (2015). Nonverbal Generics: Human Infants Interpret Objects as Symbols of Object Kinds. *Annual Review of Psychology*, 66, 689-710.
- Deak, G.O. & Flom, R.A. & Pick, A.D. (2000). Effects of gesture and target on 12 and 18-month-olds' joint visual attention to objects in front of or behind them. *Developmental Psychology*, 36(4), 511-523. Doi: 10.1037/0012-1649.36.4.511.
- Dice, J. L., & Dove, M. K. (2011). A Piagetian approach to infant referential behaviors. *Infant Behavior and Development*, 34(3), 481-486.
- Evans, C. A. ; Porter, C. L. (2009). The emergence of mother–infant co-regulation during the first year: Links to infants' developmental status and attachment. *Infant Behavior and Development*, 32(2), 147-158.
- Farah, L. S. D, Perissinoto, J. & Chiari, B. M. (2009). Estudo longitudinal da atenção compartilhada em crianças autistas não-verbais. *Revista CEFAC*, 11(4), 587-597.
- Fausey, C. M. ; Jayaraman, S. ; Smith, L. B. (2016). From faces to hands: Changing visual input in the first two years. *Cognition*, Vol.152, pp.101-107.
- Fernald, A. (2010). Getting beyond the “convenience sample” in research on early cognitive development. *B Behavioral and Brain Sciences*, 33(2-3), 91-92.
- Fernandes, F. D. M., Amato, C. A. H., Balestro, J. I. & Molini-Anjonas, D. R. (2011). Orientação a mães de crianças do espectro autístico a respeito de comunicação e linguagem. *Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia.*, 23(1).
- Fernyhough, C. (2008). Getting Vygotskian about theory of mind: Mediation, dialogue, and the development of social understanding. *Developmental Review*, 28(2), 225-262.
- Frank, M. C. ; Vul, E. ; Johnson, S. P. (2009). Development of Infants' Attention to Faces during the First Year. *Cognition*, 110(2), 160-170.
- Frankenhuis, W. E. ; House, B. ; Clark Barrett, H. ; Johnson, S. P. (2013) Infants' perception of chasing. *Cognition*, 126(2), 224-233.
- Freitas, A. B. M. (2009) A mediação lúdica no espectro autista: uma possibilidade comunicativa e de intervenção psicopedagógica. *Revista Educação Especial*, 22(33), 41-58.
- Garcez, A., Duarte, R. & Eisenberg, Z. (2011). Produção e análise de videogravações em pesquisas qualitativas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 2, 249-262, mai-ago.
- Guellai, B. ; Streri, A. (2011). Cues for Early Social Skills: Direct Gaze Modulates Newborns' Recognition of Talking Faces. *PLoS ONE*, 6 (4), p.e.18610.
- Gergely, G. ; Nádasdy, Z. ; Csibra, G. ; Bíró, S. (1995). Taking the intentional stance at 12 months of age. *Cognition*, 56(2), 165-193.

- Gerson, S. A. ; Woodward, A. L. (2012). A claw is like my hand: Comparison supports goal analysis in infants. *Cognition*, 122 (2), 181-192.
- Góes, M.C.R. (2000). A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos Cedes*, 20(50), 9- 23.
- Gonçalves, M.F.C. (2008) A pré-história da escrita: Um estudo na Educação Infantil. *PLURES-Humanidades*, 9, 102-114.
- Gonçalves, M.F.C. (1996). *Brincar de escolinha: A construção da representação na interação de crianças em creches*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- Harrist, A. W ; Waugh, R. M. (2002). Dyadic synchrony: Its structure and function in children's development. *Developmental Review*, 22(4), 555-592.
- Hepach, R. ; Westermann, G. (2013). Infants' sensitivity to the congruence of others' emotions and actions. *Journal of Experimental Child Psychology*, 115, 16–29.
- Karpov, Y. V. (2014) *Vygotsky for educators*. New York: Cambridge University Press.
- Katz, L. (2016). O que podemos aprender com Reggio Emilia In Edwards, C., Gandini, L. & Forman, G. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Penso.
- Kazahaya, D. (2014). Bebês, crianças e seus pares: a participação do pequeno semelhante no desenvolvimento e na constituição psíquica. *III Colóquio de Psicanálise com Crianças*. Instituto sedes Sapientiae, s/n, 74-80.
- Kopp, F., & Lindenberg, U. (2011). Effects of joint attention on long-term memory in 9-month-old infants: an event-related potentials study. *Developmental Science*, 14(4), 660-672.
- Krehm, M.; Onishi, K. H. ; Vouloumanos, A. (2014). I See Your Point: Infants Under 12 Months Understand That Pointing Is Communicative. *Journal of Cognition and Development*, 15(4), 527-538.
- Kristen, S., Sodian, B., Thoermer, C., & Perst, H. (2011). Infants' joint attention skills predict toddlers' emerging mental state language. *Developmental psychology*, 47(5), 1207.
- Kwon, M. K., Setoodehnia, M., Baek, J., Luck, S. J., Oakes, L. M. (2016). The development of visual search in infancy: Attention to faces versus salience. *Developmental Psychology*, 52 (4), 537-555.
- Leavens, D.A., Sansone, J., Burfield, A., Lightfoot, S., O'Hara, S. & Todd, B.K. (2014). Putting the “Joy” in joint attention: affective-gestural synchrony by parents who point for their babies. *Frontiers of Psychology*.

- Liszkowski, U.; Carpenter, M.; Tomasello, M. (2008). Twelve-month-olds communicate helpfully and appropriately for knowledgeable and ignorant partners. *Cognition*, 108(3), 732-739.
- Liszkowski, U. ; Carpenter, M. ; Striano, T. ; Tomasello, M. (2006). 12- and 18-Month-Olds Point to Provide Information for Others. *Journal of Cognition and Development*, 7(2),173-187.
- Leontiev, A. N. (2010) Os fundamentos psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: Vigotskii, L. S., Luria, A. R. & Leontiev, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone.
- Libertus, K. ; Greif, M. L. ; Needham, A. W. ; Pelphrey, K. (2016). Infants' observation of tool-use events over the first year of life. *Journal of Experimental Child Psychology*, 152, 123-135.
- Lordelo, E. R. & Carvalho, A. M. A. (1989). Comportamento de cuidado entre crianças: Uma revisão. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 51, 1-19.
- Machado, A. C., & Bello, S. F. (2015). Habilidades sociocomunicativas e de atenção compartilhada em bebês típicos da primeira infância. *Revista Psicopedagogia*, 32(98), 150-157.
- Martell, T. (2010). Phenomenology of joint attention. *Indo-Pacific Journal of Phenomenology*, 10 (2), 1-10. DOI: 10.2989/ipjp.2010.10.2.5.1086
- Melhuish, E. C. (1982). Visual attention to mother's and stranger's faces and facial contrast in 1-month-old infants. *Developmental Psychology*, 18 (2), 229-231.
- Melinder, A.; Konijnenberg, C. ; Hermansen, T.; Daum, M.; Gredebäck, G. (2015). The developmental trajectory of pointing perception in the first year of life. *Experimental Brain Research*, 233(2), 641-647.
- Mendive, S.; Bornstein, M. H. ; Sebastián, C. (2013). The role of maternal attention-directing strategies in 9-month-old infants attaining joint engagement. *Infant Behavior and Development*, 36(1), 115-123.
- Messinger, D. S. ; Mattson, W. I. ; Todd, J. T. ; Gangi, D. N. ; Myers, N. D. ; Bahrick, L. E. (2017). Temporal Dependency and the Structure of Early Looking. *PLoS ONE*, 12(1), p.e. 0169458.
- Mireault, G., Sparrow, J., Poutre, M., Perdue, B., & Macke, L. (2012). Infant humor perception from 3-to 6-months and attachment at one year. *Infant Behavior and Development*, 35(4), 797-802.
- Mireault, G. C.; Crockenberg, S. C.; Sparrow, J. E.; Pettinato, C. A.; Woodard, K. C. ; Malzac, K. (2014). Social looking, social referencing and humor perception in 6- and-12-month-old infants. *Infant Behavior and Development*, 37(4), 536-545.
- Moll, H., & Kadipasaoglu, D. (2013). The primacy of social over visual perspective-taking. *Frontiers in human neuroscience*, 7.

- Moll, H. ; Tomasello, M. (2010). Infant cognition. *Current Biology*, 20(20),872-875.
- Moura, G. G. (2012). “*Quem não pega, não se apega*”: o acolhimento institucional de bebês e as (im)possibilidades de construção de vínculos afetivos. Dissertação (Mestrado). Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto: USP-RP.
- Mundy, P. & Jarrold, W. (2010). Infant joint attention, neural networks and social cognition. *Neural Networks*, 23(8), 985-997.
- Neves, V. F. A., Katz, L., Goulart, M. I. M., & Gomes, M. de F. C. (2018). *Dancing with the pacifiers: infant’s perizhivanya in a Brazilian early childhood education centre*. *Early Child Development and Care*, 1–12.doi:10.1080/03004430.2018.1482891
- Newmann, F. & Holzman, L. (2014). *Lev Vygotsky, cientista revolucionário*. São Paulo: Edições Loyola.
- Nunes, L.L. & Aquino, F.S.B. (2014). Habilidade de Comunicação Intencional de Bebês: O que pensam as mães? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30 (4), 363-372.
- Oliveira, T. & Gil, M. S. (2007). Elementos fundamentais para a aquisição de operantes verbais por bebês: análise comportamental da “atenção compartilhada”. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva*, 9(2), 217-225. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v9i2.195>
- Osório, A., Castiajo, P., Ferreira, R., Barbosa, F. & Martins, C. (2011). Metodologias de avaliação do desenvolvimento da cognição social da infância até à idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 29(2), 259-274.
- Palacios, P. ; Rodríguez, C. ; Méndez-Sánchez, C. (2018). Communicative Mediation by Adults in the Construction of Symbolic Uses by Infants. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 52(2), 209-227.
- Pedrosa, M. I. P. C. (1989). *Interação criança-criança: um lugar de construção do sujeito*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, USP.
- Pedrosa, M. I. , Carvalho, A. M. A, & Hamburger, A. I. (1997). From disordered to ordered movement: attractor configuration and development. In *Dynamics and indeterminism in developmental and social processes*. Fogel, A., Lyra, M. C. D. P. & Valsiner, J. (eds). Lawrence Erlbaum Associates.
- Peña, M.; Arias, D. ; Dehaene-Lambertz, G. (2014). Gaze Following Is Accelerated in Healthy Preterm Infants. *Psychological Science*, 25(10), 1884-1892.
- Phillips, A. T. ; Wreldmann, H. M. & Spelke, E. S. (2002). Infants' ability to connect gaze and emotional expression to intentional action. *Cognition* 85 (1), 53-78.

- Pozzebon, M. & Freitas, H. M. R. (1998). Pela Aplicabilidade-com um maior Rigor Científico dos Estudos de Caso em sistemas de Informação. *Revista de Administração Contemporânea*, 2(2),143-170.
- Renzi, D. T.; Romberg, A. R.; Bolger, D. J.; & Newman, R. S. (2017). Two minds are better than one: Cooperative communication as a new framework for understanding infant language learning. *Translational Issues in Psychological Science*, 3(1),19-33.<http://dx.doi.org/10.1037/tps0000088>
- Reddy, V. (2003). On being the object of attention: implications for self-other consciousness. *Trends in cognitive sciences*, 7(9), 397-402.
- Reddy, V. (2010). Early Conversations: Communication and Dialogue. *Acción Psicológica*, julio 2010, n.7, v. 2, 7-20.
- Ribeiro, Bussab & Otta (2004). De colo em colo, de berço em berço. In Seidl-de-Moura, M. L. & Ribas, A. F. P. R. (Orgs), *O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rochat, P. (2007). Intentional action arises from early reciprocal exchanges. *Acta Psychologica*, 124, 8-25.
- Romanelli, G. & Biasoli-Alves, Z. M. M. (Orgs.) (1998). Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa. Ribeirão Preto-SP: Legis Summa.
- Rose, S. A. & Feldman, J. F. (1987). Infant visual attention: Stability of individual differences from 6 to 8 months. *Developmental Psychology*, 23 (4), 490-498.
- Rose, S. A. ; Jankowski, J. J. ; Feldman, J. F. (2008). The inversion effect in infancy: The role of internal and external features. *Infant Behavior and Development*, 31(3), 470-480.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S. & Silva, A. P. S. (2004). Rede de Significações: Alguns Conceitos Básicos. In M. C. Rossetti-Ferreira, K. S. Amorim, A. P. S Silva, & A. M. A. Carvalho, *Redes de Significação e o estudo do Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Artmed.
- Rossetti-Ferreira, M.C.; Amorim, K.S.; Silva, A.P.S. & Oliveira, Z.M.R. (2008). Desafios Metodológicos na Perspectiva da Rede de Significações. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 147-170.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Serrano, S. A. & Costa, N. R. A. Reflexões sobre desenvolvimento humano e o contexto institucional. In: Rossetti-Ferreira, M. C., Serrano, S. A. & Almeida, I. G. (Orgs) (2011). *O acolhimento institucional na perspectiva da criança*. São Paulo: Hucitec.
- Salomo, D. & Liszkowski, U. (2013). Sociocultural settings influence the emergence of prelinguistic deictic gestures. *Child development*, 84(4), 1296-1307. Disponível em: <http://www.dx.doi.org/10.1111/cdev.12026>. Acesso em 21/10/2014.

- Saxon, T. F. ; Colombo, J. ; Robinson, E. L. ; Frick, J. E. (2000). Dyadic Interaction Profiles in Infancy and Preschool Intelligence. *Journal of School Psychology*, 38(1), 9-25.
- Seidl de Moura, M.L., Ribas , A.F.P.; Seabra , C.C. ; Pessoa , L.F.; Nogueira, S.E.; Mendes, D. M.L.F.; Rocha, S.B. & Vicente, C. C. (2008). Interações mãe-bebê de um e cinco meses: aspectos afetivos, complexidade e sistemas parentais predominantes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21 (1) 66-73.
- Sella, A.C., Chiodelli, T. & Mendes, C.A. (2013). Uma revisão sistemática de comportamentos pré-linguísticos e primeiros comportamentos linguísticos em crianças cegas congênitas. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 19(3).
- Shin, M. (2012). The role of joint attention in social communication and play among infants. *Journal of Early Childhood Research*, 10(3), 309-317.
- Silva, F. V. (2012). Atenção conjunta em crianças surdas: especificidades do desenvolvimento e ações para as práticas. *Da investigação às práticas*, 2 (1), p. 51-67.
- Sinha, C. & Rodriguez, C. (2008). Language and the signifying object: from convention to imagination. In C. Sinha, J. Zlatev, E. Itkonen, & T.P. Racine, *The Shared Mind: Perspectives on intersubjectivity*. Amsterdam: John Benjamins.
- Slaughter, V. ; Peterson, C. C & Carpenter, M. (2009). Maternal mental state talk and infants' early gestural communication. *Journal of Child Language*, 36(5),1053-1074.
- Smolka, A. L. B. & Mortimer, E. F. (2009). James V. Wertsch. A primazia da ação mediada. In: Cultura, Aprendizagem e Desenvolvimento. *Revista Pedagogia Contemporânea*, v. 2.
- Soares de Abreu, C., Cardoso-Martins, C., & Gonçalves Barbosa, P. (2014). A relação entre a atenção compartilhada e a teoria da mente: um estudo longitudinal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(2).
- Sodian, B. & Kristen-Antonow, S. (2015). Declarative joint attention as a foundation of theory of mind. *Developmental Psychology*, 51(9), 1190-1200.
- Sousa-Morato, P. F. & Fernandes, F. D. M. (2009). Adaptação sócio-comunicativa no espectro autístico: dados obtidos com pais e terapeutas. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*., 14(2), 225-233.
- Spink, M. J. (2000). A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. *Revista Psicologia*, n.31 (1), 7-22.
- Spink, P. K. (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia e Sociedade*. 15 (2), 14-32, jul-dez.
- Suarez-Rivera, C.; Smith, L.B.; & Yu, C. (2018). Multimodal parent behaviors within joint attention support sustained attention in ifants. *Developmental Psychology*, 55 (1). 96-109.
- Tomasello, M. (2003). *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes.

- Uithol, S.; Paulus, M. (2014). What do infants understand of others' action? A theoretical account of early social cognition. *Psychological Research*, 78(5), 609-622.
- Vaillant-Molina, M. & Bahrick, L. E. (2012). *Developmental Psychology*, 48(1): 1–9.
- Van Hecke, A. V., Mundy, P. C.; Acra, C. F., Block, J., Delgado, C. E. F., Parlade, M. V., Meyer, J. A., Neal, A. R., & Pomares, Y. B. (2007). Infant joint attention, temperament, and social competence in preschool children. *Children Development*, 78, 53-69.
- Vasconcelos, C. R. F., Amorim, K. S., Anjos, A. M., Rossetti-Ferreira, M. C. (2003). A incompletude como Virtude: Interação de bebês na creche. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(2), 293-301.
- Verissimo, D. S.. (2015). Fenomenologia da intersubjetividade e estudos em cognição social: reflexões acerca da atenção conjunta. *Psicologia em Revista*, 21(3), 562-581.
- Viana, K. M.P., & Pedrosa, M. I. (2014). Brincadeiras coordenadas cooperativas e o compartilhamento de intenções em crianças. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(3).
- Vilaça, M. G. G. L. (2013). Benefícios de uma intervenção específica em desenvolvimento da linguagem, em crianças diagnosticadas com “Espectro do Autismo”. *Dissertação de Mestrado*, Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Von Dentz, M. (2016). Expressões emocionais de sorriso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche. *Dissertação (Mestrado)*. Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP-RP.
- Yin, R. K. (2005) Estudo de Caso: planejamento e métodos. In R. K. Yin, *Estudo de Caso* (2ªed). Porto Alegre: Bookman.
- Yoon, S. A.; Kelso, A.; Lock, A. G.; Karlen, L. R. (2014). Mother–Infant Joint Attention and Sharing: Relations to Disorganized Attachment and Maternal Disrupted Communication. *The Journal of Genetic Psychology*, 175 (6), p.1-17.

ANEXOS

ANEXO A -Termo de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética

**Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Comitê de Ética em Pesquisa**

Campus de Ribeirão Preto

Of. CEIP/FFCLRP-USP/55-dgfs

Ribeirão Preto, 28 de junho de 2016.

Prezado(a) Pesquisador(a),

Comunicamos a V. Sa. que o projeto de pesquisa intitulado **"Processo de Construção da Atenção Conjunta com Diades de Bebês"** foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 156ª Reunião Ordinária, realizada em 23.06.2016, e enquadrado na categoria: **APROVADO** (CAAE n.º 54141516.9.0000.5407).

Solicitamos que eventuais modificações ou emendas ao projeto de pesquisa sejam apresentadas ao CEP, de forma sucinta, identificando a parte do projeto a ser modificada e suas justificativas, e que, ao término do estudo, um relatório final seja entregue, via Plataforma Brasil.

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª Marina Rezende Bazon
Coordenadora

Ao(À) Senhor(a)
Katia Paschoali Miguel
Programa de Pós-graduação em Psicologia da FFCLRP/USP

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP USP
Fone: (16) 3315-4811
Avenida Bandeirantes, 3900 - bloco 23 - casa 37 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil
Homepage: <http://www.ffclrp.usp.br> - e-mail: cep@ffclrp.usp.br

Scanned by CamScanner

ANEXO B - Autorização para videogravação na Instituição de Acolhimento

Termo de Autorização da Participação do Bebê - Abrigo

Meu nome é Gabriella Garcia Moura. Sou pesquisadora do Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI) e faço mestrado em Psicologia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP. Para isso, estou fazendo uma pesquisa que busca estudar *“Os modos de relações e a co-construção de recursos comunicativos em bebês que vivem em diferentes contextos de acolhimento”*, sob a orientação da professora Kátia de Souza Amorim.

Nesse projeto, pretendemos investigar em duas diferentes modalidades de acolhimento – Casa Abrigo e Família Acolhedora -, como se dá a construção das relações do bebê com os adultos cuidadores ou com outras pessoas e crianças presentes no seu dia-a-dia. A meta é focalizar nas formas de comunicação e linguagem do bebê, acompanhando como se transformam, ao longo de alguns meses do primeiro ano de vida.

Pensando que o período de permanência do bebê tanto no Abrigo como na Família Acolhedora é temporário, podendo variar desde dias e semanas até meses, e que muitos contratempos poderão acontecer, como o adoecimento do bebê e sua transferência, optamos por acompanhar dois bebês, individualmente, em cada modalidade de acolhimento, podendo este número variar em função da quantidade de crianças vivendo nestes ambientes ou do tempo de sua permanência nos mesmos.

Para que eu possa fazer esta pesquisa, será necessário filmar os bebês se relacionando com seus cuidadores ou com outras pessoas e crianças. As vídeo-gravações são importantes pois permitem uma análise minuciosa das expressões, dos recursos de comunicação e das relações dos bebês, que são muito difíceis de serem vistos e analisados através da simples observação direta. Esse trabalho, através das imagens, oferece uma possibilidade de visualizar, mesmo antes da aquisição da linguagem verbal, o modo como os bebês se relacionam, considerando as características específicas dos recursos comunicativos de que dispõem na primeira infância.

Desse modo, cada vídeo-gravação terá, em média, duração de uma hora com cada bebê e serão realizadas uma vez por semana, por três meses, em cada modalidade de acolhimento, totalizando aproximadamente 12 horas por bebê observado. Depois de realizar as vídeo-gravações, elas serão transcritas, ou seja, serão “passadas” para a forma escrita, como se fossem uma narrativa.

Também consideramos importante darmos aos responsáveis pelos bebês o direito de escolha, enfatizando nosso respeito às suas decisões, e por isso informamos que poderão autorizar a participação no estudo, mas solicitar a não preservação da imagem real, o que será feito através do uso de recursos tecnológicos computacionais que mascarem a identidade dos participantes.

Faz-se necessário enfatizar a diferença existente entre a fase de análise dos dados coletados (que, no caso, serão as vídeo-gravações) e a fase de apresentação dos resultados. A análise dos dados fará uso das imagens - ressaltando o comprometimento de respeito completo aos sujeitos participantes e a importância da imagem real das gravações para as pesquisas científicas nesse campo - uma vez que as expressões dos bebês são fundamentais para a pesquisa e poderão contribuir para a melhor compreensão do processo de desenvolvimento dos recursos comunicativos e, conseqüentemente, também para a formação de recursos humanos capacitados para lidarem com as especificidades da primeira infância. Já a segunda etapa, de apresentação dos resultados, que poderá ocorrer em congressos e meios de divulgação científica, é para a qual se dispõe o tratamento das imagens (mascarando a identidade dos participantes) e priorizando as formas narrativas de exposição dos resultados.

Além das gravações, será importante fazermos entrevistas com os coordenadores ou responsáveis pelo acolhimento, bem como outros envolvidos, como os cuidadores, para saber alguns dados do histórico da criança.

Importante lembrar que esta pesquisa, com as correspondentes vídeo-gravações, só será realizada caso o coordenador do Abrigo concorde em participar de livre e espontânea vontade. Esclarecemos que a participação não será remunerada. Asseguramos ao responsável do/pelo Abrigo o compromisso de preservar a criança e demais participantes de quaisquer interferências desnecessárias e/ou exposições indevidas ou que sejam prejudiciais, no decorrer da pesquisa. Informamos que não haverá qualquer tipo de risco na participação na mesma, porém, se durante o estudo for detectado algum dano decorrente dele, responsabilizo-me em acompanhar ou encaminhar a criança e/ou demais, posteriormente.

Enfatizamos que não será feito nenhum tipo de análise sobre aspectos emocionais ou da personalidade dos participantes (adultos ou bebês), assim como também não se aplicará nenhum tipo de testes ou escalas para avaliação psicológica para qualquer dos participantes.

25

Também é reservado aos participantes o direito de interromper as gravações a qualquer momento ou de recusar a continuidade de participação em qualquer fase da pesquisa, caso sintam-se incomodadas ou constrangidas, sem qualquer penalização e prejuízo. Caso o coordenador do Abrigo ou outros participantes diretamente envolvidos nesta pesquisa tenham interesse, após finalizado o estudo, poderá ter acesso a este trabalho. Comprometo-me a informar os envolvidos sobre as descobertas e aprofundamentos científicos que esta pesquisa tenha proporcionado.

Importante dizer que as vídeo-gravações irão permanecer num Banco de Dados do nosso centro de pesquisa, para que possam servir à realização de pesquisas futuras, obedecendo aos mesmos critérios éticos de respeito aos participantes. Portanto, além das pessoas diretamente envolvidas no projeto (como a orientadora e eu), outros pesquisadores da área, em reuniões internas do CINDEDI, poderão ver algumas imagens, contribuindo para o conhecimento nesse campo. Isso significa que estas imagens ficarão restritas apenas para uso de estudo e pesquisa científica, não as divulgando a outros.

Finalmente, os participantes poderão fazer perguntas sobre o estudo a qualquer momento. Caso tenha algum problema ou perguntas adicionais, eu (Gabriella Garcia Moura) estou à disposição nos telefones (16)8191-6726 ou (16) 9161-9055. A minha orientadora, a professora Kátia de Souza Amorim, também se coloca à disposição para esclarecimentos, caso isso se faça necessário, podendo ser encontrada no telefone (16)3602-3850.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Pesquisa / Termo de Autorização do Uso da Imagem

Eu RICARDO SOARES DE SOUZA, RG 5.248.533-X, CPF 402.837.362-91, residente à RUA PAUL. LORENÇO ROSELIANO, nº 681, na cidade de UBEIARÁ - SP, na qualidade de responsável legal pelo CATUB-CENÍUS DE ADOÇÃO DE UBEIARÁ - SP aceito que este participe do projeto de pesquisa intitulado “Os modos de relações e a co-construção dos recursos comunicativos em bebês que vivem em diferentes contextos de acolhimento”. Tenho conhecimento de que este estudo deverá gravar em vídeo o bebê em interação com seus cuidadores ou pares, ao longo de três meses, de

26

modo a acompanhar o processo de desenvolvimento da comunicação e da linguagem. Eu afirmo ter compreendido que a nossa participação é voluntária, livre e não-remunerada, que nossa identidade será mantida em sigilo e que poderemos interromper nossa participação a qualquer momento e em qualquer fase da pesquisa, caso desejemos, sem penalização alguma e sem qualquer prejuízo. Ainda, compreendi que a pesquisa não terá qualquer risco para nós e que será garantido e respeitado o aspecto ético, sendo que estaremos amparados pela Resolução 196/96 (do Conselho Nacional de Saúde) e também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA-Lei 8.069/90). Caso tenhamos interesse em conhecer o resultado do estudo, teremos acesso ao material relacionado ao mesmo.

Finalmente, entendi que as gravações do estudo deverão permanecer num Banco de Dados do centro de pesquisa, podendo ser utilizado na realização de pesquisas futuras (por membros do CINDEDI), obedecendo aos mesmos critérios de preservação de identidade dos participantes e respeitando os aspectos éticos. Assim sendo, autorizo o uso acima descrito, assinando a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

() Solicito o tratamento de minhas imagens e do bebê do qual sou responsável

() Não solicito o tratamento de minhas imagens e do bebê do qual sou responsável

Data: 16 / 06 / 2010

Coordenador do Abrigo / Responsável pelo bebê

RG: 5.248.533-X

CPF: 402.809.368-91

Gabriella Garcia Moura

Gabriella Garcia Moura (Pesquisadora)

RG: 403226764

Telefone: (16) 91619055 ou 81916726

ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do bebê focal (Bruno) da Instituição de Educação Infantil

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Responsável pelo bebê na creche

Como responsável legal pelo bebê, a (o) convidamos para participar da pesquisa de Mestrado sobre *"Expressões emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche"*, a ser desenvolvida pela mestranda Marisa von Dentz, orientada pela Professora Livre Docente Katia de Souza Amorim, ambas do Programa de Pós Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

A pesquisa tem por objetivo investigar se ocorrem manifestações de expressões emocionais entre bebês pares de idade (de quatro a doze meses) na sua relação, no ambiente da creche. E, em caso afirmativo, verificar com que frequência e de que forma essas expressões acontecem, destacando particularmente as expressões de riso e choro dos bebês.

Justifica esse estudo a crescente inserção das mães no mercado de trabalho e por consequência o surgimento da necessidade de compartilhar o cuidado e a educação dos filhos, sendo que um lugar crescentemente procurado são as creches.

Esta pesquisa é importante por serem poucas as estratégias de trabalho com bebês menores de um ano, em creches. Uma melhor compreensão das capacidades interativas de bebês através do estudo das expressões emocionais, pode vir a ajudar as educadoras e as famílias a lidarem com os bebês, partindo do conhecimento de suas capacidades expressivas no primeiro ano de vida.

Para desenvolver a pesquisa, serão feitas vídeo gravações que terão como foco, dois bebês; um com idade superior a cinco meses e outro com idade superior a sete meses. Apesar de haverem dois bebês principais, todos os demais poderão ser parceiros dentro da sala do berçário, uma vez que as crianças se encontram em espaço livre, bem como as educadoras desta sala. Só serão gravadas, no entanto, aquelas crianças cujos responsáveis autorizarem a participação no estudo.

As gravações acontecerão semanalmente, sendo que a cada semana será em um dia diferente, sendo privilegiados horários da rotina onde as crianças estejam em atividades livres ou dirigidas pelas educadoras. Cada bebê será filmado por meia hora, totalizando uma hora de gravação semanal por um período de seis meses.

Asseguramos aos responsáveis pelos bebês, bem como aos funcionários, que faremos o possível para preservar as crianças de possíveis desconfortos pela presença da pesquisadora na sala, procurando para as filmagens situações que não interfiram diretamente na atividade realizada por eles. Porém, esse é um risco, considerando-se que o pesquisador estará frequentando a creche ao longo de seis meses. Assim, caso, no decorrer da pesquisa, seja percebido qualquer tipo de prejuízo para os participantes, nos comprometemos em interromper o processo e acompanhar o caso através dos meios necessários de modo a reparar o prejuízo.

Fica esclarecido, que as imagens gravadas serão de acesso restrito ao uso da pesquisa científica. Terão acesso, portanto, apenas as pessoas diretamente envolvidas no projeto (orientadora Profa. Kátia de Souza Amorim e a mestranda Marisa von Dentz). Detalhes dos processos interativos poderão ser apresentados a outros pesquisadores da área, em congressos ou publicações científicas. No entanto, para garantir a privacidade, todos os nomes dos bebês e outros participantes serão substituídos por nomes fictícios. E, a cidade onde foram realizadas as gravações não será mencionada. Garantimos, portanto o sigilo e a confidencialidade dos dados.

A participação na pesquisa é livre e não remunerada. O propósito da pesquisa é ser desenvolvida no ambiente onde as crianças estão, na creche, sem, portanto, causar aos pais e funcionários qualquer gasto, devido à participação.

Fica esclarecido aos responsáveis legais que eles possuem livre decisão para aceitar, recusar ou a qualquer momento do percurso desistir de participar do estudo, sem que isso resulte em qualquer penalidade, modificação no tratamento ou reprovações de qualquer natureza.

Importa ressaltar que não será feito nenhum tipo de análise sobre a personalidade dos participantes, assim como não será aplicado qualquer teste de avaliação psicológica no decorrer desta pesquisa.

A fim de que possam consultar esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, será entregue a cada participante, ou responsável legal, uma cópia deste.

Depois de concluído o estudo, caso manifestem interesse, os responsáveis por esta instituição, responsáveis legais das crianças ou pessoas diretamente envolvidas nesta pesquisa poderão informar-se dos resultados deste trabalho. Assumindo o compromisso de transmitir os resultados e as descobertas referentes a este estudo.

Garantimos também, a disponibilidade para esclarecimentos sobre a pesquisa antes, no decorrer e após o seu desenvolvimento. Sendo assim, em caso de dúvidas ou diante de qualquer problema, a mestrande Marisa von Dentz se coloca à disposição para conversar através dos contatos telefônicos (16) 99129-2982 / 98191-8346 ou através do endereço eletrônico marisadentz@gmail.com. Também se coloca à disposição a orientadora desta pesquisa - Professora Katia de Souza Amorim, pelo endereço eletrônico: katiamorim@fclrp.usp.br e telefone (16) 3602-3850.

Para maiores esclarecimentos sobre os aspectos éticos da pesquisa, o participante poderá contatar diretamente o Comitê de Ética em pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP, através do endereço: Av. Bandeirantes, 3900 - bloco 23 - casa 37 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil, ou pelo telefone (16) 3602-4811. E-mail: coetp@fclrp.usp.br

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Pesquisa

Eu Andréa Pereira Benediton de Oliveira, RG 32.854.711-6, CPF 22.246.318-2, residente à Rua Glória Macarini Nascimento, nº 431, na cidade de Itanema - SP, na qualidade de responsável legal pela criança Bernardo Benediton de Oliveira, aceito que meu/minha filho (a) participe do projeto de pesquisa "Expressões emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche".

Tenho conhecimento de que este estudo deverá gravar em vídeo o ambiente do berçário, para acompanhar os bebês em interação com seus colegas, ao longo de seis meses, de modo a acompanhar a ocorrência de expressões emocionais de riso e choro entre eles. Eu afirmo ter compreendido que a participação é voluntária, livre e não paga e que minha identidade será mantida em sigilo e que poderemos interromper nossa participação a qualquer momento e em qualquer fase da pesquisa, caso desejemos, sem penalização alguma e sem qualquer prejuízo. Ainda, compreendi que a pesquisa garantirá e respeitará os aspectos éticos, sendo que estaremos amparados pela Resolução 466/12 (do Conselho Nacional de Saúde) e também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA-Lei 8.069/90). Caso tenhamos interesse em conhecer o resultado do estudo, teremos acesso ao material relacionado ao mesmo.

Entendi que as gravações do estudo serão utilizadas somente para fins de pesquisa, obedecendo aos critérios de preservação de identidade dos participantes e respeitando os aspectos éticos.

Tendo isso em mente, autorizo o uso acima descrito, assinando a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Data: 28/08/2014

Andréa P. de Oliveira
Responsável legal
RG: 32.854.711-6
Fone: 9233.440
9257.7747

Marisa von Dentz
RG: 4.612.743
Fone: (16)99129-2982

Katia de Souza Amorim
RG: 11.351.984
Fone: (16) 3602-3850

ANEXO D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do bebê focal (Bruno) da
Instituição de Educação Infantil – Armazenamento de Imagens

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Armazenamento de imagens em Banco de Dados
Responsável legal pela criança**

Você foi convidado a participar da pesquisa "*Expressões emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche*", que tem por objetivo investigar se ocorrem manifestações de expressões emocionais entre bebês pares de idade (de quatro a doze meses) na sua relação, no ambiente da creche. E, em caso afirmativo, verificar com que frequência e de que forma essas expressões acontecem, destacando particularmente as expressões de riso e choro dos bebês.

Para desenvolver a pesquisa, os bebês da sala do berçário serão gravados em suas interações, semanalmente, por uma hora, em um período de seis meses. As gravações terão como foco, dois bebês; um com idade superior a cinco meses e outro com idade superior a sete meses. Mas, apesar de haverem dois bebês principais, todos os demais poderão ser parceiros dentro da sala do berçário, uma vez que as crianças se encontram em espaço livre, bem como as educadoras desta sala.

Entendemos que você concordou em participar desta pesquisa. Portanto, através deste documento vimos solicitar sua permissão para que as gravações feitas neste estudo possam ser guardadas, num Banco de Dados.

Por "Banco de Dados", entende-se o conjunto de dados coletados em uma pesquisa, neste caso específico, consiste no conjunto de imagens coletadas nas gravações das interações dos bebês. O armazenamento das imagens tem por objetivo servir de material para outras investigações com temáticas relacionadas a esta faixa etária e que sirvam como meio de observação a fins de pesquisa, repensando com focos diferentes o mesmo material.

Esclarecemos que a realização de estudos futuros deverão obrigatoriamente obedecer aos critérios éticos de respeito aos participantes. Portanto, além das pessoas diretamente envolvidas neste projeto, outros pesquisadores da área, poderão vir a ter acesso ao material, contribuindo para a discussão e construção de conhecimentos nesse campo.

No caso desta pesquisa, o Banco de Dados, por um período de cinco anos, fará parte do Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI), do Departamento de Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP, sob responsabilidade da Profa. Dra. Katia de Souza Amorim, que pode ser contatada pelo e-mail katiamorim@ffclrp.usp.br e pelo telefone (16) 3602-3850.

Os participantes poderão fazer perguntas sobre o estudo a qualquer momento. Caso tenha algum problema ou dúvidas adicionais, eu (Marisa von Dentz) me coloco à disposição nos telefones 016 98191-8346 ou 016 9 9129-2982; e, a minha orientadora, a professora Kátia de Souza Amorim, também se coloca à disposição para esclarecimentos necessários, podendo ser encontrada no telefone (16) 3602-3850. Se ainda houver alguma dúvida, os participantes também poderão entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa nos telefones (16) 3602-4811 / Fax: (16) 3633-2660.

No decorrer da pesquisa ou após os esclarecimentos, a família possui total liberdade para interromper a participação na investigação ou não concordar com o uso do material para a composição do Banco de Dados. Assim, é reservado aos participantes o direito de interromper as gravações a qualquer momento ou de recusar a continuidade de participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalização e prejuízo.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Banco de Dados

Eu Amelisa Pereira Benedita de Oliveira, RG 32.754.716,
CPF 21.246.312-24, residente à Zelinda Macchini Nascimento, nº 431,
na cidade de Manacá SP, responsável legal pela criança
Bernardo Benedita de Oliveira, tendo concordado que
meu filho (a) participe da pesquisa intitulada: "*Expressões emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche*" onde serão gravadas por seis meses as interações dos bebês, de modo a observar se ocorrem expressões emocionais entre eles, autorizo o armazenamento destas imagens no Banco no Banco do Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI).

Eu afirmo ter compreendido que a participação é voluntária, livre e não-remunerada e que poderemos interromper esta participação a qualquer momento e em qualquer fase da pesquisa, caso desejemos, sem qualquer penalização ou prejuízo. Ainda, compreendi que a pesquisa garantirá e respeitará os aspectos éticos, sendo que estaremos amparados pela Resolução 466/12 (do Conselho Nacional de Saúde) e também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA-Lei 8.069/90). Caso tenhamos interesse em conhecer o resultado do estudo, teremos acesso ao material relacionado ao mesmo.

Entendi que, através desta autorização, as gravações do estudo permanecerão guardadas no Banco de Dado do centro de pesquisa do CINDEI, por um período de cinco anos, servindo à realização de estudos futuros, sendo que, para cada reutilização, será feito novo processo de avaliação no Comitê de Ética em Pesquisa. Desse modo, além das pessoas envolvidas no projeto, outros pesquisadores da área, do CINDEI, poderão vir a ter acesso às gravações. Compreendi que, essas gravações ficarão restritas apenas para o uso de pesquisa científica, não as divulgando a outros.

Diante do exposto acima, declaro que estou ciente das informações recebidas e que concordo com o armazenamento da gravação, optando por:

- () assinar um novo consentimento a cada pesquisa que for realizada utilizando este material.
 (x) dispensar a assinatura de um novo consentimento a cada pesquisa.

Tendo isso esclarecido, AUTORIZO o armazenamento das gravações no Banco de Dados do CINDEI, assinando a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Data: 28/08/2014

Conselho de Classe
 Responsável legal
 RG: 32 754 711-6
 Fone: 1253 3742

Marisa von Dentz
 Marisa von Dentz
 RG: 4.612.743
 Fone: (16)99129-2982

Katia de Souza Amorim
 Katia de Souza Amorim
 RG: 11.351.984
 Fone: (16) 3602-3850

ANEXO E - Termo de Consentimento do bebê parceiro (Rafael) da Instituição de Educação Infantil

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Responsável pelo bebê na creche

Como responsável legal pelo bebê, a (o) convidamos para participar da pesquisa de Mestrado sobre *"Expressões emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche"*, a ser desenvolvida pela mestranda Marisa von Dentz, orientada pela Professora Livre Docente Katia de Souza Amorim, ambas do Programa de Pós Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

A pesquisa tem por objetivo investigar se ocorrem manifestações de expressões emocionais entre bebês pares de idade (de quatro a doze meses) na sua relação, no ambiente da creche. E, em caso afirmativo, verificar com que frequência e de que forma essas expressões acontecem, destacando particularmente as expressões de riso e choro dos bebês.

Justifica esse estudo a crescente inserção das mães no mercado de trabalho e por consequência o surgimento da necessidade de compartilhar o cuidado e a educação dos filhos, sendo que um lugar crescentemente procurado são as creches.

Esta pesquisa é importante por serem poucas as estratégias de trabalho com bebês menores de um ano, em creches. Uma melhor compreensão das capacidades interativas de bebês através do estudo das expressões emocionais, pode vir a ajudar as educadoras e as famílias a lidarem com os bebês, partindo do conhecimento de suas capacidades expressivas no primeiro ano de vida.

Para desenvolver a pesquisa, serão feitas vídeo gravações que terão como foco, dois bebês; um com idade superior a cinco meses e outro com idade superior a sete meses. Apesar de haverem dois bebês principais, todos os demais poderão ser parceiros dentro da sala do berçário, uma vez que as crianças se encontram em espaço livre, bem como as educadoras desta sala. Só serão gravadas, no entanto, aquelas crianças cujos responsáveis autorizarem a participação no estudo.

As gravações acontecerão semanalmente, sendo que a cada semana será em um dia diferente, sendo privilegiados horários da rotina onde as crianças estejam em atividades livres ou dirigidas pelas educadoras. Cada bebê será filmado por meia hora, totalizando uma hora de gravação semanal por um período de seis meses.

Asseguramos aos responsáveis pelos bebês, bem como aos funcionários, que faremos o possível para preservar as crianças de possíveis desconfortos pela presença da pesquisadora na sala, procurando para as filmagens situações que não interfiram diretamente na atividade realizada por eles. Porém, esse é um risco, considerando-se que o pesquisador estará frequentando a creche ao longo de seis meses. Assim, caso, no decorrer da pesquisa, seja percebido qualquer tipo de prejuízo para os participantes, nos comprometemos em interromper o processo e acompanhar o caso através dos meios necessários de modo a reparar o prejuízo.

Fica esclarecido, que as imagens gravadas serão de acesso restrito ao uso da pesquisa científica. Terão acesso, portanto, apenas as pessoas diretamente envolvidas no projeto (orientadora Profa. Kátia de Souza Amorim e a mestranda Marisa von Dentz). Detalhes dos processos interativos poderão ser apresentados a outros pesquisadores da área, em congressos ou publicações científicas. No entanto, para garantir a privacidade, todos os nomes dos bebês e outros participantes serão substituídos por nomes fictícios. E, a cidade onde foram realizadas as gravações não será mencionada. Garantimos, portanto o sigilo e a confidencialidade dos dados.

A participação na pesquisa é livre e não remunerada. O propósito da pesquisa é ser desenvolvida no ambiente onde as crianças estão, na creche, sem, portanto, causar aos pais e funcionários qualquer gasto, devido à participação.

Fica esclarecido aos responsáveis legais que eles possuem livre decisão para aceitar, recusar ou a qualquer momento do percurso desistir de participar do estudo, sem que isso resulte em qualquer penalidade, modificação no tratamento ou reprovações de qualquer natureza.

Importa ressaltar que não será feito nenhum tipo de análise sobre a personalidade dos participantes, assim como não será aplicado qualquer teste de avaliação psicológica no decorrer desta pesquisa.

A fim de que possam consultar esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, será entregue a cada participante, ou responsável legal, uma cópia deste.

Depois de concluído o estudo, caso manifestem interesse, os responsáveis por esta instituição, responsáveis legais das crianças ou pessoas diretamente envolvidas nesta pesquisa poderão informar-se dos resultados deste trabalho. Assumimos o compromisso de transmitir os resultados e as descobertas referentes a este estudo.

Garantimos também, a disponibilidade para esclarecimentos sobre a pesquisa antes, no decorrer e após o seu desenvolvimento. Sendo assim, em caso de dúvidas ou diante de qualquer problema, a mestrando Marisa von Dentz se coloca à disposição para conversar através dos contatos telefônicos (16) 99129-2982 / 98191-8346 ou através do endereço eletrônico marisadentz@gmail.com. Também se coloca à disposição a orientadora desta pesquisa - Professora Katia de Souza Amorim, pelo endereço eletrônico: katiamorim@fclrp.usp.br e telefone (16) 3602-3850.

Para maiores esclarecimentos sobre os aspectos éticos da pesquisa, o participante poderá contatar diretamente o Comitê de Ética em pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP, através do endereço: Av. Bandeirantes, 3900 - bloco 23 - casa 37 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil, ou pelo telefone (16) 3602-4811. E-mail: coetp@fclrp.usp.br

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Pesquisa

Eu Raquel Mendes, RG 43.085.050-5, CPF 21.023.998-96, residente Av. João Zaccaria, 1000, nº 5235 na cidade de Zimone, SP, na qualidade de responsável legal pela criança meu/milha filho (a) participe do projeto de pesquisa "Expressões emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche", aceito que

Tenho conhecimento de que este estudo deverá gravar em vídeo o ambiente do berçário, para acompanhar os bebês em interação com seus colegas, ao longo de seis meses, de modo a acompanhar a ocorrência de expressões emocionais de riso e choro entre eles. Eu afirmo ter compreendido que a participação é voluntária, livre e não paga e que nossa identidade será mantida em sigilo e que poderemos interromper nossa participação a qualquer momento e em qualquer fase da pesquisa, caso desejemos, sem penalização alguma e sem qualquer prejuízo. Ainda, compreendi que a pesquisa garantirá e respeitará os aspectos éticos, sendo que estaremos amparados pela Resolução 466/12 (do Conselho Nacional de Saúde) e também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA-Lei 8.069/90). Caso tenhamos interesse em conhecer o resultado do estudo, teremos acesso ao material relacionado ao mesmo.

Entendi que as gravações do estudo serão utilizadas somente para fins de pesquisa, obedecendo aos critérios de preservação de identidade dos participantes e respeitando os aspectos éticos.

Tendo isso em mente, autorizo o uso acima descrito, assinando a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Data: 28/08/2014

Raquel Mendes
Responsável legal
RG: 43.085.050-5
Fone: 92063493

Marisa von Dentz
RG: 4.612.743
Fone: (16)99129-2982

Katia de Souza Amorim
RG: 11.351.984
Fone: (16) 3602-3850

ANEXO F - Termo de Consentimento do bebê parceiro (Rafael) da Instituição de Educação Infantil - Armazenamento de Imagens

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Armazenamento de Imagens em Banco de Dados
Responsável legal pela criança**

Você foi convidado a participar da pesquisa "*Expressões emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche*", que tem por objetivo investigar se ocorrem manifestações de expressões emocionais entre bebês pares de idade (de quatro a doze meses) na sua relação, no ambiente da creche. E, em caso afirmativo, verificar com que frequência e de que forma essas expressões acontecem, destacando particularmente as expressões de riso e choro dos bebês.

Para desenvolver a pesquisa, os bebês da sala do berçário serão gravados em suas interações, semanalmente, por uma hora, em um período de seis meses. As gravações terão como foco, dois bebês; um com idade superior a cinco meses e outro com idade superior a sete meses. Mas, apesar de haverem dois bebês principais, todos os demais poderão ser parceiros dentro da sala do berçário, uma vez que as crianças se encontram em espaço livre, bem como as educadoras desta sala.

Entendemos que você concordou em participar desta pesquisa. Portanto, através deste documento vimos solicitar sua permissão para que as gravações feitas neste estudo possam ser guardadas, num Banco de Dados.

Por "Banco de Dados", entende-se o conjunto de dados coletados em uma pesquisa, neste caso específico, consiste no conjunto de imagens coletadas nas gravações das interações dos bebês. O armazenamento das imagens tem por objetivo servir de material para outras investigações com temáticas relacionadas a esta faixa etária e que sirvam como meio de observação a fins de pesquisa, repensando com focos diferentes o mesmo material.

Esclarecemos que a realização de estudos futuros deverão obrigatoriamente obedecer aos critérios éticos de respeito aos participantes. Portanto, além das pessoas diretamente envolvidas neste projeto, outros pesquisadores da área, poderão vir a ter acesso ao material, contribuindo para a discussão e construção de conhecimentos nesse campo.

No caso desta pesquisa, o Banco de Dados, por um período de cinco anos, fará parte do Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI), do Departamento de Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP, sob responsabilidade da Profa. Dra. Katia de Souza Amorim, que pode ser contatada pelo e-mail katiamorim@ffclrp.usp.br e pelo telefone (16) 3602-3850.

Os participantes poderão fazer perguntas sobre o estudo a qualquer momento. Caso tenha algum problema ou dúvidas adicionais, eu (Marisa von Dentz) me coloco à disposição nos telefones 016 98191-8346 ou 016 9 9129-2982; e, a minha orientadora, a professora Kátia de Souza Amorim, também se coloca à disposição para esclarecimentos necessários, podendo ser encontrada no telefone (16) 3602-3850. Se ainda houver alguma dúvida, os participantes também poderão entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa nos telefones (16) 3602-4811 / Fax: (16) 3633-2660.

No decorrer da pesquisa ou após os esclarecimentos, a família possui total liberdade para interromper a participação na investigação ou não concordar com o uso do material para a composição do Banco de Dados. Assim, é reservado aos participantes o direito de interromper as gravações a qualquer momento ou de recusar a continuidade de participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalização e prejuízo.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Banco de Dados

Eu Rafael Emanuel, RG 43.685.650-5,
CPF 226.334.46-13, residente à Rua Yacobi, 200, 1º andar (Ribeirão Preto), nº 225,
na cidade de Ribeirão Preto, SP, responsável legal pela criança
Rafael Emanuel de Souza, tendo concordado que
meu filho (a) participe da pesquisa intitulada: "*Expressões emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche*" onde serão gravadas por seis meses as interações dos bebês, de modo a observar se ocorrem expressões emocionais entre eles, autorizo o armazenamento destas imagens no Banco de Dados do Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI).

Eu afirmo ter compreendido que a participação é voluntária, livre e não-remunerada e que poderemos interromper esta participação a qualquer momento e em qualquer fase da pesquisa, caso desejemos, sem qualquer penalização ou prejuízo. Ainda, compreendi que a pesquisa garantirá e respeitará os aspectos éticos, sendo que estaremos amparados pela Resolução 466/12 (do Conselho Nacional de Saúde) e também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA-Lei 8.069/90). Caso tenhamos interesse em conhecer o resultado do estudo, teremos acesso ao material relacionado ao mesmo.

Entendi que, através desta autorização, as gravações do estudo permanecerão guardadas no Banco de Dados do centro de pesquisa do CINDEDI, por um período de cinco anos, servindo à realização de estudos futuros, sendo que, para cada reutilização, será feito novo processo de avaliação no Comitê de Ética em Pesquisa. Desse modo, além das pessoas envolvidas no projeto, outros pesquisadores da área, do CINDEDI, poderão vir a ter acesso às gravações. Compreendi que, essas gravações ficarão restritas apenas para o uso de pesquisa científica, não as divulgando a outros.

Diante do exposto acima, declaro que estou ciente das informações recebidas e que concordo com o armazenamento da gravação, optando por:

- () assinar um novo consentimento a cada pesquisa que for realizada utilizando este material.
 (x) dispensar a assinatura de um novo consentimento a cada pesquisa.

Tendo isso esclarecido, AUTORIZO o armazenamento das gravações no Banco de Dados do CINDEDI, assinando a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Data 22/08/2014

Zaqueu von Dentz
 Responsável legal
 RG: 43.689.650-5
 Fone: 99266 4493

Marisa von Dentz
 Marisa von Dentz
 RG: 4.612.743
 Fone: (16)99129-2982

Katia de Souza Amorim
 Katia de Souza Amorim
 RG: 11.351.984
 Fone: (16) 3602-3850

ANEXO G - Termo de Consentimento do bebê parceiro (Laíz) da Instituição de Educação Infantil

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Responsável pelo bebê na creche

Como responsável legal pelo bebê, a (o) convidamos para participar da pesquisa de Mestrado sobre *"Expressões emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche"*, a ser desenvolvida pela mestranda Marisa von Dentz, orientada pela Professora Livre Docente Katia de Souza Amorim, ambas do Programa de Pós Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

A pesquisa tem por objetivo investigar se ocorrem manifestações de expressões emocionais entre bebês pares de idade (de quatro a doze meses) na sua relação, no ambiente da creche. E, em caso afirmativo, verificar com que frequência e de que forma essas expressões acontecem, destacando particularmente as expressões de riso e choro dos bebês.

Justifica esse estudo a crescente inserção das mães no mercado de trabalho e por consequência o surgimento da necessidade de compartilhar o cuidado e a educação dos filhos, sendo que um lugar crescentemente procurado são as creches.

Esta pesquisa é importante por serem poucas as estratégias de trabalho com bebês menores de um ano, em creches. Uma melhor compreensão das capacidades interativas de bebês através do estudo das expressões emocionais, pode vir a ajudar as educadoras e as famílias a lidarem com os bebês, partindo do conhecimento de suas capacidades expressivas no primeiro ano de vida.

Para desenvolver a pesquisa, serão feitas vídeo gravações que terão como foco, dois bebês; um com idade superior a cinco meses e outro com idade superior a sete meses. Apesar de haverem dois bebês principais, todos os demais poderão ser parceiros dentro da sala do berçário, uma vez que as crianças se encontram em espaço livre, bem como as educadoras desta sala. Só serão gravadas, no entanto, aquelas crianças cujos responsáveis autorizarem a participação no estudo.

As gravações acontecerão semanalmente, sendo que a cada semana será em um dia diferente, sendo privilegiados horários da rotina onde as crianças estejam em atividades livres ou dirigidas pelas educadoras. Cada bebê será filmado por meia hora, totalizando uma hora de gravação semanal por um período de seis meses.

Asseguramos aos responsáveis pelos bebês, bem como aos funcionários, que faremos o possível para preservar as crianças de possíveis desconfortos pela presença da pesquisadora na sala, procurando para as filmagens situações que não interfiram diretamente na atividade realizada por eles. Porém, esse é um risco, considerando-se que o pesquisador estará frequentando a creche ao longo de seis meses. Assim, caso, no decorrer da pesquisa, seja percebido qualquer tipo de prejuízo para os participantes, nos comprometemos em interromper o processo e acompanhar o caso através dos meios necessários de modo a reparar o prejuízo.

Fica esclarecido, que as imagens gravadas serão de acesso restrito ao uso da pesquisa científica. Terão acesso, portanto, apenas as pessoas diretamente envolvidas no projeto (orientadora Profa. Kátia de Souza Amorim e a mestranda Marisa von Dentz). Detalhes dos processos interativos poderão ser apresentados a outros pesquisadores da área, em congressos ou publicações científicas. No entanto, para garantir a privacidade, todos os nomes dos bebês e outros participantes serão substituídos por nomes fictícios. E, a cidade onde foram realizadas as gravações não será mencionada. Garantimos, portanto o sigilo e a confidencialidade dos dados.

A participação na pesquisa é livre e não remunerada. O propósito da pesquisa é ser desenvolvida no ambiente onde as crianças estão, na creche, sem, portanto, causar aos pais e funcionários qualquer gasto, devido à participação.

Fica esclarecido aos responsáveis legais que eles possuem livre decisão para aceitar, recusar ou a qualquer momento do percurso desistir de participar do estudo, sem que isso resulte em qualquer penalidade, modificação no tratamento ou reprovações de qualquer natureza.

Importa ressaltar que não será feito nenhum tipo de análise sobre a personalidade dos participantes, assim como não será aplicado qualquer teste de avaliação psicológica no decorrer desta pesquisa.

A fim de que possam consultar esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, será entregue a cada participante, ou responsável legal, uma cópia deste.

Depois de concluído o estudo, caso manifestem interesse, os responsáveis por esta instituição, responsáveis legais das crianças ou pessoas diretamente envolvidas nesta pesquisa poderão informar-se dos resultados deste trabalho. Assumimos o compromisso de transmitir os resultados e as descobertas referentes a este estudo.

Garantimos também, a disponibilidade para esclarecimentos sobre a pesquisa antes, no decorrer e após o seu desenvolvimento. Sendo assim, em caso de dúvidas ou diante de qualquer problema, a mestrande Marisa von Dentz se coloca à disposição para conversar através dos contatos telefônicos (16) 99129-2982 / 98191-8346 ou através do endereço eletrônico marisadentz@gmail.com. Também se coloca à disposição a orientadora desta pesquisa - Professora Katia de Souza Amorim, pelo endereço eletrônico: katiamorim@ffclrp.usp.br e telefone (16) 3602-3850.

Para maiores esclarecimentos sobre os aspectos éticos da pesquisa, o participante poderá contar diretamente o Comitê de Ética em pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP, através do endereço: Av. Bandeirantes, 3900 - bloco 23 - casa 37 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil, ou pelo telefone (16) 3602-4811. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Pesquisa

Eu Roberto Custódio Lima, RG 47581008, CPF 35270472918 residente à Rua Marques da Silva, nº 510, na cidade de Itanhoa - SP, na qualidade de responsável legal pela criança Isabella André Lima aceito que meu/minha filho (a) participe do projeto de pesquisa "Expressões emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche".

Tenho conhecimento de que este estudo deverá gravar em vídeo o ambiente do berçário, para acompanhar os bebês em interação com seus colegas, ao longo de seis meses, de modo a acompanhar a ocorrência de expressões emocionais de riso e choro entre eles. Eu afirmo ter compreendido que a participação é voluntária, livre e não paga e que nossa identidade será mantida em sigilo e que poderemos interromper nossa participação a qualquer momento e em qualquer fase da pesquisa, caso desejemos, sem penalização alguma e sem qualquer prejuízo. Ainda, compreendi que a pesquisa garantirá e respeitará os aspectos éticos, sendo que estaremos amparados pela Resolução 466/12 (do Conselho Nacional de Saúde) e também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA-Lei 8.069/90). Caso tenhamos interesse em conhecer o resultado do estudo, teremos acesso ao material relacionado ao mesmo.

Entendi que as gravações do estudo serão utilizadas somente para fins de pesquisa, obedecendo aos critérios de preservação de identidade dos participantes e respeitando os aspectos éticos.

Tendo isso em mente, autorizo o uso acima descrito, assinando a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Data: 28/08/2014

Roberto Custódio Lima
Responsável legal
RG: 47581008
Fone: (16) 99129-7727

Marisa von Dentz Katia de Souza Amorim
RG: 4.612.743 RG: 11.351.984
Fone: (16) 99129-2982 Fone: (16) 3602-3850

ANEXO H - Termo de Consentimento do bebê parceiro (Laíz) da Instituição de Educação Infantil - Armazenamento de Imagens

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Armazenamento de Imagens em Banco de Dados
Responsável legal pela criança**

Você foi convidado a participar da pesquisa "*Expressões emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche*", que tem por objetivo investigar se ocorrem manifestações de expressões emocionais entre bebês pares de idade (de quatro a doze meses) na sua relação, no ambiente da creche. E, em caso afirmativo, verificar com que frequência e de que forma essas expressões acontecem, destacando particularmente as expressões de riso e choro dos bebês.

Para desenvolver a pesquisa, os bebês da sala do berçário serão gravados em suas interações, semanalmente, por uma hora, em um período de seis meses. As gravações terão como foco, dois bebês; um com idade superior a cinco meses e outro com idade superior a sete meses. Mas, apesar de haverem dois bebês principais, todos os demais poderão ser parceiros dentro da sala do berçário, uma vez que as crianças se encontram em espaço livre, bem como as educadoras desta sala.

Entendemos que você concordou em participar desta pesquisa. Portanto, através deste documento vimos solicitar sua permissão para que as gravações feitas neste estudo possam ser guardadas, num Banco de Dados.

Por "Banco de Dados", entende-se o conjunto de dados coletados em uma pesquisa, neste caso específico, consiste no conjunto de imagens coletadas nas gravações das interações dos bebês. O armazenamento das imagens tem por objetivo servir de material para outras investigações com temáticas relacionadas a esta faixa etária e que sirvam como meio de observação a fins de pesquisa, repensando com focos diferentes o mesmo material.

Esclarecemos que a realização de estudos futuros deverão obrigatoriamente obedecer aos critérios éticos de respeito aos participantes. Portanto, além das pessoas diretamente envolvidas neste projeto, outros pesquisadores da área, poderão vir a ter acesso ao material, contribuindo para a discussão e construção de conhecimentos nesse campo.

No caso desta pesquisa, o Banco de Dados, por um período de cinco anos, fará parte do Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI), do Departamento de Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP, sob responsabilidade da Profa. Dra. Katia de Souza Amorim, que pode ser contatada pelo e-mail katiamorim@ffclrp.usp.br e pelo telefone (16) 3602-3850.

Os participantes poderão fazer perguntas sobre o estudo a qualquer momento. Caso tenha algum problema ou dúvidas adicionais, eu (Marisa von Dentz) me coloco à disposição nos telefones 016 98191-8346 ou 016 9 9129-2982; e, a minha orientadora, a professora Kátia de Souza Amorim, também se coloca à disposição para esclarecimentos necessários, podendo ser encontrada no telefone (16) 3602-3850. Se ainda houver alguma dúvida, os participantes também poderão entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa nos telefones (16) 3602-4811 / Fax: (16) 3633-2660.

No decorrer da pesquisa ou após os esclarecimentos, a família possui total liberdade para interromper a participação na investigação ou não concordar com o uso do material para a composição do Banco de Dados. Assim, é reservado aos participantes o direito de interromper as gravações a qualquer momento ou de recusar a continuidade de participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalização e prejuízo.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Banco de Dados

Eu Elaine Guimarães Lima, RG 47581008,
CPF 35240472878, residente à Av. Marquês de São Carlos, nº 510,
na cidade de Itapetininga - SP, responsável legal pela criança
Marina Cláudia Lima, tendo concordado que
meu filho (a) participe da pesquisa intitulada: "*Expressões emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche*" onde serão gravadas por seis meses as interações dos bebês, de modo a observar se ocorrem expressões emocionais entre eles, autorizo o armazenamento destas imagens no Banco de Dados do Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI).

Eu afirmo ter compreendido que a participação é voluntária, livre e não-remunerada e que poderemos interromper esta participação a qualquer momento e em qualquer fase da pesquisa, caso desejemos, sem qualquer penalização ou prejuízo. Ainda, compreendi que a pesquisa garantirá e respeitará os aspectos éticos, sendo que estaremos amparados pela Resolução 466/12 (do Conselho Nacional de Saúde) e também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA-Lei 8.069/90). Caso tenhamos interesse em conhecer o resultado do estudo, teremos acesso ao material relacionado ao mesmo.

Entendi que, através desta autorização, as gravações do estudo permanecerão guardadas no Banco de Dados do centro de pesquisa do CINDEDI, por um período de cinco anos, servindo à realização de estudos futuros, sendo que, para cada reutilização, será feito novo processo de avaliação no Comitê de Ética em Pesquisa. Desse modo, além das pessoas envolvidas no projeto, outros pesquisadores da área, do CINDEDI, poderão vir a ter acesso às gravações. Compreendi que, essas gravações ficarão restritas apenas para o uso de pesquisa científica, não as divulgando a outros.

Diante do exposto acima, declaro que estou ciente das informações recebidas e que concordo com o armazenamento da gravação, optando por:

- () assinar um novo consentimento a cada pesquisa que for realizada utilizando este material.
☒ dispensar a assinatura de um novo consentimento a cada pesquisa.

Tendo isso esclarecido, AUTORIZO o armazenamento das gravações no Banco de Dados do CINDEDI, assinando a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Data: 28 08 / 2014

[Assinatura]
 Responsável legal
 RG: 4.727.002
 Fone: (16) 99129-7727

[Assinatura]
 Marisa von Dentz
 RG: 4.612.743
 Fone: (16) 99129-2982

[Assinatura]
 Katia de Souza Amorim
 RG: 11.351.984
 Fone: (16) 3602-3850